

MARKUS
ZUSAK

Autor de
*A MENINA
QUE ROUBAVA
LIVROS*

a
garota
que
eu quero

MARKUS
ZUSAK

Autor de
*A MENINA
QUE ROUBAVA
LIVROS*

a
garota
que
eu quero

intrinseca

A GAROTA QUE EU QUERO

Markus Zusak

Tradução de Vera Ribeiro



Copyright © Markus Zusak 2001
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL
Getting the Girl

TRADUÇÃO
Vera Ribeiro

REVISÃO
Shirley Lima
Janaina Senna

CAPA
Mariana Newlands

FOTO DE CAPA
Eyecandy Images/SuperStock

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

E-ISBN
978-85-8057-372-5

Edição digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



*Um obrigado especial a Anna McFarlane,
por sua confiança em meu trabalho de escritor.*

*Para Scout,
e para mamãe e papai.*

Foi ideia da namorada do Rube fazer os picolés de cerveja, não minha.

Vamos começar por aí.

Foi um acaso ter sido eu quem saiu perdendo por causa disso.

Sabe, sempre achei que mais cedo ou mais tarde eu ia crescer, mas isso ainda não tinha acontecido. Simplesmente era assim.

Para ser sincero, eu me perguntava se algum dia chegaria a hora de Cameron Wolfe (esse sou eu) se dar bem. Imaginara um eu diferente. Era diferente porque, naqueles momentos, eu achava que realmente me tornaria um vencedor.

A verdade, porém, era dolorosa.

Era uma verdade que me dizia, com uma brutalidade interna contundente, que eu era eu e que vencer não vinha naturalmente para mim. Era algo pelo qual tinha que lutar, nos ecos e nas pegadas trilhadas da minha mente. De certo modo, eu tinha que garimpar esses momentos de satisfação.

Eu me masturbava.

Um pouquinho.

Certo.

Certo.

Muito.

(Já me disseram que não se deve admitir esse tipo de coisa muito cedo, porque as pessoas podem se ofender. Bem, tudo que posso dizer é: por que diabos não? Por que não dizer a verdade? Caso contrário, isso tudo não tem sentido, tem?)

Tem?)

Eu queria apenas ser tocado por uma garota, um dia. Queria que ela não me olhasse como se eu fosse um perdedor imundo, rasgado, meio risonho e meio carrancudo que tentava impressioná-la.

Os dedos dela.

Na minha cabeça, eles eram sempre suaves, descendo pelo peito até minha barriga. As unhas correriam por minhas pernas, bem de leve, enchendo minha pele de arrepios. Eu sempre imaginava isso, mas me recusava a crer que fosse pura questão de tesão. E posso dizer isso porque, nos meus devaneios, as mãos da garota paravam sempre no meu coração. Todas as vezes. Eu dizia a mim mesmo que era *ali* que queria que ela me tocasse.

Havia sexo, é claro.

Nudez.

Sempre presente, entrando e saindo dos meus pensamentos.

Mas, quando acabava, era pela voz murmurante dela que eu ansiava, e por um ser humano enroscado em meus braços. Só que, para mim, não era apenas uma porção de realidade. Eu estava engolindo visões e me espojando em minha própria mente, com a sensação de que poderia me afogar, satisfeito, dentro de uma mulher.

Nossa, como eu queria isso.

Queria me afogar dentro de uma mulher, no sentimento e no enlevo do amor que poderia lhe dar. Queria que a intensidade da pulsação dela me esmagasse. Era isso que eu queria. Era isso que eu queria ser.

Mas.

Não era.

As únicas provinhas que eu conseguia eram uma olhadela aqui e outra ali, e minhas esperanças e visões dispersas.

Os picolés de cerveja.

É claro.

Eu sabia que estava esquecendo alguma coisa.

Tinha sido um dia quente para o inverno, embora o vento continuasse frio. O sol estava quente e meio pulsante.

Estávamos sentados no quintal, ouvindo o programa das tardes de domingo sobre futebol americano e, com toda a franqueza, eu olhava para as pernas, os quadris, o rosto e os seios da namorada mais recente do meu irmão.

O irmão em questão é o Rube (Ruben Wolfe) e, no inverno de que estou falando, ele parecia ter uma nova namorada a cada poucas semanas. Às vezes eu os ouvia, quando estavam no nosso quarto — um chamado ou grito, um gemido ou até um sussurro de êxtase. Eu tinha gostado da última namorada dele desde o começo, lembro bem. O nome dela era bonito: Octavia. Era artista de rua, além de simpática, comparada a algumas das vadizinhas que o Rube havia levado para casa.

Nós a conhecemos no porto, em uma tarde de sábado no fim do outono — ela estava tocando gaita, com uma jaqueta velha estendida a seus pés na qual as pessoas jogavam trocados. Havia um monte de dinheiro nela, e Rube e eu ficamos assistindo, porque ela era muito boa mesmo e arreventava com aquela gaita. Às vezes as pessoas ficavam por perto e aplaudiam quando ela terminava. Até o Rube e eu jogamos dinheiro na jaqueta a certa altura, logo depois de um velhote de bengala e pouco antes de uns turistas japoneses.

Rube olhou para ela.

Ela olhou para ele.

Em geral, era só o que precisava, porque aquele era o Rube. Meu irmão nunca tinha que realmente dizer nem fazer nada. Bastava ficar parado em algum lugar, ou se coçar, ou até mesmo tropeçar no meio-fio, e alguma garota começava a gostar dele. Era assim com todas, e foi assim com a Octavia.

— E aí, onde você mora? — perguntou Rube.

Lembro-me do verde-mar dos olhos dela elevando-se naquele momento. Rube já ganhara a garota, eu sabia.

— Na zona sul, em Hurstville. E você?

Rube virou-se e apontou.

— Sabe aquelas ruas feias depois da Estação Central?

Ela fez que sim.

— Bom, é lá que nós moramos.

Só o Rube poderia fazer aquelas ruas horrorosas parecerem o melhor lugar do mundo — e, com aquelas palavras, ele e Octavia tinham começado.

Uma das melhores coisas na Octavia era que ela realmente reconhecia a minha existência. Não me olhava como se eu fosse um obstáculo entalado entre ela e o Rube. Sempre perguntava: “Como vão as coisas, Cam?”

A verdade é que...

O Rube nunca amou nenhuma delas.

Nunca se importou com elas.

Só as queria por serem as próximas, e por que não ficar com a próxima se era melhor que a anterior?

Nem é preciso dizer que Rube e eu não somos muito parecidos em matéria de mulher.

Mesmo assim.

Eu sempre gostei da Octavia.

Gostei quando entramos em casa naquele dia, abrimos a geladeira e vimos uma sopa de três dias, uma cenoura, um treco verde e uma lata de cerveja lá dentro. A gente se inclinou e ficou olhando fixamente.

— Perfeito.

Isso foi o Rube quem disse, em tom sarcástico.

— O que é *aquilo*? — perguntou Octavia.

— O quê?

— Aquela coisa verde.

— Não faço a mínima ideia.

— Um abacate?

— Grande demais — observei.

— Que *diabo* é aquilo? — perguntou Octavia de novo.

— Quem se importa? — intrometeu-se Rube.

Estava de olho na cerveja. O rótulo era a única coisa verde para a qual olhava fixamente.

— É do papai — disse eu, ainda fitando a geladeira.

Nenhum de nós se mexeu.

— E daí?

— Daí que ele foi ver o jogo de futebol americano do Steve com a mamãe e a Sarah. Pode querer tomar uma cerveja quando chegar.

— É, mas ele também pode comprar mais no caminho.

O seio de Octavia roçou no meu ombro quando ela se virou e saiu andando. Foi tão agradável que me fez estremecer.

Imediatamente, Rube esticou a mão e pegou a cerveja:

— Vale a pena arriscar — declarou. — De qualquer jeito, o velho tem andado de

bom humor nos últimos dias.

Ele tinha razão.

Um ano antes ele estava bem chateado por ter perdido o emprego. Agora tinha bastante trabalho e, em um ou outro sábado, me pedia para ajudá-lo. Rube também. Meu pai é bombeiro hidráulico.

Sentamos à mesa da cozinha, os três.

Rube.

Octavia.

Eu.

E a cerveja, suando no centro da mesa.

— Bem?

A pergunta foi do Rube.

— Bem o quê?

— Bem, que diabos vamos fazer com essa cerveja, seu idiota?

— Vamos ficar calminhos, tá legal?

Todos demos sorrisos tortos.

Até a Octavia sorriu, porque já estava acostumada com o jeito que Rube e eu falamos um com o outro, ou, pelo menos, o jeito que Rube fala comigo.

— Vamos dividir em três? — continuou ele. — Ou cada um toma um gole?

Foi então que Octavia teve a grande ideia.

— Que tal fazermos picolés de cerveja?

— Isso é uma piada de mau gosto? — perguntou Rube.

— É claro que não.

— Picolés de cerveja? — Rube deu de ombros e pensou um pouco. — Bem, acho que sim. Está bem quente, não é? Nós temos um daqueles troços de plástico para fazer picolé? Você sabe, com os pauzinhos?

Mas Octavia já investigava os armários, e encontrou o que estava procurando.

— Na mosca.

Sorriu (e tinha uma boca adorável, com dentes certinhos, brancos, sensuais).

— Está bem.

Agora a coisa era séria.

Rube abriu a cerveja e já ia servi-la, em quantidades iguais, é claro.

Interrupção.

Eu.

— Não devíamos lavar essas formas ou sei lá o quê?

— Por quê?

— Bom, elas provavelmente passaram uns dez anos nesse armário.

— E daí?

— Daí que devem estar todas mofadas e nojentas e...

— Será que eu posso servir a porcaria da cerveja?

Todos rimos de novo, tensos, e por fim, com muito cuidado, Rube serviu três

porções iguais de cerveja nas formas de picolé. Prendeu os palitos em cada forma de modo que ficassem de pé.

— Certo. Graças a Deus por isso — disse ele, andando lentamente para a geladeira.

— No congelador — recomendei.

Rube parou no meio do caminho, virou-se para trás devagar, com cuidado, e disse:

— Você me acha mesmo ridículo o bastante para pôr uma cerveja que acabei de *tinu* da geladeira, e de servir em formas de *picolé*, de volta na geladeira?

— Nunca se sabe.

Ele se virou de novo e continuou andando.

— Octavia, abra o congelador, sim?

Ela o fez.

— Obrigado, querida.

— Sem problemas.

E então era só uma questão de esperar os picolés endurecerem.

Passamos um tempo sentados na cozinha até Octavia perguntar — para Rube:

— Está a fim de fazer alguma coisa?

Com a maioria das garotas, essa seria a minha deixa para cair fora. Mas, com Octavia, eu não tinha certeza. Mesmo assim, fui saindo.

— Aonde você vai? — perguntou Rube.

— Não sei.

Saí da cozinha, peguei minha jaqueta para mais tarde e fui para a varanda da frente. Já quase lá fora, mencionei:

— Talvez à pista de corridas de cães. Talvez só dar umas voltas por aí.

— Tudo bem.

— Até logo, Cam.

Com uma última olhada para Rube e Octavia, percebi o desejo nos olhos deles. Octavia desejava Rube. O desejo de Rube era por uma garota, só isso. Bem simples, na verdade.

— Até — respondi, e fui embora.

A porta de tela bateu atrás de mim.

Meus pés se arrastaram.

Vesti um braço da jaqueta, depois outro.

Mangas quentes.

Colarinho amarrotado.

Mãos nos bolsos.

Tudo certo.

Saí andando.

A noite logo tomou o céu e a cidade se encolheu. Eu sabia aonde estava indo. Sem saber, sem pensar, sabia. Ia à casa de uma garota. Uma garota que eu conhecera no ano anterior, na pista de corrida de cães.

Ela gostava.

Ela gostava.

Não de mim.

Gostava do Rube.

Tinha até me chamado de perdedor uma vez, quando estava conversando com ele, e eu entreouvi meu irmão dar-lhe um fora e empurrá-la para longe.

O que eu fazia naqueles tempos era ficar parado em frente à casa dela, do outro lado da rua. Ficava lá, olhava, vigiava e torcia. E ia embora, depois que as cortinas ficavam fechadas por algum tempo. O nome dela era Stephanie.

Naquela noite, na qual hoje penso como a noite dos picolés de cerveja, fiquei lá, olhando fixamente, um pouco mais que de costume. Parado, imaginei-me indo para casa com ela e abrindo a porta para ela. Imaginei com afinco, até que uma dor funda me virou pelo avesso.

Fiquei ali.

A alma do lado de fora.

A carne do lado de dentro.

— Enfim.

Era uma boa caminhada, porque ela morava em Glebe, e eu, mais perto da Central, em uma ruazinha com bueiros desnivelados e uma linha de trem passando ali perto. Mas eu estava acostumado — com a distância e com a rua. De certo modo, na verdade sinto orgulho de onde venho. Da casa pequena. Da família Wolfe.

Muitos minutos se arrastaram enquanto eu voltava para casa e, quando vi o pequeno furgão do meu pai na nossa rua, cheguei a sorrir.

As coisas vinham mesmo correndo bem para todo mundo, ultimamente.

Para Steve, meu outro irmão.

Para Sarah, minha irmã.

Para a Sra. Wolfe — a resiliente Sra. Wolfe, minha mãe, que faz faxina em casas e no hospital para ganhar a vida.

Para Rube.

Para o papai.

E para mim.

Por alguma razão, ao voltar para casa naquela noite, eu me sentia tranquilo. Feliz pela minha família inteira, porque as coisas realmente pareciam estar indo bem para ela. Para todos os meus familiares.

Um trem passou a toda, e eu tive a sensação de ouvir a cidade inteira nele.

Veio na minha direção e depois deslizou para longe.

As coisas sempre parecem deslizar para longe.

Chegam até a gente, ficam por um momento e tornam a partir.

Naquele dia, o trem pareceu um amigo e, quando foi embora, senti alguma coisa dentro de mim tropeçar. Estava sozinho na rua e, embora continuasse sereno, a breve felicidade havia acabado e uma tristeza me dilacerou, bem devagar e com determinação. As luzes da cidade brilharam no ar, estendendo-me os braços, mas eu sabia que elas

nunca me alcançariam de verdade.

Recompus-me e entrei na varanda da frente. Dentro de casa, estavam falando de picolés e do caso da cerveja desaparecida. Na verdade, eu estava ansioso para tomar a minha parte, embora jamais consiga terminar uma lata ou garrafa inteiras de cerveja. (Simplesmente perco a sede, ao que Rube disse, certa vez: “Eu também, cara, mas continuo bebendo mesmo assim.”) Mas a ideia do picolé era pelo menos meio interessante, e eu estava pronto para entrar e experimentar.

— Eu ia tomar aquela cerveja quando chegássemos — ouvi meu pai dizer, pouco antes de entrar em casa. Havia um toque de maldade em sua voz. — E de quem foi a brilhante ideia de fazer picolés com a *minha* cerveja, quer dizer, minha última cerveja, aliás? De quem foi?

Houve uma pausa.

Uma longa pausa.

Silenciosa.

E então, finalmente, veio a resposta, no momento em que entrei na casa.

— Minha.

A única pergunta é: quem tinha falado?

Rube?

Octavia?

Não.

Fui eu.

Não me pergunte por quê, mas eu não quis que Octavia levasse uma surra (verbal, é claro) de Clifford Wolfe, meu pai. Era provável que ele fosse todo gentil com ela, mas, mesmo assim, não valia a pena arriscar. Era muito melhor ele acreditar que tinha sido eu. Estava acostumado a me ver fazer coisas ridículas.

— Por que será que não estou surpreso? — perguntou ele, virando-se para mim com os picolés nas mãos.

Sorriu.

O que foi bom, pode crer.

Depois ele deu uma risada e disse:

— Bem, Cameron, nesse caso, você não se importa se eu tomar o seu, não é?

— É claro que não.

A gente sempre diz é claro que não em situações assim, porque entende bem depressa que, na verdade, o velho está perguntando: “Posso tomar o picolé, ou devo fazer você sofrer de outras cem maneiras diferentes?” É claro que não vou arriscar.

Os picolés foram distribuídos, e Octavia e eu trocamos um sorrisinho, depois fiz o mesmo com Rube, que me estendeu seu picolé.

— Quer um pedaço? — perguntou, mas recusei.

Sai da sala, ouvindo meu pai dizer:

— Até que é bem gostoso.

Cretino.

— Aonde você foi? — perguntou-me Rube no nosso quarto, mais tarde, depois que Octavia foi embora.

Estávamos deitados nas nossas camas, conversando, cada qual em um lado do quarto.

— Só dei umas voltas por aí.

— Lá para os lados de Glebe?

Olhei para ele e perguntei:

— O que isso significa?

— Significa — prosseguiu Rube com um suspiro — que um dia Octavia e eu seguimos você, só por curiosidade, e o vimos em frente a uma casa, olhando pela janela. Você é um cara meio solitário, não é?

Na hora, os momentos se contorciam e se enroscaram, e ouvi o trânsito ao longe, roncando quase em silêncio. Longe daquilo tudo. Longe de Cameron Wolfe e Ruben Wolfe discutindo que diabo eu fazia em frente à casa de uma garota que não me dava a menor bola.

Então engoli em seco, respirei fundo e respondi a meu irmão:

— É, acho que sou.

Não havia mais nada que eu pudesse dizer. Não havia como disfarçar. Houve só um ligeiro momento de espera, verdade e sentimento, depois uma ruptura, e continuei:

— É aquela garota, a Stephanie.

— Aquela vadia — xingou Rube.

— Eu sei, mas...

— Eu sei — interrompeu ele. — Não faz diferença se ela disse que detestava você ou se o chamou de perdedor. A gente sente o que sente.

A gente sente o que sente.

Era uma das maiores verdades que o Rube já tinha dito, pouco antes de uma quietude sufocar o quarto.

No quintal da casa vizinha, ouvimos um cachorro latir. Era Miffy, um deplorável lulu-da-pomerânia que adorávamos detestar, mas que, mesmo assim, ainda levávamos para passear algumas vezes por semana.

— Parece que o Miffy está meio aborrecido — observou Rube, depois de algum tempo.

— É.

Ri um pouco.

Um cara meio solitário. Um cara meio solitário...

A afirmação do Rube reverberou dentro de mim até sua voz parecer um martelo.

Mais tarde, quando me levantei e sentei na varanda e assisti às sombras do trânsito passarem, disse a mim mesmo que tudo bem ser assim, desde que eu continuasse faminto. Parecia haver uma coisa brotando dentro de mim. Era algo que eu não via, nem conhecia ou entendia. Simplesmente estava lá, misturando-se no meu sangue.

Muito depressa, muito repentinamente, palavras despencaram pela minha mente. Aterrissaram no piso dos meus pensamentos e lá, lá embaixo, comeci a catá-las. Eram

excertos de verdade recolhidos do meu interior.

Mesmo à noite, na cama, elas me acordaram.

Pintaram-se no teto.

Gravaram-se a fogo nos lençóis da memória estendidos na minha mente.

Quando acordei, no dia seguinte, escrevi-as em um papel rasgado. E, para mim, o mundo mudou de cor naquela manhã.

AS PALAVRAS DE
CAMERON

Nada vem fácil para um ser humano como eu.

Isto não é uma queixa.

É só uma verdade.

O único problema é que agora tenho visões derrumadas no chão da minha mente. Tenho palavras lá dentro que estou tentando fazer com que saiam. Tentando escrever.

Palavras que vou escrever para mim.

Uma história pela qual vou lutar.

E assim começa...

É noite e caminho pela cidade da minha mente. Por ruas e becos. Por entre prédios que estremecem. Por entre casas recurvadas, com as mãos nos bolsos.

Ao passar por essas ruas, às vezes tenho a sensação de que elas é que andam por mim. Os pensamentos dentro de mim parecem sangue.

Eu ando.

Percebo.

Para onde estou indo?, pergunto a mim mesmo.

O que estou procurando?

Mas continuo a andar, e me aprofundo mais na direção de um lugar desconhecido nesta cidade. Sou atrevido para ele.

Passo por carros feridos.

Deixo escadas mal iluminadas.

Até chegar lá.

Sinto.

Sei.

Sei que encontrei meu ceme em uma ruela batida por sombras, em um beco em algum lugar deste lugar.

No fundo, alguma coisa espera.

Dois olhos brilham.

Engulo em seco.

Meu coração me bate.

E então continuo andando, para descobrir o que é...

Passo.

Batida do coração.

Passo.

Meu irmão mais velho, Steven Wolfe, é o que se chamaria de um cara durão. É bem-sucedido. É inteligente. É determinado.

O negócio é que nada jamais detém o Steve. Isso não está apenas *dentro* dele. Está sobre ele, em volta dele. É algo que a gente pode farejar, sentir. A voz dele é forte e calculada, e tudo nele diz: “Você não vai me atrapalhar.” Quando conversa com as pessoas, ele é bastante amável, mas, no minuto em que tentam levar vantagem sobre ele, pode esquecer. Se alguém lhe passar a perna, você pode apostar a sua casa que meu irmão vai aprontar em dobro com o sujeito. Steve nunca esquece.

Já eu, por outro lado.

Não me pareço muito com Steve nesse ponto.

Eu meio que perambulo muito por aí.

É o que faço.

Pessoalmente, acho que isso vem do fato de eu não ter muitos amigos, ou, na verdade, amigo nenhum, pensando bem.

Houve uma época em que eu realmente ansiava por fazer parte de um grupo de amigos. Queria uma turma de caras pelos quais me sentisse disposto a derramar meu sangue. Nunca aconteceu. Quando eu era mais novo, tive um amigo chamado Greg, que era legal. Na verdade, fizemos uma porção de coisas juntos. Depois nos afastamos. Isso vive acontecendo com as pessoas, acho. Não é nada especial. De certo modo, faço parte do grupo dos Wolfe, e isso basta. Sei, sem a menor dúvida, que derramaria sangue por qualquer um da minha família.

Em qualquer lugar.

A qualquer hora.

Meu melhor amigo é Rube.

Já Steve, por outro lado, tem muitos amigos, mas não derramaria sangue por nenhum deles, porque não confia que fariam o mesmo por ele. Nesse sentido, ele é tão sozinho quanto eu.

Ele é sozinho.

Eu sou sozinho.

Só que, por acaso, há pessoas em volta dele, só isso. (Pessoas no sentido de amigos, é claro.)

Mas, enfim, a razão por que estou lhe dizendo tudo isso é que, às vezes, quando saio perambulando à noite, vou até o apartamento do Steve, que fica a cerca de um quilômetro lá de casa. Em geral, é quando não aguento ficar em frente à casa daquela garota, quando a dor disso dói demais.

O Steve mora em um lugar legal, no segundo andar, e tem uma garota que também mora lá. Muitas vezes, no entanto, ela não está em casa, porque faz várias viagens de negócios e coisas assim por conta da empresa em que trabalha. Sempre achei que ela era bem legal, acho, já que me aguentava quando eu visitava Steve e ela estava em casa. Seu

nome é Sal e ela tem pernas bonitas. Esse é um detalhe de que nunca consigo escapar.

— Oi, Cam.

— Oi, Steve.

É o que dizemos toda vez que aparece e ele está em casa.

Não foi diferente na noite seguinte ao incidente do picolé de cerveja. Toquei a campainha no térreo. Ele me mandou subir. Dissemos o que sempre dizemos.

O engraçado é que, com o tempo, ficamos melhores em conversar um com o outro. Na primeira vez, só ficamos sentados, tomamos café preto e não dissemos nada. Deixamos os olhos vagarem pelos poços de café e as vozes permanecerem adormecidas e em silêncio. Eu sempre pensei que talvez Steve guardasse uma espécie de ressentimento da família Wolfe por parecer o único bem-sucedido, pelo menos aos olhos do mundo. Era como se talvez tivesse bons motivos para se envergonhar de nós. Nunca tive certeza.

Nos últimos tempos, depois que ele resolveu jogar futebol americano por mais um ano, chegamos até a ir ao campo ali perto para bater uma bola. (Ou, na verdade, o Steve treinou chutes a gol e eu devolvia a bola.) Íamos lá, ele acendia as luzes e, mesmo quando fazia um frio danado e havia uma camada de gelo no chão e nossos pulmões eram destruídos pelo ar do inverno, sempre passávamos algum tempo lá. Quando ficava muito tarde, ele até me deixava em casa.

Nunca perguntava como o pessoal ia. Nunca. Steve era mais específico.

— A mamãe continua trabalhando até cair?

— Sim.

— O papai está com trabalho suficiente?

— Sim.

— A Sarah continua a sair, encher a cara e voltar para casa fedendo a boate, fumaça e bebida?

— Não, ela saiu dessa. Está sempre fazendo hora extra no trabalho. Ela vai bem.

— O Rube continua a ser o Sr. Agito? Uma namorada atrás da outra? Uma briga atrás da outra?

— Não, ninguém mais tem coragem de brigar com ele. — Rube é, sem dúvida, um dos melhores lutadores desta parte da cidade. Já provou isso. Inúmeras vezes. — Mas você tem razão sobre as garotas.

— É claro.

Steve assentiu, e é aí que as coisas sempre ficam meio tensas: quando se trata de perguntar sobre mim.

O que ele poderia perguntar?

“Continua sem nenhum amigo, Cameron?”

“Continua completamente sozinho, Cameron?”

“Continua perambulando pelas ruas, Cameron?”

“Continua com as mãos ocupadas embaixo do lençol, Cameron?”

Não.

Toda vez, ele evita o assunto, como na noite de que estou falando.

— E você? — perguntou. Suspiro. — Sobrevivendo?

— É. — Balancei a cabeça. — Sempre.

Depois disso, houve mais silêncio, até eu perguntar com quem ele jogaria naquele fim de semana.

Como eu disse antes, o Steve resolveu jogar mais um último ano de futebol americano. No começo da temporada, seu antigo time implorou para que ele voltasse. Implorou tanto que ele acabou cedendo e, desde então, o time não perdeu um jogo. Steve é assim.

Naquela noite de segunda-feira, eu ainda estava com minhas palavras no bolso, porque havia decidido carregá-las comigo para todo canto. Ainda estavam em um pedaço de papel amarrotado, e muitas vezes conferi para ver se continuavam lá. Por um instante, à mesa do Steve, cheguei a me imaginar falando sobre aquilo com ele. Eu me vi, me ouvi e me senti explicando que aquilo me fazia sentir que eu valia a pena, que eu simplesmente estava *bem*. Mas não falei nada. Absolutamente nada, mesmo enquanto pensava: *Acho que é isso que todos desejamos, de vez em quando. Estar bem. Estar legal.* Era a imagem de olhar dentro de um espelho e não desejar nada, não precisar de nada, porque estava tudo ali...

Com as palavras nas mãos, era assim que eu me sentia.

Mencei a cabeça.

Diante daquela perspectiva.

— O que é? — perguntou Steve.

— Nada.

— Tudo bem.

O telefone tocou.

Steve:

— Alô.

Do outro lado:

— Oi, sou eu.

— Quem diabos é *ele*?

Era o Rube.

Steve sabia.

Eu sabia.

Mesmo a uma boa distância do telefone, dava para saber que era o Rube, porque ele fala alto, especialmente ao telefone.

— Cameron está aí?

— Está.

— Vocês vão ao campo de futebol?

— Talvez. — Steve me olhou e eu assenti. — Vamos, sim — respondeu.

— Chego lá em dez minutos.

— Está bem. Tchau.

— Tchau.

No fundo, acho que eu preferia quando íamos só Steve e eu. Rube era sempre genial, vivia inventando coisas e fazendo maluquices, mas, quando éramos eu e Steve, eu gostava da tranquila intensidade de tudo aquilo. A gente podia ficar sem dizer uma palavra, e eu podia só jogar a bola de volta, com força e em linha reta, e deixar a sujeira e o cheiro dela baterem no meu peito, mas eu adorava aquela sensação, assim como a ideia de ser parte de algo silencioso e verdadeiro.

Não que eu nunca tivesse momentos assim com Rube. Eu tinha muitos momentos ótimos com ele. Só acho que, com Steve, a gente realmente tem que conquistar esses momentos. Você ficaria esperando para sempre se quisesse um deles de graça. Como eu já disse, por outras razões, Steve é assim.

Quando descíamos para o térreo, minutos depois, ele disse:

— Ainda estou dolorido por causa do jogo de ontem. Tomei porrada nas costelas umas cinco vezes.

Era sempre a mesma coisa nos jogos do Steve. O outro time sempre tratava de derrubá-lo com força. Ele sempre se levantava.

Ficamos parados na rua, esperando Rube.

— Oi, garotos.

Ao chegar, Rube estava um pouco sem fôlego por causa da corrida. Seu cabelo macio, ondulado e volumoso era bonito demais para o próprio bem dele, apesar de estar muito mais curto do que antes. Ele usava apenas uma camiseta de time, uma bermuda feita com uma calça de corrida cortada e tênis. Saía vapor condensado de sua boca, por causa do frio.

Começamos a andar, e Steve continuava o mesmo de sempre. Estava com as mesmas calças jeans velhas que usava no campo de futebol e camisa de flanela xadrez. Chuteiras. Seus olhos ficaram atentos, esquadrinhando o caminho, e o cabelo era curto e espetado, de aspecto áspero. Steve era alto e rude; exatamente o tipo de sujeito com quem se gostaria de andar pela rua.

Especialmente no centro da cidade.

Especialmente no escuro.

E então havia eu.

Talvez a melhor maneira de me descrever naquela noite fosse reexaminar meus irmãos. Ambos tinham tudo sob controle. Rube, de um jeito temerário, no estilo *haja o que houver, estarei pronto quando for a hora*. Steve, no estilo *não há nada que você possa fazer que vá me ferir*.

Meu rosto era o normal para mim. Concentrava-se em muitas coisas, mas nunca por muito tempo, e acabava ficando voltado para meus pés, que percorriam a ladeira leve. Meu cabelo estava arrepiado, e era crespo e desalinhado. Eu usava uma camiseta igual à do Rube (só que a minha estava um pouco mais desbotada), jeans velhos, uma jaqueta impermeável e botas. Disse a mim mesmo que, embora nunca pudesse ter a aparência de meus irmãos, eu ainda tinha *alguma coisa*.

Tinha as palavras no meu bolso.

Talvez fosse isso que eu tinha.

Isso e saber que eu havia caminhado mil vezes sozinho pela cidade, e que sabia andar pelas ruas com mais sentimento que qualquer um, como se andasse por dentro de mim. Tenho certeza de que era assim — mais uma sensação que um jeito.

No campo, Steve deu chutes a gol.

Rube deu chutes a gol.

Eu devolvi a bola para eles.

Quando Steve chutava, a bola subia alto e continuava a se elevar entre as traves. Era um chute limpo e de longo alcance, e, quando descia, a bola batia no meu peito com uma força completa e entorpecedora. Os chutes do Rube, por outro lado, faziam a bola girar e espiralar, baixa e forte, mas também passava entre as traves. Sempre.

Eles chutavam de toda parte. De perto. De longe. Até de fora do campo.

— Ei, Cam! — gritou Rube, a certa altura. — Venha aqui dar um chute!

— Não, cara, estou legal.

Mas os dois me obrigaram. A vinte jardas de distância, vinte jardas à esquerda. Fui até lá com o coração trêmulo. Meus pés se firmaram, chutei a bola e ela partiu para as traves.

Fez uma curva.

Rodopiou.

Em seguida, bateu na trave direita e desabou no gramado.

Silêncio.

— Foi um bom chute, Cameron — comentou Steve, e nós três ficamos lá, parados na grama úmida e gotejante.

Eram oito e quinze.

Às oito e meia, Rube foi embora, e eu tinha dado mais sete chutes.

Pouco depois das nove e meia, Steve continuava parado atrás das traves e eu ainda não havia conseguido fazer a bola passar. Pedacos de escuridão pesavam no céu, e agora éramos só Steve e eu.

Toda vez que meu irmão devolvia a bola, eu procurava por um toque de reclamação, mas ele nunca veio. Se fôssemos mais novos, ele poderia ter me chamado de imprestável. De incorrigível. Tudo o que fez naquela noite, porém, foi chutar a bola de volta para mim e aguardar.

Quando enfim a bola venceu a distância e passou entre as traves, Steve a pegou e ficou parado.

Sem um sorriso.

Sem um aceno de cabeça nem sinal de reconhecimento.

Ainda não.

Pouco depois, ele veio andando com a bola embaixo do braço e, quando estava a pouco menos de dez metros de mim, lançou-me um olhar.

Seus olhos me fitaram de um jeito diferente.

Com uma expressão vaidosa.

Então.

Eu nunca tinha visto o rosto de uma pessoa se abrir daquele jeito.

De orgulho.

ENTRA O CÃO

Chego mais perto aos pouquinbos, em direção aos olhos brilhantes que tinha visto dentro de mim.

A cidade está fria e escura.

Este beco está cheio de torpor.

O céu afunda. Escuro, escuro céu.

Agora estou ali, talvez a uns cinco metros de um bicho que me encara. Meus olhos se adaptam e eu o vejo inteiro, encolhido no chão.

Vejo os olhos.

O pelo áspero, irregular, cor de ferrugem.

Respirando, arfando vapor.

Lentamente, chego mais perto.

Perto demais.

Chego perto demais e o cachorro se levanta de repente e me rodeia, atento. Mantém a cabeça baixa, mas tenta olhar para cima.

Passa por mim, para e olha para trás.

— O que é? — pergunto.

Mas eu sei.

Tenho que segui-lo.

Aos poucos, ele me conduz pelas ruas de volta ao campo. Move-se com o que só posso chamar de uma graça irregular.

E então.

Há um lugar no chão.

Na grama orvalhada.

Ele para e se senta ali, e a cidade parece morta à nossa volta.

Gosto dos olhos dele.

Parecem desejo.

Bicha. Veado. Punheteiro.

Quando alguém quer dar um esporro, fazer o outro cair fora ou simplesmente humilhá-lo, é comum usar essas palavras. Também chamam o sujeito assim quando ele dá qualquer sinal de ser diferente do tipo de cara comum desta parte da cidade. E ele também pode ser tratado desse jeito se tiver irritado alguém sem querer, e se a pessoa não tiver nada melhor para falar. Até onde sei, é assim em toda parte, mas não posso falar por nenhum outro lugar, realmente. O único que conheço é este.

Esta cidade.

Estas ruas.

Você logo saberá por que mencionei isso...

Na quinta-feira daquela semana, resolvi cortar o cabelo, o que é sempre uma decisão bem perigosa, especialmente porque meu cabelo é cronicamente teimoso e sempre fica espetado para cima. Só resta mesmo rezar para a coisa não acabar em tragédia e torcer para o barbeiro não ignorar todas as instruções e não fazer uma matança geral na sua cabeça. Mas é um risco que você tem que correr.

— Olá, parceiro — cumprimentou o barbeiro quando entrei na loja, mais no centro da cidade. — Sente-se, não vou demorar.

Na sala de espera furreca havia um bom sortimento de revistas, embora fosse óbvio que todas estavam ali fazia alguns anos, a julgar pelas datas de publicação. Havia a *Time*, a *Rolling Stone*, uma sobre pesca, a *Who Weekly*, outra sobre computadores, a *Black and White*, a *Snafing Life* e uma eterna favorita, a *Inside Sport*. É claro que a melhor coisa da revista *Inside Sport* não são os esportes, mas a mulher em trajes sumários na capa. Ela é sempre sarada e cheia de desejo nos olhos. O biquíni é bonito e cavado, e as pernas são compridas, bronzeadas e elegantes. Ela tem seios que a gente só pode se imaginar tocando e massageando. (Desculpe, mas é verdade.) Tem quadris graciosos, barriga chapada e dourada, e um pescoço que a gente só consegue se imaginar chupando. Os lábios são sempre cheios e famintos. Os olhos dizem “possua-me”.

Ela é sempre fantástica.

Completamente.

Você lembra a si mesmo que há uns artigos bem legais na *Inside Sport*, mas sabe que está mentindo. É claro que existem boas matérias, mas uma ova se é isso que o faz pegar a revista. É sempre a mulher. Sempre. Pode confiar em mim.

E assim, como era típico, inspecionei a área e me certifiquei de que não havia ninguém olhando quando apanhei a *Inside Sport*, abri-a depressa e fingi examinar a página do sumário em busca de boas reportagens. Procurava (como era previsível) a página em que estaria a mulher da capa.

Setenta e seis.

— Tudo bem, chefe — disse o barbeiro.

— Eu?

— Não tem mais ninguém esperando, não é?

É, mas, pensei, desamparado, *ainda não cheguei à página setenta e seis!*

Era inútil.

O barbeiro estava pronto e, se existe um homem que não convém fazer esperar, é o sujeito que está prestes a cortar o seu cabelo. Ele é onipotente. Na verdade, poderia muito bem ser Deus. Ele é tão poderoso assim. Alguns meses na escola de barbeiros e o homem se torna a pessoa mais importante da sua vida, durante dez ou quinze minutos. Esta é a regra: não o deixe puto, senão você vai se ferrar.

No mesmo instante, devolvi a revista à mesa, virada para baixo, para o barbeiro não saber de imediato o pervertido que sou. Teria que esperar até mais tarde, quando arrumasse as revistas.

Sentado na cadeira (o que parece mais ou menos tão perigoso quanto a cadeira elétrica), pensei em toda aquela situação da mulher da capa.

— Curto? — perguntou o barbeiro.

— Não, não muito curto, amigo, por favor. Só estou querendo dar um jeito para ele não ficar em pé o tempo todo.

— Mais fácil falar do que fazer, não é?

— É.

Trocamos um olhar de amabilidade recíproca, e eu me senti bem mais à vontade na linha de fogo da tesoura, da cadeira e do barbeiro.

Ele começou a cortar e, como eu disse há um minuto, pensei na questão da mulher da capa. Minha teoria sobre o assunto era, e continua sendo, que é óbvio meu desejo pela dimensão física da mulher. Mas acredito de verdade que *essa* parte do meu desejo por uma garota fica na superfície da minha alma, ao passo que, muito mais profundamente, está o ardente desejo de agradá-la, tratá-la bem e mergulhar no espírito dela.

Acredito de verdade nisso.

De verdade.

Mas tive que parar de pensar no assunto e conversar com o barbeiro. Essa é outra regra das barbearias. Se você conversar com o sujeito e fizer com que goste de você, pode ser que ele não estrague tudo. Pelo menos, essa é a esperança. Não significa que vá funcionar com certeza, mas talvez ajude, e por isso você tenta. Não há garantias no mundo das barbearias. É um jogo de azar, de um jeito ou de outro. Eu tinha que começar a falar, e rápido.

— E então, como têm andado os negócios? — indaguei, enquanto o barbeiro abria caminho pela massa cerrada de cabelos.

— Ah, você sabe, rapaz. — Parou e sorriu para mim pelo espelho. — Vamos levando. Pagando as contas. Isso é o principal.

Conversamos por um bom tempo depois disso, e o barbeiro disse há quanto tempo trabalhava na cidade e comentou como as pessoas haviam mudado. Concordei com tudo que ele disse, com um perigoso aceno de cabeça ou com um discreto “É, acho que é isso mesmo”. Ele era um sujeito bem legal, para falar a verdade. Grandão. Peludo. Vozirão.

Perguntei se morava no apartamento em cima da loja e ele respondeu: “Sim, nos últimos vinte e cinco anos.” Nessa hora senti um pouco de pena, por imaginar que ele nunca fazia nada nem ia a parte alguma. Só cortava cabelos. Jantava sozinho. Talvez comida de micro-ondas (embora seus jantares não pudessem ser muito piores que os preparados pela Sra. Wolfe, que Deus a abençoe).

— Importa-se se eu lhe perguntar se já foi casado? — indaguei.

— É claro que não. Fui casado, sim, mas minha mulher morreu há alguns anos. Vou ao cemitério todo fim de semana, mas não levo flores. E não falo. — Deu uns suspiros e souu muito sincero. De verdade. — Gosto de pensar que fiz isso o bastante enquanto ela era viva, sabe?

Assenti.

— Não adianta nada, depois que a pessoa morre. Isso é para se fazer quando as pessoas estão juntas, ainda vivas.

Ele havia parado de cortar meu cabelo por alguns momentos, e por isso pude continuar a balançar a cabeça sem perigo.

— E o que você faz quando fica lá, junto à sepultura? — perguntei.

Ele sorriu.

— Fico lembrando. Só isso.

Que legal, pensei, mas não falei nada. Apenas sorri pelo espelho para o homem atrás de mim. Tive uma visão daquele sujeito grande e peludo, parado no cemitério, ciente de ter dado tudo de si. Também me imaginei lá com ele, em um dia cinza-escuro. Ele com seu avental branco de barbeiro. Eu com minha roupa normal. Jeans. Camisa de flanela xadrez. Jaqueta impermeável.

“Tudo bem?”, dizia, virando-se para mim, na minha visão.

— Tudo bem? — perguntou, na barbearia.

Despertei de novo para a realidade.

— Sim, muito obrigado, está ótimo — respondi, mesmo sabendo que o cabelo voltaria a ficar arrepiado em menos de quarenta e oito horas. Mas eu estava contente, não só pelo corte de cabelo. Pela conversa também.

Com o chão coberto de cabelo em volta dos meus pés, paguei doze dólares e disse:

— Muito obrigado. Foi um prazer conversar com você.

— Para mim também.

O barbeiro peludo e grandão sorriu, e me senti culpado por causa da revista. Só me restou esperar que ele compreendesse as diferentes camadas da minha alma. Afinal, era barbeiro. Supõe-se que os barbeiros saibam as respostas sobre como governar o país, junto com os motoristas de táxi e com comentaristas de rádio irritantes. Agradei de novo e me despedi.

Ao sair, vi que ainda estava na metade da tarde e, sendo assim, *por que não?*, perguntei a mim mesmo. *Bem que eu poderia ir até Glebe.*

Nem preciso dizer que cheguei lá e fiquei parado em frente à casa da garota.

Stephanie.

Era um lugar tão bom quanto qualquer outro para ver o sol desabar atrás da cidade e, passado algum tempo, sentei-me encostado em uma parede e tornei a pensar no barbeiro.

O importante era que ele e eu estávamos na verdade fazendo coisas parecidas, só que na ordem inversa. Ele rememorava. Eu antecipava. (Uma antecipação esperançosa, quase ridícula, admito.)

Depois que escureceu, resolvi que era melhor ir para casa jantar. Eram sobras de bife, acho, com legumes cozidos até quase desaparecerem.

Levanti-me.

Enfié as mãos nos bolsos.

Depois, olhei, tive esperança e caminhei, nesta ordem.

É patético, eu sei, mas acho que aquela era a minha vida. Não adianta negar.

Acabou que estava mais tarde do que eu tinha suposto quando finalmente fui embora, então resolvi pegar o ônibus de volta para o meu bairro.

No ponto de ônibus, havia um punhado de pessoas esperando. Havia um homem com uma maleta, uma mulher que fumava um cigarro atrás do outro, um sujeito que parecia operário ou carpinteiro e um casal que trocava beijos enquanto esperava, um encostado no outro.

Não pude evitar.

Fiquei olhando.

Não de forma óbvia, é claro. Só uma olhadinha aqui e ali.

Droga.

Fui apanhado.

— Está olhando *o quê*, você aí? — O sujeito cuspiu as palavras em mim. — Não tem nada melhor para fazer?

Nada.

Foi essa a minha resposta.

Absolutamente nada.

— E aí?

Ainda nada.

Então, a garota também soltou os cachorros em cima de mim:

— Por que não vai olhar para outra pessoa, seu esquisitão? — O cabelo dela era louro, os olhos, verdes, espremidos sob a luz do poste, e a voz parecia uma faca cega com que me batia. — Punheteiro.

Típico.

É muito comum ser tratado desse jeito por aqui, mas dessa vez doeu. Acho que doeu por ser dito por uma garota. Sei lá. De certo modo, foi meio deprimente ter chegado a esse ponto. Não se podia nem esperar um ônibus em paz.

Eu sei, eu sei. Eu devia ter retrucado com uma boa resposta, mas não retruquei. Não conseguí. Que Wolfe, hein? Que grande cão selvagem eu virei! Tudo que fiz foi roubar uma última olhadela, para ver se eles iam atirar alguns últimos fragmentos de

xingamento em mim.

O rapaz também era louro. Nem alto nem baixo. Usava calças escuras, botas, jaqueta preta e um sorriso de desdém.

Enquanto isso, o homem da maleta consultou o relógio. A fumante acendeu outro cigarro. O trabalhador deslocou o peso do corpo de um pé para o outro.

Não se disse mais nada e, quando o ônibus chegou, todos se apressaram a entrar, e eu fiquei por último.

— Desculpe.

Quando entrei e tentei pagar, o motorista me disse que o preço das passagens acabara de subir, e eu não tinha dinheiro suficiente para o bilhete.

Desci, dei um sorriso pesaroso e lá fiquei.

O ônibus estava bem vazio.

Quando comecei a andar, vi o veículo afastar-se, avançando pela rua aos solavancos. Muitas ideias cambalearam dentro de mim, inclusive:

- Como eu iria chegar tarde para o jantar.
- Se alguém perguntaria onde eu estava.
- Se o papai iria querer que Rube e eu trabalhássemos com ele no sábado.
- Se algum dia a garota chamada Stephanie sairia de casa e me veria (se é que fazia alguma ideia de que eu estava lá).
- Quanto tempo ainda levaria para Rube dar o fora na Octavia.
- Se Steve se agarrava à lembrança do olhar que tínhamos trocado na noite de segunda-feira com a mesma frequência que eu.
- Como andaria minha irmã, Sarah, ultimamente. (Fazia algum tempo que não nos falávamos.)
- Se a Sra. Wolfe ficava ou não decepcionada comigo em algum momento, ou se sabia que eu me tornara uma pessoa tão solitária.
- E como estaria se sentindo o barbeiro em cima da sua loja.

Também me dei conta, enquanto andava, e depois, quando comecei a correr, de que nem sentia raiva do casal que me xingara. Sabia que devia sentir, mas não sentia. Às vezes, acho que eu preciso ter um pouco mais de vira-lata em mim.

O CEMITÉRIO

Seguimos em frente, mas o cachorro continua a manter distância. Não há palavras. Não há perguntas.

Para além da cidade, ele me leva a uma escuridão que a princípio cheira a maldade. Ao chegarmos mais perto, entretanto, percebo que na verdade não é para a maldade que estamos andando. É para a morte.

Apenas a afável morte, com toda a sua paciência.

Paramos sob um céu cor de carvão e compreendo que este é o cemitério do mundo. Abriga todas as pessoas que já viveram e morreram e todas as pessoas que vão viver e morrer. Estamos todos ali. Todos.

O cão para.

Abaixa a cabeça.

Ela está sempre baixa. Quase caída.

Há sepulturas até onde a vista alcança — uma infinitude de morte.

Movemo-nos por ela até o cão ver outra pessoa, simplesmente parada diante de um túmulo.

Nas mãos não traz flores nem palavras faladas.

É apenas uma pessoa, rememorando.

Ela nos vê, lança um último olhar à sepultura e se vai.

Caminhamos.

Cabeça baixa, até onde a pessoa estivera.

Ao lá chegarmos, olho para o nome no túmulo. Há palavras que não consigo decifrar e datas que não consigo ler.

Posso ler apenas o nome:

CAMERON WOLFE.

Espero que seja verdade.

— Esse cachorro é uma vergonha absoluta — disse Rube, e eu compreendi que certas coisas nunca mudariam. Apenas sumiriam e voltariam.

Após todo o episódio do ponto de ônibus, cheguei em casa e, depois do jantar, Rube e eu fomos levar Miffy, o cachorro nanico do nosso vizinho, para seu passeio costumeiro. Como sempre, vestíamos os capuzes para que ninguém nos reconhecesse, porque, nas palavras do Rube, a visão do Miffy era um desastre completo.

— Quando o Keith arrumar outro cachorro — sugeriu ele —, vamos pedir para arranjar um rottweiler. Ou um dobermann. Ou, no mínimo, alguma coisa com que se possa ser visto em público.

Paramos em um cruzamento.

Rube se inclinou para Miffy e, em um tom superamistoso, disse:

— Você é um cretinho horróroso, Miffy, não é? Não é? É, sim. Você sabe que é.

O cachorro lambeu os beiços e arfou, todo contente. Não tinha a menor ideia de que Rube o estava sacaneando. Nós três atravessamos a rua.

Meus pés se arrastaram.

Os do Rube passeavam.

Miffy andava aos pinotes, e a guia tilintava junto dele, no compasso da sua respiração.

Olhando-o, percebi que ele tinha o corpo de um roedor e a pelagem de alguma coisa que só poderia se chamar de espantoso. Como se tivesse girado mil vezes em uma secadora de roupas. O problema é que adorávamos aquele cachorro, apesar de tudo. Na mesma noite, ao chegarmos em casa, eu lhe dei o pedaço de bife que a Sarah não conseguira terminar na janta. Infelizmente, estava meio duro para os dentes fraquinhos do Miffy, e por pouco ele não engasgou.

— Mas que diabo, Cameron. — Meu irmão riu. — O que está tentando fazer com o pobre cretinho? Ele está entalado.

— Pensei que não teria problema.

— Não teria problema o cacete. Olhe para ele — disse Rube, apontando. — Olhe só para ele!

— O que devo fazer? — perguntei.

Rube teve uma ideia:

— Talvez você deva tirar a carne da boca dele, mastigar um pouco e *depois* dar a carne a ele.

— *O quê?* — Olhei para Rube. — Você quer que eu ponha *aquilo* na boca?

— Isso mesmo.

— Talvez *voce* deva fazer isso.

— De jeito nenhum.

Aí basicamente deixamos o Miffy se engasgar um pouquinho. No final, não pareceu mesmo tão grave assim.

— Vai fortalecer o caráter dele — sugeriu Rube. — Nada como uma boa engasgada para incentivar um cachorro.

Nós dois observamos com atenção enquanto Miffy ia enfim terminando de comer a carne.

Quando ele acabou e tivemos certeza de que não ia morrer sufocado, fomos levá-lo em casa.

— A gente devia era jogá-lo por cima da cerca — disse Rube, mas nós dois sabíamos que nunca faríamos uma coisa dessas.

Há uma grande diferença entre ver um cachorro meio sufocar e atirá-lo por cima do muro. E, depois, o nosso vizinho Keith não ficaria nada satisfeito conosco. Keith sabia ser meio desagradável, especialmente quando se tratava daquele cachorro. Ninguém imaginaria que um homem tão durão tivesse um tipo de cachorro tão fofinho, mas tenho certeza de que provavelmente ele colocava a culpa na mulher.

“É o cachorro da patroa”, imagino Keith dizendo à rapaziada do *pub*. “Minha sorte é ter aqueles dois garotos com títica na cabeça, na casa do lado, que levam o bicho para passear. A mãe deles os obriga.” O Keith, ele podia ser durão, mas era legal mesmo assim.

Por falar em homens durões, acabou que o papai quis mesmo a nossa ajuda no sábado seguinte. Agora ele nos paga generosamente e está sempre bem feliz. Tempos atrás, como eu disse antes, quando era uma batalha conseguir trabalho, ele andou bem abatido, mas ultimamente era bom trabalhar com ele. Às vezes saíamos para comer peixe com fritas no almoço e jogávamos cartas em cima da pequena caixa térmica vermelha e suja do papai, mas só se todo mundo trabalhasse pesado. Cliff Wolfe era fã de trabalho pesado e, para ser justo, Rube e eu também éramos. Só que também éramos fãs de peixe com fritas e carteados, apesar de geralmente ser o velho quem ganhava. Ou ele ganhava, ou o jogo estava demorando demais e ele o interrompia. Certas coisas são inevitáveis.

O que não mencionei é que Rube também tem outro emprego. Ele largou a escola no ano passado e conseguiu um estágio em uma construtora, apesar de ter tido um péssimo resultado nas provas finais.

Lembro-me de quando Rube recebeu os resultados.

Ele abriu o envelope junto ao portão torto e manchado da nossa entrada.

— Como foi? — perguntei.

— Bom, Cam — sorriu, como se estivesse totalmente satisfeito consigo mesmo —, posso resumir em duas palavras. A última é *total*. A primeira é *merda*.

Mesmo assim, ele arranhou um emprego.

Rapidinho.

Típico do Rube.

Ele não precisava trabalhar com o velho aos sábados, mas trabalhava, por alguma razão. Talvez fosse um ato de respeito. O papai pedia e Rube concordava. Talvez não quisesse ninguém achando que ele era preguiçoso. Não sei.

De um modo ou de outro, iríamos trabalhar com o velho Cliff naquele fim de

semana, e ele nos acordou bem cedo. Ainda estava escuro.

Estávamos esperando o papai sair do banheiro (que ele quase sempre deixava com um cheiro pavoroso) quando o Rube e eu resolvemos pegar logo o baralho.

Enquanto meu irmão dava as cartas na mesa da cozinha, fiquei pensando no que tinha acontecido umas semanas antes, ao jogarmos uma partida durante o café da manhã. A ideia não era má, só que de algum jeito consegui derramar meu cereal no baralho todo, porque ainda estava meio zozzo de sono. Mesmo esta semana, ainda havia um sucrilho seco grudado em uma carta que joguei na pilha de descarte.

Rube a pegou.

Examinou-a.

— Hum.

— Eu sei.

— Você é de fazer dó.

— Eu sei.

Só me restou concordar.

A descarga foi acionada, a água correu e papai saiu do banheiro.

— Vamos?

Fizemos que sim e recolhemos as cartas.

No trabalho, Rube e eu ramos à beça, conversamos e rimos. Admito que Rube é sempre bom para fazer a gente dar umas risadas. Estava me contando a história de uma antiga namorada que tinha mania de morder suas orelhas.

— No fim, tive que comprar a porcaria de um chidete para ela, senão ia ficar sem orelhas.

Octavia, pensei.

Perguntei a mim mesmo que história Rube teria sobre ela dali a algumas semanas, quando tudo estivesse acabado. O olhar inquisitivo dela, o cabelo despenteado, as pernas humanas e os lindos pés. Fiquei pensando em quais seriam as esquisitices dela que meu irmão teria para comentar. Podia ser que ela insistisse em que o Rube tocasse sua perna no cinema, ou gostasse de revirar os dedos na mão dele. Eu não sabia.

Foi rápido.

Falei.

Perguntei.

— Rube?

— O que é?

Ele parou de trabalhar e me olhou.

— Quanto tempo resta para você e Octavia?

— Uma semana. Talvez duas.

Depois disso, não houve mais nada para eu fazer senão continuar a trabalhar, e o dia foi passando lentamente.

No almoço, o peixe estava gorduroso e gostoso.

As batatas estavam salpicadas de sal e encharcadas de vinagre.

Enquanto comíamos, o papai deu uma olhada no jornal, Rube pegou o guia da tevê e eu comecei a escrever mais palavras na minha cabeça. Nada mais de baralho naquele dia.

À noite, a Sra. Wolfe me perguntou como iam as coisas na escola, e voltei às minhas ideias anteriores da semana sobre ela ter ou não motivos para se decepcionar comigo nos últimos tempos. Falei que estava tudo bem. Por um momento, considerei se deveria contar a alguém sobre o que havia começado a escrever, mas não consegui. De certo modo, senti vergonha, embora minhas palavras fossem a única coisa que me cochichava no ouvido uma sensação de tudo bem. Não falei com ninguém.

Arrumamos a cozinha juntos, antes que as sobras do jantar tivessem a chance de ficar largadas, e a Sra. Wolfe me falou do livro que estava lendo, chamado *Meu irmão Jack*. Disse que era sobre dois irmãos e sobre como um deles subia na vida, mas continuava a lamentar seu modo de viver e de ser.

— Um dia você vai subir. — Essas foram suas penúltimas palavras. — Mas não seja rigoroso demais consigo mesmo. — Essas foram as últimas.

Quando ela saiu e eu fiquei sozinho na cozinha, vi que a Sra. Wolfe era genial. Não genial de inteligência, ou com qualquer tipo particular de genialidade. Apenas genial, porque era ela mesma, e até as rugas em volta dos seus olhos envelhecidos tinham a cor discreta da bondade. Era isso que a tornava genial.

— Oi, Cameron. — Minha irmã, Sarah, foi falar comigo, mais tarde. — Está a fim de ir ao jogo do Steve amanhã?

— Legal — respondi. Não tinha nada melhor para fazer.

— Ótimo.

No domingo, Steve ia jogar sua partida costumeira de futebol americano, só que em um campo diferente, mais para os lados de Maroubra. Apenas Sarah e eu fomos ao jogo. Fomos ao apartamento de Steve e ele nos deu uma carona até lá.

Aconteceu uma coisa importante nesse jogo.

A COR DA BONDADE

Voltamos à cidade passando pelo cemitério, e a noite ainda está começando.

Ao avançarmos, trêpegos, penso na cor da bondade, reconhecendo que seus tons e matizes não são pintados nas pessoas. São usados por dentro.

O cachorro me olha.

Conhece meus pensamentos.

Logo ele torna a parar, e ficamos diante de um prédio que espirala em direção ao céu.

Tem portas de vidro, como espelhos escuros, e lá ficamos.

O cachorro late.

Um latido grave e desafiador, que me faz olhar para meu reflexo. Tenho que fazer isso.

Olho diretamente para dentro de mim e vejo a cor do acanhamento, da insegurança e do anseio.

E, pela primeira vez na vida, não me afasto disso com um dar de ombros. Mergulho dentro dessa cor, sinto sua força.

Preparo-me.

Para transpor.

No caminho para a casa do Steve, fiquei pensando que diabos minha irmã ia fazer da vida. Sarah andava a meu lado, e a maioria dos homens que passava olhava para ela. Muitos se viravam depois de passarem e davam uma segunda olhada no corpo dela. Para eles, parecia, minha irmã se resumia àquilo. A ideia me deixou meio nauseado (não que eu possa falar) e torci para Sarah nunca acabar realmente vivendo aquela vida.

— Sacanas pervertidos — xingou ela.

O que me deu esperança.

A questão é que acho que somos todos pervertidos. Todos os homens. Todas as mulheres. Todos os sacaninhas mal-humorados como eu. É engraçado pensar no meu pai ou na minha mãe como pervertidos, mas em algum lugar, nas frestas da alma, tenho certeza de que eles já escorregaram, ou até mergulharam. Quanto a mim, às vezes tenho a sensação de viver nelas. Talvez todos vivamos. Talvez, se houver alguma beleza em minha vida, seja sair de lá.

Como sempre, Steve desceu bem depressa quando chegamos a seu apartamento. Estava na varanda, levantou a cabeça e, quando percebemos, estava conosco, com as chaves na mão. Steve nunca se atrasou para coisa alguma na vida.

Jogou o equipamento na mala do carro, e fomos embora.

Pegamos a rua Cleveland, que está sempre meio engarrafada, mesmo aos domingos, e o rádio permaneceu calado enquanto Steve dirigia. Algumas pessoas lhe deram fechadas e ônibus encostaram na sua frente, mas ele não se alterou. Em momento algum buzinou ou gritou. Para o Steve, essas coisas eram irrelevantes.

Foi bom para mim ir ao campo de Maroubra naquele dia. Foi bom observar Steve e seus hábitos. Assim como as palavras que eu vinha escrevendo me faziam ver e sentir as coisas de outra maneira, também me aumentavam a curiosidade. Eu queria ver como as pessoas se moviam e falavam e as reações que provocavam. Steve era uma boa pessoa para se observar.

Havia uma corda circundando o gramado e, de onde Sarah e eu estávamos, vi Steve se aproximar dos outros jogadores do seu time. Todos olharam na direção dele e trocaram algumas palavras rápidas. Apenas um ou dois falaram com ele por mais tempo. Meu irmão se mantinha um pouco distante do grupo e percebi que não tinha intimidade com os colegas. Com nenhum deles. Mas eles gostavam do Steve. Respeitavam-no. Se quisesse, ele poderia rir e ser aquele a quem todos davam ouvidos.

Mas isso não significava nada.

Não para o Steve.

No jogo, porém, quando dizia que queria a bola, ele a recebia. Quando havia necessidade de alguma coisa importante, Steve a fazia. Nos jogos fáceis, os outros brilhavam, mas, quando a situação ficava difícil, Steve estava lá, mesmo que fosse sozinho.

Todos se prepararam e houve muita gritaria e bagunça nos vestiários, e os dois times

entraram em campo. Steve era o capitão de sua equipe e, como eu havia imaginado, falou muito mais em campo. Sem gritar. Eu sempre o via comentando alguma coisa com outro jogador ou lhe dizendo o que fazer. Todos o escutavam.

Eram três horas quando o jogo começou.

A plateia era bem grande, a maioria tomando cerveja, comendo salgados, ou as duas coisas. Muitos gritavam, a toda hora cuspidos comida ou saliva.

Como era comum acontecer, houve uma briga bem nos primeiros minutos, da qual Steve se afastou logo. Um sujeito deu um pulo e o acertou perto da garganta, e todo mundo veio correndo. Murros se chocaram com a pele e punhos se cortaram em dentes.

Steve apenas se levantou e saiu andando.

Ficou de cócoras.

Cuspiu.

Depois, levantou-se, cobrou a falta e correu duas vezes mais.

O nome dele era incessantemente gritado.

— Wolfe. Vigiem o Wolfe.

A todo momento mandavam caras cuidarem dele, sempre tentando machucá-lo.

Todas as vezes, Steve tornava a ficar de pé e seguia em frente.

Sarah e eu sorrimos ao vê-lo cortar por entre os adversários em alguns momentos e fazer passes para outros jogadores marcarem. No intervalo, seu time estava bem à frente. Foi no final do segundo tempo que se manifestou a importância do dia.

O céu estava cinza-chumbo e não tardaria a chover.

Já havia gente se amontoando por causa do frio.

Um vento esquivo deslizava pelo ar.

Crianças corriam atrás de uma bola às nossas costas, com molho de tomate grudado nos cantos da boca e machucados nos joelhos.

Steve estava preparando um chute a gol no ponto mais distante possível do campo, bem onde ficavam os torcedores do time adversário.

Caçaram dele.

Xingaram-no.

Disseram que era inútil.

Quando ele ia fazer o chute, jogaram uma lata de cerveja na sua cabeça. Voou cerveja para todo lado, e a lata bateu na lateral do seu rosto.

Ele parou.

No meio de um passo.

Ficou imóvel.

Sem a menor pressa, curvou-se, pegou a lata e a examinou. Virou-se para o grupo do qual ela viera, que se calou quase no mesmo instante, e, sem tornar a olhar para o público, depositou delicadamente a lata no chão, fora do caminho, e preparou o chute de novo.

A plateia observou enquanto Steve se aproximava e chutava a bola.

Ela subiu alto e passou voando entre as traves, e Steve se virou para os torcedores

adversários. Encarou-os por alguns segundos e voltou ao jogo, deixando a lata de cerveja, meio cheia, meio vazia e meio desanimada, abandonada junto à linha lateral.

Ao assistir ao fim do incidente, não pude deixar de notar que não havia nenhum sinal de raiva no olhar de Steve. Se tanto, havia uma expressão de diversão. Ele poderia ter feito o que quisesse. Poderia ter dito qualquer coisa. Poderia ter cuspidos neles ou lhes atirado a lata de volta.

Mas essas eram coisas que *eles* podiam fazer com igual facilidade.

O que não tinham condições de fazer era voltar ao jogo, dar o chute, acertar a bola bem no meio das traves, virar-se e encará-los, como quem dissesse: “E aí? Vocês têm mais alguma coisa para mim?”

Foi assim que ele os derrotou.

Foi assim que venceu.

Fez a única coisa de que eles não eram capazes.

Ao perceber isso, sorri. Cheguei até a rir, o que fez Sarah rir também, e fomos as únicas pessoas rindo em todo o campo. Para todos os demais, o jogo continuou.

O jogo continuou, a chuva não caiu, e o time do Steve venceu por quilômetros de vantagem.

Quando terminou, ele se despediu e disse que talvez fosse beber alguma coisa com os outros jogadores, embora todos soubessem que não iria. Eles sabiam. Steve sabia. Eu sabia. Nós iríamos para casa.

Houve mais silêncio que qualquer outra coisa no carro, e não sei quanto ao Steve ou à Sarah, mas eu não conseguia parar de pensar na lata de cerveja. Fiquei revendo a bola voar entre as traves e o olhar contente no rosto de meu irmão. Mesmo quando Sarah levou a mão ao painel e cantou junto com o rádio, foi a lembrança daquele olhar que falou mais alto em minha mente. O rosto dele era o mesmo enquanto dirigia, e, de uma forma estranha, achei que Steve também estava pensando nisso. Cheguei até a esperar que sorrisse, mas ele não sorriu.

Ao contrário, ficamos todos muito calados, até meu irmão nos deixar em casa.

— Obrigada — disse Sarah.

— De nada. Obrigado por terem ido.

Quando eu ia saindo do carro, ele me deteve.

Steve me deteve, dizendo:

— Cam?

— Sim?

Ele me olhou pelo espelho e pude ver seus olhos enquanto falava comigo.

— Espere só um instante.

Isso nunca havia acontecido, por isso eu não soube ao certo o que esperar. Ele iria me dizer o que tinha significado aquele olhar, ou qual fora a sensação de fazer aquela gente parecer tão idiota? Será que me daria um manual sobre como ser um sucesso?

É claro que não.

Ou, pelo menos, não assim.

Seu olhar foi meigo e franco quando ele falou e, para mim, foi estranho me sentir daquele jeito em relação a Steven Wolfe.

— Quando eu tinha a sua idade, quatro caras me deram uma surra. Eles me levaram para os fundos de um prédio e me bateram, por razões que nunca saberei quais foram — disse ele.

Parou por um momento, sem parecer emocionado em nenhum sentido. Não estava me contando uma história melodramática sobre como outros garotos o detestavam, e sobre ser essa a razão para ele ter crescido como cresceu. Estava apenas me contando uma coisa.

— Enquanto estava lá caído, todo torto, jurei que cada um deles iria receber o troco pelo que tinha feito comigo. Repassei isso na minha cabeça e pensei no que queria fazer. Todas as manhãs, todas as noites. E, quando estava pronto, procurei um a um e cobri todos eles de porrada. Depois que peguei o terceiro, o último tentou fazer as pazes. — O olhar de Steve se aguçou um pouco com a lembrança. — Também lhe dei uma surra, pior ainda que a dos outros três.

Parou.

Parou de falar e fiquei esperando mais, até me dar conta de que era só isso, e assenti para meu irmão.

Para os olhos no espelho.

Por um momento, pensei: *Por que ele está me contando isso?*

Steve não parecia orgulhoso nem feliz. Talvez parecesse ter a mesma expressão de contentamento de antes. Ou talvez só estivesse feliz por ter contado a alguém, porque, com certeza, não parecia provável que contasse a um monte de gente o que acabara de me contar. Não dava para ter certeza. Como de costume.

Por fim, quando saí do carro, perguntei-me se alguém conhecia meu irmão. Perguntei-me se a Sal o conhecia.

Eu sabia apenas que Steve havia conversado comigo, e tinha sido legal.

Não, tinha sido muito bom.

Quando ele partiu, acenei-lhe um adeus, mas ele já estava na metade da rua. Em casa, encontrei Octavia sentada na cozinha.

Mas não Rube.

Os dois estavam quase terminados.

Ela estava linda.

GAROTOS NO BECO

Deve haver milhares de becos aqui, nesta cidade da minha mente.

Becos escuros por toda parte.

Em cada um deles, há pessoas brigando, retalhando-se mutuamente e desferindo socos e pontapés em corpos já caídos.

Passamos por cada um deles, observando e descobrindo que algumas pessoas são derrubadas para sempre, enquanto outras se levantam e continuam a lutar...

Por fim, chegamos a um beco deserto. É solitário e indiferente, e uma brisa leve percorre o chão.

Sussurra para os detritos, depois os ergue e move.

Exatamente como eu.

Neste instante.

Por este cachorro.

Ele sai de fininho quando um grupo de rapazes entra no beco.

Apenas suas passadas falam quando eles se aproximam de mim e no mesmo instante me jogam no chão. Acertam os punhos e os pés no meu rosto e no meu corpo.

Minhas costelas se esfacelam.

Meu coração luta para permanecer dentro do peito.

Olho para o cão, implorando por ajuda, mas nada chega.

A ajuda já está aqui.

Está nas mãos, nos pés, nas vozes cobertas pelo hálito dos meus agressores; e, quando vão embora, eles passam por cima de mim e saem do beco como se nada houvesse acontecido.

Meu sangue corre.

A rua é fria.

O cachorro aparece acima de mim, olhando para baixo. Faz com que eu pense em todas as outras pessoas espancadas nos becos. Todos os vencedores. Todos os lutadores. Todos os perdedores. E todos os que se recusam a ficar caídos.

Ele espeta.

Ele me observa.

Demora um pouco, mas me ponho de pé.

Olho para ele — é preciso tomar uma decisão.

O desejo me percorre.

E me inunda.

Transborda.

Incendeia-se em meus olhos, e eu contemplo o beco. Começo a andar, através da dor, sempre decidindo. Escolhendo. Sabendo.

Dizendo ao cachorro que vou lutar.

Com o desejo escrito nos olhos.

Três palavras:

Desgraçado do Miffy.

Eu não estava nem um pouco disposto a levá-lo para passear, especialmente tendo que esperar um tempão pelo Rube.

Primeiro, fiquei sentado na cozinha com a Octavia.

Ela não parecia muito impressionada, considerando-se que era para ela e Rube terem saído naquela tarde. Devia ter escapado a meu irmão. Pelo menos, foi o que falei a Octavia. Mas e eu? Eu sabia. Rube tinha sumido de propósito. Eu já o vira fazer isso.

Chegar atrasado.

Discutir.

Dizer a elas que não precisava dessas porcarias.

Era uma técnica muito boa para o Rube. Ele não se importava em ser o vilão.

Havia umas sobras de comida, porém Octavia não aceitou a oferta. Saí com ela e sentamos um pouco na varanda, conversando e até conseguindo rir, de vez em quando.

Tirei minha jaqueta e ofereci. Ela aceitou e, pouco depois, disse:

— Está quente, Cam. — Olhou através de mim. — Fazia um bom tempo que eu não sentia nada tão quente...

De certo modo, torci para que ela não estivesse falando apenas da jaqueta, mas era melhor não pensar assim. Quando se pensa desse jeito, acaba-se parado em frente à casa das pessoas, à espera de algo que nunca vem.

Fosse como fosse, Octavia me devolveu a jaqueta quando fomos até o portão e eu o abri para ela.

A lua estava grudada no céu e Octavia disse:

— Não adianta voltar, não é mesmo?

— Por quê? — retruquei.

— Não me venha com porquês, Cameron. — Desviou o rosto, depois voltou a me olhar. — Está tudo bem.

Mesmo quando se apoiou no portão com as duas mãos e sua voz vacilou, Octavia estava linda, e não digo isso em um sentido sexual. Quero dizer apenas que eu gostava dela. Tinha pena dela e lamentava pelo que Rube estava fazendo com ela. Seus olhos me sorriram, apenas por um instante. Um dos sorrisos magoados que a pessoa nos dá para nos dizer que está bem, apesar de estar longe disso.

Em seguida, ela foi embora.

Mal acabara de cruzar o portão, e eu lhe perguntei:

— Octavia?

Ela se virou.

— Você vai voltar?

— Talvez. — Ela sorriu. — Um dia.

Saí andando pela nossa rua, e deu mesmo a impressão de estar atravessando uma

alma, e de ser forte e encantadora e legal. Por alguns segundos, odiei meu irmão pelo que estava fazendo com ela.

Além disso, ao vê-la subir lentamente a nossa rua, lembrei-me do que o Rube dissera sobre os dois me haverem seguido, um dia, quando eu tinha ido a Glebe e parado diante da casa da Stephanie. Visualizei claramente Octavia e Rube me observando. Os dois me observando. Ela devia ter me achado patético. Um cara meio solitário, como dissera Rube. Talvez naquele momento, andando pela rua, ela soubesse o que eu sentia.

Mas, de algum modo, compreendi que eram pensamentos sobre Rube que a enchiam. Não sobre mim. Talvez ela estivesse pensando nas mãos dele em seu corpo, tocando-a, segurando-a. Possuindo-a. Talvez fosse do riso que ela se lembrasse, ou das palavras de uma conversa. Eu jamais saberia.

Rube chegou atrasado para o jantar e o velho lhe deu uma boa bronca por isso, assim como por ele ter deixado Octavia na mão. Tratei de ficar fora da briga. Tudo que fiz foi sair pela porta quando meu irmão acabou de comer, para buscar o Miffy.

Fazia frio lá fora e eu não estava a fim.

Não depois daquilo.

O ar estava tão frio que poderíamos usar o capuz para sempre e ver o vapor jorrar da nossa boca ao respirarmos.

Da boca do Miffy também saiu vapor, especialmente quando ele teve um pequeno acesso de tosse. Foi nessa hora que apertamos o passo e voltamos para casa.

Mais tarde, assistimos à televisão.

Dei uma olhadela para o meu irmão. Ele percebeu.

— O que foi? — perguntou.

Eu estava no sofá, e Rube, na poltrona surrada.

— A Octavia já era?

Ele olhou.

Primeiro para longe. Depois para mim.

Sim.

Era essa a resposta, e Rube sabia que não precisava dizê-la. Eu sabia que ele não precisava dizê-la.

— Tem outra garota?

Mais uma vez, ele não precisava responder.

— Como é o nome dela?

Rube esperou um pouco, depois disse:

— Julia... Mas relaxe, Cam, eu ainda não fiz nada.

Assenti.

Assenti e engoli em seco, e desejei muito que não tivesse que ser assim com a Octavia. Eu não poderia me importar menos com o Rube naquele momento. Só pensava na pobre garota, e me lembrei de uma ocasião, anos antes, em que Sarah havia levado um fora de certo sujeito. Pensei em quanto ela ficara destroçada, especialmente ao descobrir que havia outra garota.

Rube e eu tínhamos odiado o sujeito.

Queríamos matá-lo.

Principalmente o Rube.

E agora, o Rube era aquele cara.

Por um momento, quase mencionei o assunto, mas tudo que fiz foi ficar lá sentado, estupidamente, olhando de esguelha para o rosto do meu irmão. Não havia nenhum remorso nele. Quase nenhum vestígio de reflexão sobre o que estava fazendo.

Julia.

Eu só podia imaginar como ela seria.

O único problema, para Rube, foi que Octavia quis ter certeza, e por isso voltou durante a semana.

Os dois foram até o quintal e, passados alguns minutos, ela saiu sozinha. Ao me ver, disse, “Até outro dia, Cameron”, e me deu aquele sorriso corajoso de novo — aquele que eu vira na outra noite. Só que, dessa vez, seus olhos verdes estavam mais marejados, as lágrimas subindo mais, mal se contendo para não cair. Octavia se recompôs e ficamos parados no corredor, e ela disse, pela última vez:

— Vejo você por aí.

— Não, não vai ver — retruquei, retribuindo o sorriso.

Nós dois sabíamos que as pessoas não viam Cameron Wolfe; pelo menos, não sem andar muito pelas ruas da cidade.

Dessa vez, ao partir, ela me disse para não levá-la lá fora, mas, em segredo, postei-me na varanda da frente e a vi desaparecer.

— Sinto muito — murmurei.

Imaginei que era a última vez que veria Octavia, a namorada do Rube.

Estava enganado.

CONTINUE A ANDAR

Agora estou com frio.

Sem jaqueta.

Por algum motivo, deixei minha jaqueta em um beco escuro, e agora vago por aí com este cachorro, ambos tiritando de frio ao caminhar.

Pela primeira vez, sinto ruína.

“O que é isso?” vocifero, mas não há resposta. Apenas o som das patas e unhas dele na rua chega a meus ouvidos. E seu hálito. Seu hálito cheio de vapor.

É como se não estivéssemos indo a lugar nenhum — apenas errando a esmo pelas ruas, no escuro.

Meu coração está sangrando.

De solidão.

O sangue cai em meus pés e bate no chão.

A dor do beco se apodera de mim, e tropeço.

Caió.

Agora estou estatelado e imóvel no chão frio da cidade.

Sangrando.

Desintegrando-me.

Logo a presença do cão volta para mim. Sinto-o ajoitar-se e deitar a meu lado. Apoia o focinho em meu braço e sinto na pele a sua respiração.

Abro os olhos e espio de esguelha. Ele está dormindo, mas à espera.

À espera de que eu me levante e continue a andar.

Julia era, claro, uma perfeita vadia. Não há muito mais que eu possa dizer a seu respeito. Vadia (caso você não saiba) é uma garota que pode ser descrita como meio dada ou animada demais, mas sem ser uma prostituta completa nem nada assim. Masca muito chiclete. Talvez beba demais e fume para se exibir. Chama você de bicha, veado ou punheteiro, com um adorável sorrisinho falso no rosto. Usa jeans muito apertados e decotes generosos, e não se importa muito se está com o farol ligado. Joias: moderadas a pesadas, talvez com um piercing no nariz ou na sobrancelha, para demonstrar uma originalidade rebelde. E há também a maquiagem. Às vezes, é emplastada feito reboco, especialmente quando há acne envolvida, embora em geral as vadias não sejam nada feias. Têm apenas uma tendência a se enfeiar, em função do que dizem e do que fazem.

E a Julia?

O que posso dizer?

Ela era linda. Era loura.

E para lá de vadia.

— Então, esse é o Cameron — disse, ao me ver pela primeira vez.

Estava mascando aquele chiclete sem açúcar que é altamente recomendado pelos dentistas.

— Oi — respondi, e o Rube me deu uma piscadela. Eu sabia o que ela queria dizer. Algo assim como *Nada mau, bein?* Ou *Você não ia dispensar, ia?* Ou até, simplesmente, *Belos peitinhos, não é?* Cretino.

Como você pode imaginar, saí de lá mais que depressa, porque a garota me deu no saco em uma velocidade incrível. Minha única esperança era que Rube não a levasse para me ver observando a casa da tal da Stephanie. Com a Octavia eu podia lidar, porque nela ao menos havia certa classe. Certa gentileza. Mas nessa, não. O mais provável era que também dissesse que sou meio solitário. Ou talvez dissesse alguma coisa do tipo “vá fazer algo de útil na vida”, ou repetisse uma frase já dita pelo Rube, na esperança de que o carisma dele se transferisse para ela. De jeito nenhum. Eu não lhe daria essa chance. Não a essa (muito embora eu houvesse pensado, a certa altura, *Nossa! Dê só uma olhada nela! A moça tinha um corpo estilo Inside Sport, sem dúvida alguma*).

Mas não.

Eu já estava decidido.

Em vez de circular em volta deles como um cheiro ruim, resolvi ir ao cinema e circular por *lá* como um cheiro ruim.

Em um sábado frio e de muito vento em que papai não precisou de mim, vi três filmes em um dia só, antes de ficar um tempinho em Glebe e então voltar para casa. À noite, desci ao nosso porão e passei algumas horas escrevendo, sentindo tudo o que eu era se remexer e se revirar dentro de mim.

Fazia um bom tempo que estava deitado quando o Rube chegou e desabou na outra cama do outro lado do quarto. Riu um pouco, e fui obrigado a apagar a luz quando me

perguntou:

— E aí, Cam?

— E aí o quê?

— O que você achou?

— Do quê?

— Da Julia.

— Bem — comecei, mas não queria lhe dar os parabéns pela garota e também não queria interferir. A escuridão ferida do quarto oscilou e tropeçou, e eu declarei: — Ela é legal, acho.

— Legal?! — Rube levantou a voz, empolgado. — Ela é para lá de fantástica, se você quer saber.

— Mas eu não perguntei nada, perguntei? Você fez uma pergunta *a mim* e eu respondi.

— Espertinho.

Eu ri.

— Está querendo puxar briga? — perguntou ele.

— É claro que não.

— Bom, é melhor mesmo você não...

A voz de Rube se extinguiu e ele caiu no sono, deixando a noite pulsar ao meu redor. Sozinho.

Passé horas deitado ali, sem dormir, pensando na modelo da capa da revista da barbearia, e depois em uma supermodelo exótica que eu vira em um anúncio no cinema. Na minha cabeça, eu estava com elas. Dentro delas. Sozinho. Por algum tempo, cheguei até a pensar na Julia, mas isso era demais. Quer dizer, há perversões e perversões. Até para mim.

De manhã, a conversa da noite anterior entre mim e Rube estava esquecida. Ele comeu nacos de bacon na cozinha, antes de sair de novo, enquanto eu fiquei em casa, porque tinha trabalhos escolares para entregar no dia seguinte.

Eu sabia que Rube estava com a Julia, é claro, e o padrão se repetiu.

Passaram-se umas duas semanas e voltou tudo ao normal. À rotina.

Papai trabalhava duro como encanador.

A Sra. Wölfe continuava a mesma, limpando a casa das pessoas e fazendo alguns turnos de faxina no hospital.

Sarah fez horas extras.

Steve continuou a ganhar no futebol americano, a trabalhar no emprego de escritório e a morar em seu apartamento com a Sal.

Rube saía com Julia.

E eu continuava a escrever minhas palavras, ora no nosso quarto, ora no porão. Também fui a Glebe um bom número de vezes, mais por hábito que por qualquer outra razão.

Aí.

Veio um dia que modificou tudo.

Ele... Não sei como explicá-lo.

Parecia tudo perfeitamente normal, mas, ao mesmo tempo, um pouco fora de esquadro.

Andei pelas ruas da cidade, como sempre.

Fui ao subúrbio de Glebe, sem nem pensar por onde estava.

Fui até lá, me sentei e fiquei de pé lá, esperei lá, cheguei até a implorar que acontecesse alguma coisa lá, qualquer coisa.

Era uma quinta-feira e, nos momentos agonizantes do dia, quando os últimos raios de luz estavam prestes a ser assassinados no céu, senti alguém atrás de mim, meio para o lado. Havia uma presença, uma sombra, mal obscurecida atrás de uma árvore.

Virei-me.

Olhei.

— Rube? É você, Rube? — perguntei.

Eu me sentara, encostado na cerca baixa de tijolos, quando vi a pessoa avançar por entre os últimos restos de luz e andar lentamente na minha direção. Era Octavia.

Era Octavia, que se aproximou e se sentou a meu lado.

— Oi, Cameron — cumprimentou.

— Oi, Octavia.

Foi um susto para mim.

Então o silêncio curvou-se, só por um instante, e sussurrou nos nossos ouvidos.

Meu coração se atirou na minha garganta.

E voltou a descer.

Descer.

Octavia olhou para a janela que eu estivera contemplando. A janela da Stephanie.

— Nada? — perguntou, e eu entendi o que queria dizer.

— Não, hoje não — respondi.

— Em alguma noite?

Não pude evitar.

Eu juro, não pude...

Uma lágrima enorme e idiota brotou do meu olho e caiu. Tropeçou por meu rosto até a boca e provei-a. Senti seu gosto salgado nos lábios.

— Cameron?

Olhei para ela.

— Você está bem? — perguntou.

E tudo que fiz, a partir desse ponto, foi contar-lhe a verdade.

Eu disse:

— Ela não vem hoje nem nunca, e não há nada que eu possa fazer. — Cheguei até a citar o Rube: — Cada um sente o que sente, e essa garota não sente nada por mim. É só isso...

Desviei os olhos para o céu agonizante, tentando me controlar.

Comecei a me perguntar exatamente por que havia escolhido essa garota de Glebe como aquela a quem eu queria agradar, aquela em quem me afogar.

— Cam — chamou Octavia. — Cam.

Continuou pedindo que eu olhasse para ela, mas eu ainda não estava pronto. Em vez disso, levantei-me e olhei para a casa. As luzes estavam acesas. As cortinas, fechadas, e a garota, como sempre, não estava em parte alguma.

No entanto, havia uma garota perto de mim, que a essa altura também se havia levantado, e ambos estávamos encostados na mureta de tijolos. Ela me olhou e me fez retribuir o olhar. Chamou meu nome mais uma vez:

— Cam.

Finalmente respondi, em voz baixa, tímido:

— Sim?

E o rosto de Octavia clamou por mim no silêncio da noite urbana quando ela perguntou:

— Você quer ficar em frente à minha casa, em vez disso?

INDO PARA CASA

Só sei que procuramos alguma coisa.

Sentamo-nos, imóveis — eu, encostado no muro, o cachorro a meu lado.

Vamos, vejo o cachorro pensar. O que está esperando?

Mesmo assim, continuo sentado.

Quero uma resposta. Preciso saber para onde vamos e o que estamos procurando.

*A brisa começa a gritar. Transforma-se em um uivo — um vento uivante que arrasta detritos, poeira e
arêa pelas ruas.*

Os olhos do cachorro estão pousados em mim.

Sobem até os meus.

E é neste momento que sei. É neste momento que vejo a resposta.

*O cão está me levando para casa — mas não para nenhum lugar que eu conheça. É uma casa nova, e é
um lugar que terei que lutar para encontrar.*

Ela me invadiu.

Foi simples assim.

Suas palavras me alcançaram, agarraram meu espírito pelo coração e o surrupiaram do corpo.

Foram as palavras e a voz, e Octavia e eu. E meu espírito, na rua silenciosa, tomada por sombras. Só me restou observá-la, enquanto, devagar, ela pegava minha mão e a punha delicadamente na sua.

Absorvi-a por inteiro.

Fazia frio e o hálito enfumaçado lhe fluía da boca. Ela sorria e seu cabelo ficava caindo no rosto, tão lindo e verdadeiro. De repente, os seus eram os olhos mais humanos que eu já tinha visto, e os leves movimentos de sua boca me chamavam. Senti sua pulsação na minha mão, batendo suave na minha pele. Seus ombros eram estreitos, e ela ficou comigo naquela rua que lentamente se inundava de escuridão. Segurando a minha mão. Aguardando.

Uivos silenciosos me perpassaram.

Os postes de luz se acenderam.

Continuici parado. Completamente imóvel, vendo-a. Vendo a veracidade dela, parada diante de mim.

Quis me abrir e deixar minhas palavras se derramarem pela calçada, mas não disse nada. A garota acabara de me fazer a pergunta mais fantástica do mundo, e eu estava completamente sem fala.

“Sim”, quis dizer. Quis gritar e levanta-la do chão e abraça-la e dizer “Sim, sim, vou ficar em frente à sua casa, seja quando for”, mas não falei nada. Minha voz encontrou o caminho da boca, mas não saiu. Sempre tropeçava em algum lugar, e depois se perdia, ou tornava a ser engolida.

O momento foi retalhado. Despedaçou-se à minha volta, e não tive absolutamente a menor ideia do que aconteceria em seguida, ou se viria de Octavia ou de mim. Senti vontade de me abaixar e catar todos os pedacinhos e guardá-los nos bolsos. De algum modo, em algum lugar perto de mim, eu ouvia a voz do meu espírito, dizendo-me o que falar ou o que fazer, mas não conseguia entendê-la. O silêncio a meu redor era intenso demais. Deixou-me indefeso, até eu notar os dedos dela apertando os meus com mais força por apenas um instante.

E passou.

Lentamente, ela deixou sua mão se soltar, e estava acabado.

Minha mão baixou e bateu de leve na lateral do meu corpo, pelo impacto de quando Octavia a soltou.

Ela olhou.

Para mim, depois para longe.

Estaria magoada? Esperava que eu falasse? Queria que eu segurasse sua mão de

novo? Queria que eu a puxasse para mim?

As perguntas ladravam dentro de mim, mas, apesar disso, não cheguei nem perto de fazer nada. Simplesmente fiquei parado ali, feito um tolo desventurado e incorrigível, à espera de que algo mudasse.

No fim, foi a voz da Octavia que extinguiu o silêncio candente da noite.

Uma voz baixa, corajosa.

Ela disse:

— Só... — Hesitou. — Só pense nisso, Cam.

E, depois de um instante de reflexão e uma última olhada para mim, deu meia-volta e foi embora.

Fiquei olhando.

Para as pernas dela.

Seus pés, caminhando.

O cabelo ecoando por suas costas na escuridão.

Lembrei-me também da sua voz, e da pergunta, e do sentimento que se avolumara dentro de mim. Ele gritava e me aquecia e me enregelava e se jogava dentro de mim. Por que eu não tinha dito nada?

Por que você não disse nada?, briguei comigo mesmo.

Ouvi os passos de Octavia.

Que subiam e arranhavam um pouquinho, enquanto ela seguia na direção da estação de trem.

Ela não olhou para trás.

— Cameron.

Uma voz me chamou.

— Cameron.

Lembro-me com clareza de estar com as mãos nos bolsos e, quando olhei para a direita, juro que pude discernir a silhueta do meu espírito, também encostado na mureta de tijolos, também as mãos nos bolsos. Ele me olhou. Fixou os olhos. E disse mais.

— Que diabo você está fazendo? — perguntou.

— O quê?

— Que quer dizer com *o quê*? Você não vai atrás dela?

— Não posso. — Olhei para baixo, para meus sapatos velhos e as barras esgarçadas dos jeans. Apenas olhei, e disse: — De qualquer jeito, agora é tarde demais.

Meu espírito chegou mais perto.

— Mas que diabo, moleque! — As palavras foram rudes. Fizeram-me levantar a cabeça e olhar com atenção, para encontrar o rosto ligado à voz. — Você fica parado, esperando em frente à casa de uma garota que não lhe dá a mínima, e, quando uma coisa de verdade acontece, você desmorona! Que espécie de pessoa é você?

Então, calou-se.

A voz cessou abruptamente.

O que queria dizer já fora dito, e retomamos nossa posição, encostados no muro,

com as mãos nos bolsos e o silêncio se alimentando em nossa boca.

Passou-se um minuto.

Outro veio e se foi, e mais outro. O tempo se coçou nos meus pensamentos, como o som dos pés de Octavia.

Finalmente me mexi.

Depois de uns quinze minutos.

Dei uma derradeira olhada na casa, sabendo que provavelmente era a última vez que a veria, e comecei a andar em direção à estação Redfern, sob os cabos da rede elétrica e através do frio da rua. Os vitrais das casas cintilavam quando as luzes de fora corriam para elas, e ouvi meus pés se levantando e depois arranhando o chão quando comecei a correr. Em algum lugar atrás de mim, ouvi os passos e a respiração do meu espírito. Eu queria chegar à estação antes dele. Tinha que chegar.

Corri.

Deixei o ar frio chapinhar em meus pulmões, enquanto ia pensando repetidas vezes no nome de Octavia. Corri até meus braços doerem tanto quanto as pernas e minha cabeça latejar com o fluxo de sangue.

— Octavia — disse.

Para mim mesmo.

Continuei a correr.

Passé pela universidade.

Passé pelas lojas abandonadas.

Passé por uns sujeitos que pareciam capazes de me assaltar.

— Vamos — dizia a mim mesmo, quando achava que estava reduzindo o passo, e forçava a vista ao longe, tentando ver as pernas e os passos de Octavia.

Quando cheguei à estação, jorravam hordas humanas pelos portões, e eu consegui me enfiar por entre um sujeito com uma mala e uma mulher que carregava flores. Fui para a linha de Illawarra e disparei pela escada rolante, passando por todos os ternos, malas e diferentes aromas de perfume e laquê já meio vencidos.

Cheguei à base.

Quase tropecei.

Olhe só para essa quantidade de gente!, pensei, mas fui abrindo caminho aos poucos pela plataforma. Quando o trem chegou, todas as pessoas se amontoaram e se espremeram, balançando a cabeça quando eu ficava no caminho. Houve até um mau cheiro danado, como o suor das axilas de alguém. O fedor me lambeu o rosto, mas continuei a procurar e a avançar pela multidão.

— Saia da frente — rosou alguém, e eu fiquei sem alternativa.

Embarquei no trem.

Embarquei e fiquei no compartimento central lotado, bem ao lado de um sujeito de bigode que era obviamente o dono do suor pútrido nas axilas. Ambos nos seguramos no apoio de metal engordurado, até o trem e eu entrarmos em movimento.

— Com licença — falei. — Desculpe.

Assim fui abrindo caminho pelo vagão para o andar de baixo. Calculei que antes percorreria o primeiro nível do trem e depois voltaria para o segundo. Esse era o único trem que ia para Hurstville. Octavia tinha que estar nele.

Não a encontrei no vagão em que eu havia embarcado, nem no seguinte.

Fui abrindo as portas entre os vagões e passando, com o vento frio do túnel guinchando à minha volta até eu entrar no próximo vagão. Em dado momento, quase dei com a porta na cara do meu espírito quando ela se fechou atrás de mim.

— Ali!

Ouvi a voz dele apontá-la para mim na multidão de seres humanos trancafiados no trem.

Vi-a logo depois que o trem chacoalhou, brotou do túnel e entrou no tom carvão mais pálido da noite. Octavia estava de pé, como eu havia ficado alguns vagões antes, mas virada para o outro lado. Do andar inferior do trem, pude ver suas pernas.

Passo.

Passo.

Fui me esgueirando para mais perto, cheguei à escada e comeci a subir.

Logo a vi inteira.

De pé, ela olhava pela janela suja do trem. Perguntei-me no que estaria pensando.

Eu estava perto.

Pude ver o pescoço e o movimento da respiração dela. Vi seus dedos segurando o apoio, enquanto o trem gaguejava e as luzes oscilavam e piscavam.

Octavia, eu disse, por dentro.

Meu espírito me empurrou para a frente.

— Vá em frente — disse ele, mas não me desafiou, não me deu ordens nem exigiu nada. Apenas me disse o que era certo e o que eu precisava fazer.

— Está bem — murmurei.

Cheguei mais perto e parei atrás dela.

De sua camisa de flanela.

Da pele do seu pescoço.

Das mechas despenteadas de cabelo que lhe desciam pelas costas.

Do ombro...

Estendi a mão e a toquei.

Ela se virou.

Virou, e eu a olhei, e um sentimento deu uma guinada em mim. Caramba, ela estava linda. Ouvi minha voz. Que disse:

— Vou ficar em frente à sua casa, Octavia. — Cheguei até a sorrir. — Amanhã vou lá e fico diante dela.

Foi então que ela suspirou, fechou os olhos por um instante e retribuiu o sorriso.

Sorriu e disse:

— Está bem.

Com a voz baixa.

Cheguei mais perto, segurei a blusa dela na altura do estômago e a abracei, aliviado.

Na parada seguinte, falei que era melhor eu saltar.

— Vejo você amanhã? — perguntou ela.

Fiz que sim.

As portas do trem se abriram e eu saí. Quando se fecharam, eu não fazia ideia da estação em que estava, mas, quando o trem partiu e começou a se arrastar para a frente, segui andando com ele, ainda olhando para Octavia pela janela.

Depois que o trem se foi, fiquei parado ali, até finalmente perceber como fazia frio na plataforma.

Uma coisa me ocorreu.

Meu espírito.

Tinha ido embora.

Procurei por toda parte, até perceber.

Ele não tinha descido do trem comigo. Ainda estava naquele vagão, com Octavia.

TRILHOS

Levanto-me, e agora há uma urgência nos passos do cachorro. Está doido para que eu vá atrás dele.

O sentimento me inunda.

É quente e pesado e me atravessa.

Corro atrás do cachorro e o persigo pelas ruas e pelo vento úivante. No começo, ele olha para trás à minha procura, mas logo percebe que o acompanho.

Ele me leva e me arrebatava.

Até que estamos correndo para a linha ferroviária, quase arrancando o asfalto da rua ao avançar, então o vejo. Vejo-o ao longe, ao chegarmos aos trilhos. Vejo um trem piscando e aumento meus passos até ficarmos ao lado dele.

Correndo.

Pechinchando com o cansaço — dizendo que ele pode me dominar depois, se eu puder seguir em frente agora.

Vamos adiante.

Vamos adiante e...

Eu os vejo.

Vejo-o percorrendo o trem até chegar, com a alma logo atrás, murmurando em seu ouvido.

Ela se vira e ele a segura pela blusa.

O trem vai mais depressa.

Ultrapassa-nos, desaparece, e eu diminuo a velocidade até parar e dobro o corpo para a frente, deixando as mãos se apoiarem nos joelhos.

O cachorro continua comigo e eu olho para ele, como que dizendo: Se houver mais disso no caminho de casa, vou gostar.

— Ei — disse Rube, quando cheguei naquela noite —, que diabo aconteceu com você? Está meio atrasado, não é?

— Eu sei. — Confirmei com a cabeça.

— Tem sopa na panela — interrompeu a Sra. Wolfe.

Levantei a tampa, o que costuma ser a pior coisa que se pode fazer. Mas serve para esvaziar a cozinha, o que foi muito útil naquela noite, pensando bem. Eu não estava mesmo disposto a responder a perguntas, especialmente às do Rube. O que eu poderia lhe dizer? “Ah, sabe, cara, acabei de sair com a sua ex-namorada. Você não se incomoda, não é?” De jeito nenhum.

A sopa demorou alguns minutos e eu me senti para tomá-la sozinho.

Enquanto comia, comeci a aceitar o que tinha acontecido. Quer dizer, não é todo dia que uma coisa *daquelas* acontece e, quando acontece, é difícil não demorar a acreditar.

A voz dela continuava ressoando dentro de mim.

— Cameron?

— Cameron?

Depois de ouvi-la algumas vezes, eu me virei e descobri que Sarah também estava falando comigo.

— Tudo bem com você? — perguntou.

Sorri para ela.

— É claro.

E nós lavamos a louça.

Mais tarde, Rube e eu fomos buscar o Miffy e passeamos até ele começar a ofegar de novo.

— Ele está com uma chiadeira desgraçada. Vai ver que está com gripe, ou coisa assim — sugeriu Rube. — Ou com gonorreia.

— O que é gonorreia?

— Não sei direito. Acho que é uma espécie de doença sexual.

— Bem, acho que ele não está sofrendo disso.

Quando o devolvemos ao Keith, ele disse que Miffy soltava muitas bolas de pelo, o que fazia sentido, já que o cachorro parecia ser feito de noventa por cento de pelo, um pouquinho de carne, outro tanto de osso, e um ou dois por cento de latidos, ganidos e confusão. Mas principalmente pelos. Pior que um gato.

Fizemos um último carinho nele e saímos.

Na nossa varanda, perguntei ao Rube como estava indo com a tal da Julia.

“É uma vadia”, eu o imaginei anunciando, mas sabia que ele nãoalaria isso.

— Ah, não vai nada mal, sabe? — respondeu ele. — Não é a melhor, mas também não é a pior. Não tenho queixas, na verdade.

Não demorava muito para uma garota passar de fantástica a trivial para o Rube.

— Certo.

Por um momento, quase lhe perguntei qual era sua avaliação da Octavia, mas não me interessava por ela da mesma maneira que o Rube, logo não fazia sentido. Não era importante. Para mim, o importante era quanto os pensamentos sobre ela iam aos recônditos mais profundos dentro de mim. Eu simplesmente não conseguia parar de pensar nela, enquanto me convencia de tudo que havia acontecido.

O aparecimento dela na rua em Glebe.

Sua pergunta.

O trem.

Tudo.

Passamos um tempo lá sentados, no sofá surrado que papai tinha posto na varanda alguns verões antes, observando o trânsito que fluía preguiçoso.

— Tão olhando o quê? — indagou uma garota meio vagabunda que passou flanando pela calçada.

— Nada — respondeu Rube, e só nos restou rir enquanto ela nos xingava sem motivo e seguia em frente.

Meus pensamentos voltaram-se para dentro.

A cada momento que passava, Octavia encontrava mais um caminho para mergulhar em mim. Mesmo quando Rube recomeçou a falar, eu estava de novo no trem, abrindo caminho por entre os humanos suados e engravatados.

— Nós vamos trabalhar com o papai neste sábado? — perguntou Rube, pisoteando meus pensamentos.

— Tenho quase certeza que sim — respondi.

Então ele se levantou e entrou em casa. Continuei na varanda por mais um bom tempo. Pensei na noite seguinte e em parar em frente à casa da Octavia.

Passsei a noite em claro.

Os lençóis grudaram em mim e eu me virei e me enrosquei neles. A certa altura, cheguei a me levantar e simplesmente ficar sentado na cozinha. Já passava das duas da manhã e, quando a Sra. Wolfe acordou para ir ao banheiro, foi ver quem estava lá.

— Oi — murmurei.

— O que está fazendo? — perguntou ela.

— Não consegui dormir.

— Bem, volte logo para a cama, sim?

Passsei mais um tempo sentado à mesa da cozinha, ouvindo no rádio o programa de entrevistas ao vivo que conversava e discutia consigo mesmo. Octavia me ocupou durante aquela noite inteira, fazendo com que eu me perguntasse se ela estava sentada na cozinha dela, pensando em mim.

Talvez.

Talvez não.

De um jeito ou de outro, eu iria lá no dia seguinte, e as horas desapareciam mais devagar do que eu imaginava possível.

Voltei para a cama e esperei. Quando o sol surgiu, levantei-me com ele e, pouco a

pouco, o dia passou por mim. A escola foi a mistura habitual de piadas, cretinos completos, empurrões e risadas aqui e ali.

Durante alguns ansiosos segundos da tarde, não tive certeza do sobrenome da Octavia e fiquei com medo de não conseguir achá-la na lista telefônica. Senti alívio ao me lembrar. Era Ash. Octavia Ash. Quando encontrei o endereço, verifiquei a rua no mapa e descobri que ficava a uns dez minutos a pé da estação, desde que eu não me perdesse.

Antes de sair, pulci a cerca e passei um tempo fazendo carinho no Miffy. De certo modo, eu estava nervoso. Nervoso para caramba. Pensei em tudo que poderia dar errado. O trem podia descarrilar. Talvez eu não conseguisse encontrar a casa certa. Eu podia ficar parado diante da casa *errada*. Considerei tudo isso enquanto afagava aquela bolota felpuda, que virara de barriga para cima e que, de algum modo, parecia sorrir enquanto eu a coçava.

— Deseje-me sorte, Miffy — pedi baixinho, ao me levantar para sair, mas tudo o que ele fez foi ficar de pé e me lançar um olhar de *Não pare de fazer carinho, seu cretino preguiçoso*. Mesmo assim, pulci a cerca, passei pela minha casa e saí. Deixei um bilhete, dizendo que talvez fosse à casa do Steve à noite, para que ninguém se preocupasse demais. (O provável era que eu acabasse mesmo passando por lá.)

Eu vestia o mesmo tipo de roupa de sempre. Jeans velhos, minha jaqueta impermeável preta, camiseta de time e meus sapatos surrados.

Antes de sair, fui ao banheiro e tentei impedir que meu cabelo ficasse arrepiado, mas isso é como tentar desafiar a gravidade. O cabelo fica espetado, haja o que houver. Volumoso como pelo de cachorro e sempre ligeiramente bagunçado. Nunca há muita coisa que eu possa fazer. *E depois*, pensei, *devo procurar apenas ficar como estava ontem. Se ontem foi bom o bastante, deve ser bom o bastante hoje*.

Estava resolvido. Eu estava a caminho.

Deixei a porta da entrada bater às minhas costas e a de tela chacoalhar. Foi como se elas me chutassem para fora da antiga vida que eu havia levado naquela casa. Eu estava sendo lançado no mundo, novo. O portão quebrado e torto rangeu ao se abrir, deixou que eu sásse, e depois eu o fechei delicadamente. Partí e, de um ponto mais adiante na rua, talvez a uns cinquenta metros de distância, olhei para trás por um segundo, para a casa onde morava. Não era mais a mesma. Nunca mais seria. Continuei a andar.

O trânsito da rua passou lentamente por mim e, em um dado momento, quando engarrafou de verdade, o passageiro de um táxi deu uma cusparada pela janela e o cuspe caiu perto dos meus pés.

— Caramba! — exclamou o sujeito. — Desculpe, companheiro.

Apenas sorri e retruquei:

— Não tem problema.

Não podia me dar ao luxo de me distrair. Não naquele dia. Eu havia farejado a pista de uma vida diferente e nada me desviaria dela. Eu a caçaria. Encontraria seu lugar dentro de mim. Iria achá-la, prová-la, devorá-la. O cara podia ter cuspidido no meu rosto

e eu limparia o cuspe e continuaria andando.

Não haveria distrações.

Nem arrependimentos.

A tarde ainda não havia caído quando cheguei à Estação Central, comprei meu bilhete e desci para o subsolo. Plataforma vinte e cinco.

Parado ali, esperei no fundo da plataforma até sentir o vento frio trazido pelo trem que avançava pelo túnel. Ele cercou meus ouvidos até o rugido me atravessar e se reduzir a um suspiro surdo, capenga.

Era um trem velho.

Um trem nojento.

No último vagão, na parte de baixo, um velho com um rádio escutava jazz. Sorrii para mim (evento raríssimo em qualquer forma de transporte público), e eu soube que tudo teria que correr bem naquele dia. Senti como se tivesse merecido isso.

Meus pensamentos deram guinadas junto com o trem.

Meu coração se conteve.

Ao chegar a Hurstville, levantei-me, saltei e, para meu espanto, encontrei a rua da Octavia sem o menor problema. Em geral, em matéria de senso de direção, sou um horror completo.

Caminhei.

Olhei para cada casa, tentando adivinhar qual delas era a de número treze na rua Howell.

Ao encontrá-la, descobri que era quase tão pequena quanto a minha casa, feita de tijolos vermelhos. Começava a escurecer e fiquei por ali, esperando e torcendo, com as mãos nos bolsos. Havia uma cerca e um portão, um gramado bem-aparado com um caminho. Comecei a me perguntar se ela sairia.

Vieram pessoas da estação.

Passaram por mim.

Por fim, quando a mesma escuridão da véspera apoderou-se da rua, dei as costas para a casa, me virei para a estrada e fiquei meio sentado, meio encostado na cerca. Minutos depois, ela veio.

Mal ouvi a porta da entrada se abrir ou os passos dela na minha direção, mas não houve dúvida quanto à sensação de sua presença às minhas costas quando Octavia parou perto de mim. Pude senti-la e imaginar seu coração batendo...

Ainda estremeço ao me lembrar da sensação de suas mãos frias no meu pescoço, e do toque de sua voz na minha pele.

— Oi, Cameron — cumprimentou ela, e eu me virei para olhá-la. — Obrigada por ter vindo.

— Tudo bem — retruquei, com a voz seca e rachada.

Lembro-me de ter sorrido, e meu coração nadou no próprio sangue. Já não havia como parar. Na minha cabeça, eu tinha passado mil vezes por momentos como aquele e, agora que um deles estava realmente acontecendo, não havia como estragá-lo. Eu não me

permitiria.

Caminhei ao longo da cerca, passei pelo portão e, ao chegar até Octavia, peguei sua mão e a segurei.

Levei sua mão à boca e a beijei. Beijei os dedos e o pulso, com toda a delicadeza que meus lábios desajeitados conseguiram, e, quando olhei para seu rosto, percebi que isso nunca lhe havia acontecido. Acho que ela só havia sido tomada à força, e minha gentileza deve tê-la surpreendido.

Seus olhos se arregalaram.

A expressão de seu rosto tornou-se um pouquinho mais íntima.

Sua boca fundiu-se em um sorriso.

— Venha — disse ela, conduzindo-me para depois do portão. — Hoje não temos muito tempo.

E, quase nos tocando, saímos pela trilha.

Descemos a rua e fomos até um antigo parque, onde procurei dentro de mim mesmo coisas a dizer.

Não encontrei nada.

Só consegui pensar nas porcarias mais idiotas, como o tempo e coisas do gênero, mas não me reduziria a isso. Octavia, porém, continuou a sorrir para mim, dizendo-me em silêncio que não havia problema em ficar quieto. Tudo bem se eu não a conquistasse com histórias ou elogios ou qualquer outra coisa que dissesse só para dizer *alguma coisa*. Ela apenas caminhou e sorriu, mais contente no silêncio.

No parque, passamos um longo tempo sentados.

Ofereci-lhe minha jaqueta e a ajudei a vesti-la, mas, depois disso, não houve nada.

Nenhuma palavra.

Nada de nada.

Não sei o que mais eu esperava, porque não tinha absolutamente a menor ideia de como enfrentar aquilo. Não fazia ideia de como agir perto de uma garota, porque, para mim, seus desejos estavam completamente envoltos em mistério. Eu não tinha mesmo nenhuma ideia. Só sabia que a queria. Essa era a parte simples. Mas e saber de verdade o que fazer? Como eu poderia sequer tentar enfrentar uma coisa dessas? Você sabe me dizer?

Meu problema, acho, vinha de eu ter passado tanto tempo dentro da solidão. Eu sempre observava as garotas de longe, mal me aproximando o bastante para sentir seu perfume. É claro que as *desejava*, mas, apesar de me sentir péssimo por não tê-las de verdade, isso também trazia certo alívio. Não havia pressão. Incômodo. De certo modo, era mais fácil apenas imaginar como seria, em vez de enfrentar a realidade da coisa. Eu podia criar situações ideais e maneiras de agir que me fariam conquistá-las.

A gente pode fazer qualquer coisa quando não é real.

Quando é real, não há nada para conter a queda. Nada entre você e o chão, e, naquela noite no parque, eu nunca me sentira tão real. Nunca me sentira tão sem controle. Parecia ser como era e como sempre seria.

Antes, a vida tinha a ver com conquistar garotas (ou torcer para conseguir).

Não com conhecê-las.

Agora era muito diferente.

Agora tinha a ver com *uma* garota, e com descobrir o que fazer.

Pensei um pouco, tentando alcançar mentalmente a solução fugidia para o que fazer.

As ideias me aprisionavam, deixando-me ali para refletir. No fim, tentei me convencer de que tudo correria bem. Só que nada corre por si só.

Tudo bem, falei a mim mesmo, tentando manter a compostura. Comecei até a listar as coisas que de fato fizera direito.

Eu tinha ido atrás dela no trem, na véspera.

Falara com ela e dissera que ficaria diante da casa dela.

Caramba, eu havia até beijado a mão dela.

Mas agora eu precisava falar, e não tinha nada para dizer.

Por que você não tem nada para dizer, seu cretino idiota?, perguntei a mim mesmo.

Supliquei dentro de mim.

Várias vezes.

Foi amarga a decepção, sentado com ela em um banco de parque infestado de farpas, pensando no que fazer em seguida.

Em dado momento, abri a boca, mas nada saiu.

No fim, tudo o que pude fazer foi olhar para ela e dizer:

— Desculpe, Octavia. Desculpe por ser tão estupidamente inútil.

Ela balançou a cabeça e vi que discordava de mim.

— Você não tem que falar nada, Cameron — disse ela, baixinho, e olhou para dentro de mim. — Você poderia nunca falar coisa alguma, e mesmo assim eu saberia que você tem um grande coração.

Foi aí que a noite explodiu de repente e o céu despencou em pedaços à minha volta.

SILÊNCIO

Estou parado no escuro.

Tremendo.

O vento para de soprar.

Morre.

Cai de quatro e desaba no silêncio.

Eu paro.

O cachorro para.

E.

Tudo.

Que existe.

É o silêncio.

Parece um fracasso, como um coração começando a se rasgar por dentro.

Por dentro, ele me segue.

Acorrenta-me e observa enquanto tento me libertar.

Quase espero que tente inundar-me.

Posso gritar e tentar me afastar dele, porém ele nunca larga.

De certo modo, espero que estas palavras escritas falem. Espero que ardam e clamem e gritem.

Espero que gritem.

Para romper meu silêncio...

Viro-me com o cão e continuamos andando.

Nossos passos.

São silenciosos.

ASarah soube.

Percebeu só de me olhar quando cheguei em casa naquela noite, segundo ela. E falou isso na mesma hora, quando tentei passar de fininho, seguindo para o quarto que eu dividia com o Rube.

Foi engraçado.

Inacreditável.

Como ela pôde ter tanta certeza, tanta certeza a ponto de me deter quando entrei, pôr a mão no meu peito e dizer, com um sorriso e um sussurro:

— Pode contar, Cameron: como se chama a garota que é capaz de fazer seu coração bater tão depressa?

Devolvi o sorriso, assustado, sem jeito e admirado.

— Não é ninguém — neguei.

— Hum — respondeu com um risinho.

Hum.

Foi só o que ela disse, soltando-me e se afastando, ainda sorridente.

— Parabéns, Cameron. — Foi o que disse ao se afastar. Encarou-me uma última vez. — Você merece. Merece mesmo, estou falando sério.

E me deixou parado ali, recordando o que havia acontecido logo depois que os pedaços de céu caíram à minha volta.

Durante algum tempo, Octavia e eu permanecemos no banco, enquanto o ar esfriava. Foi só quando ela começou a tremer que nos levantamos e começamos a andar para sua casa. Em um dado momento, os dedos dela tocaram os meus e ela os segurou bem de leve.

No portão, percebi que eu não ia entrar. Senti.

Antes de entrar, ela disse:

— Eu vou ao cais no domingo, se você quiser aparecer. Estarei lá por volta de meio-dia.

— Está bem — respondi, já me imaginando parado lá, vendo-a tocar sua gaita e as pessoas jogando dinheiro na jaqueta. Um luminoso céu azul. Nuvens altas. O sol estendendo as mãos. Visualizei tudo.

— E, Cameron — prosseguiu ela.

Voltei da minha visão.

— Vou esperar por você. — Deixou os olhos baterem no chão e subirem de novo até os meus. — Sabe o que quero dizer?

Assenti, devagar.

Octavia esperaria por mim, para falar e para estar com ela do jeito que eu pudesse. Acho que só nos restava a esperança de que aquilo fosse apenas uma questão de tempo.

— Obrigado — respondi e, em vez de me deixar vê-la entrar, ela ficou no portão e acenou todas as vezes que virei para trás para me permitir ter um último vislumbre seu.

A cada vez que me voltava, eu murmurava “tchau, Octavia”, até dobrar a esquina, sozinho de novo.

As lembranças do trajeto para casa foram toldadas pela nebulosidade da viagem noturna no trem. O som dos vagões deslizando e rolando sobre os trilhos ainda me perpassa. Cria uma visão de mim mesmo sentado nele, regressando ao lugar de onde viera, mas a um lugar que já não seria o mesmo.

Foi estranho como a Sarah notou de imediato.

Percebeu em um instante a mudança ocorrida em mim, em minha maneira de existir em nossa casa. Talvez eu tenha me movido de um modo diferente ou falado de um modo diferente, não sei. Mas *estava* diferente.

Eu tinha minhas palavras.

Eu tinha Octavia.

De certo modo, foi como se eu já não me pedisse nada. Não estava implorando por aqueles fragmentos de bem-estar. Apenas dizia a mim mesmo para ser paciente, porque eu estava finalmente em um lugar próximo de onde queria estar. Havia lutado por isso, e agora estava quase lá.

À noite, muito mais tarde, Rube chegou e desabou na cama, como sempre.

Ainda de sapatos.

Com a camisa meio desabotoada.

Havia um leve cheiro de cerveja, fumaça e seu perfume barato de sempre, do qual ele nem precisava, porque as garotas caíam em cima dele de qualquer maneira.

Respiração alta.

Sorrindo enquanto dorme.

Típico Rube. Típica noite de sexta-feira.

Ele também deixou a luz acesa, por isso tive que levantar para apagá-la.

Nós dois sabíamos muito bem que papai nos acordaria de manhã, quando ainda estivesse escuro. Eu também sabia que Rube acordaria com ar cansado e abatido, mas, ainda assim, bonito para cacete. Ele, o meu irmão, tinha um jeito de fazer isso que me deixava completamente furo da vida.

Deitado ali, do outro lado do quarto, fiquei pensando no que ele diria quando descobrisse sobre mim e Octavia. Percorri mentalmente toda uma lista de possibilidades, porque era provável que Rube dissesse algo, dependendo do que estivesse acontecendo no momento, do que houvesse acontecido antes e do que estivesse para acontecer depois. Algumas das coisas em que pensei foram:

Ele me daria um pescotapa e diria: “No que diabos você está pensando, Cam?” Outro tapa. “Não se faz esse tipo de coisa com a ex-namorada do seu irmão!” Outro tapa, e depois mais um, por via das dúvidas.

Por outro lado, ele podia só dar de ombros. Nada. Nem palavras, nem raiva, nem mudança de humor, nem sorriso, nem risada.

Ou ele poderia me dar um tapinha nas costas e dizer: “Bom, Cam, já estava na hora de você se dar bem.”

Ou talvez ficasse sem fala.

Não.

Nem pensar.

Rube nunca ficava sem fala.

Se não pudesse pensar em nada para dizer, o mais provável era que olhasse para mim e exclamasse: “A Octavia? Jura?!”

Eu faria que sim.

“Jura?”

“Sim.”

“Ora, isso é pra lá de fantástico, ora se é!”

As situações fundiram-se em minha mente à medida que fui lentamente pegando no sono. Meus sonhos juntaram tudo, até que às seis e quinze da manhã seguinte alguém me chacoalhou com a mão pesada e me acordou.

Era o velho.

Clifford Wolfe.

— Hora de levantar — disse a voz dele no escuro. — Acorde aquele sacana preguiçoso também. — Apontou com o polegar na direção do Rube, mas dava para perceber que estava sorrindo. Entre mim, o papai e Rube, “sacana” era um apelido carinhoso.

O serviço era bem no litoral, em Bronte.

Rube e eu basicamente ficamos enfiados embaixo da casa o dia inteiro, ouvindo rádio.

No almoço, andamos pela praia e papai comprou o peixe com fritas de todo dia. Ao terminarmos, Rube e eu fomos até o mar tirar a gordura das mãos.

— A água está gelada pra cacete — avisou Rube, mas, assim mesmo, encheu as mãos e molhou o rosto e a cabeleira farta e loura.

Ao longo da praia, havia conchas trazidas pela maré.

Comecei a remexer nelas e a catar as melhores para guardar.

Rube deu uma olhadela.

— O que você está fazendo? — perguntou-me.

— Só pegando umas conchas.

Ele me olhou, incrédulo:

— Você é uma porra de um baitola ou o quê?

Olhei para as conchas nas minhas mãos.

— Qual é o problema?

— Caramba! — disse ele. — Você é, não é?

Apenas olhei para ele e ri também, depois peguei uma concha limpa e lisa, com um desenho tigrado suave. No centro havia um buraquinho por onde se podia espiar.

— Olhe para esta — comentei, estendendo-a para Rube.

— Nada má — admitiu ele, e, enquanto contemplávamos o oceano, meu irmão disse: — Você é legal, Cameron.

Só pude contemplar a paisagem por mais alguns segundos antes de voltarmos. O velho já nos gritara um “Ei”, para nos fazer retornar ao trabalho. Atravessamos a faixa de areia e subimos a rua de novo. Mais tarde, naquele mesmo dia, Rube me disse umas coisas. Sobre a Octavia.

Começou de forma bem inocente, quando perguntei quantas namoradas ele achava já ter tido.

— Não sei direito — respondeu. — Nunca contei. Talvez doze, treze.

Por algum tempo, ouviu-se apenas o som das pás cavando, mas percebi que meu irmão, assim como eu, estava reexaminando as garotas na sua cabeça, alisando cada uma com os dedos da mente.

No meio daquilo, tive que fazer uma pergunta.

— Rube?

— Cale a boca; estou tentando me concentrar.

Ignorei-o e prossegui. Agora eu havia começado e não ia parar.

— Por que você deu o fora na Octavia? — perguntei.

Ele parou de cavar.

— Simples — começou. — Porque aquela garota deve ser a pessoa mais estranha que eu já conheci. Mais até do que você, se é que dá para acreditar.

— Por quê?

Concentrei toda a minha atenção na boca do Rube, que falava sobre Octavia Ash. Podia até ver a respiração sair de seus lábios junto com as palavras.

— Bem, para começo de conversa, um dia você podia passar a mão nela toda e, no dia seguinte, ela nem deixava você chegar perto. — Rube parou para pensar de repente. — Também é impossível tirar a roupa dela. — Sorriu para mim. — Acredite, eu tentei. — Mas eu ainda sentia que ele estava guardando alguma coisa. Então a revelou. — Agora, o mais estranho de tudo é que aquela garota nunca me deixou entrar na casa dela. Nem uma vez. Nem sei qual era a cor da porta da frente...

— Foi por isso que você a dispensou?

Meu irmão me olhou com ar pensativo, sincero, e sorriu.

— Que nada.

Abanou de leve a cabeça.

— Então, por que foi?

— Bem. — Ele deu de ombros. — Pra falar a verdade, Cam, foi *ela* que terminou comigo. Naquela noite em que voltou lá em casa. Eu estava esperando que ela chorasse e fizesse drama como algumas outras. — Abanou a cabeça. — Mas me enganei. Ela só veio me dar uma bronca dos diabos. Disse que eu não valia o esforço.

O que mais me confundiu foi não saber como o Rube podia ficar tão calmo com isso. Se fosse eu no lugar dele, a agonia de alguém como a Octavia romper comigo me deixaria em frangalhos no chão. Iria me destruir.

Mas isso era eu.

Para o Rube, apareceu uma segunda opção melhor e ele a aproveitou, e acho que não

havia nada de errado nisso. O único problema para meu irmão, no momento, era que a tal da Julia parecia ter vindo com excesso de bagagem. Havia cobrado um preço.

— Ao que parece, ela ainda estava com outro cara quando começou a sair comigo — disse ele, com naturalidade. — E, ao que parece, o cara está querendo *me* matar por causa disso. Não sei por quê. Não é como se eu tivesse feito alguma coisa errada. Não há nada que eu possa fazer se a garota não me diz que já está amarrada.

— Só tome cuidado — falei.

Acho que ele pôde perceber, pelo tom da minha voz, que eu não era um grande fã da tal da Julia. Fez uma pergunta direta:

— Você não gosta dela, não é?

Abanei a cabeça.

— Por quê?

Você magoou a Octavia para ficar com ela, pensei, mas disse:

— Não sei. Só tenho um mau pressentimento a respeito dela, só isso.

— Não se preocupe comigo — retrucou Rube. Deu-me uma olhada e o seu sorriso habitual, aquele que sempre diz que vai dar tudo certo. — Eu sobrevivo.

Acabei ficando apenas com uma concha da praia. Foi aquela com o desenho tigrado. Em casa, segurei-a na luz da janela do nosso quarto. Já sabia o que fazer com ela.

A concha estava no meu bolso, no dia seguinte, quando andei até a Estação Central e peguei o trem para o Cais Circular. A água do porto era de um azul intenso que as balsas cruzavam lentamente, cortavam e depois deixavam acomodar-se. No cais, havia gente por toda parte e uma porção de músicos ambulantes. *The Good, the Bad and the Ugly*. Demorou um pouco, mas finalmente a vi. Vi Octavia na calçada do bairro The Rocks, e notei as pessoas que zanzavam ao redor dela, atraídas pela voz poderosa de sua gaita.

Cheguei quando ela estava terminando uma música e as pessoas jogavam dinheiro na jaqueta velha estendida no chão. Ela sorriu para os espectadores e agradeceu, e a maioria das pessoas se afastou devagar.

Sem notar minha presença, Octavia logo emendou em outra melodia e, mais uma vez, algumas pessoas começaram a se juntar à sua volta. Não tantas, dessa vez. O sol circundou seu cabelo ondulado e observei atentamente o deslizar de seus lábios pelo instrumento. Olhei para o seu pescoço, a camisa macia de flanela, e roubei vislumbres de seus quadris e pernas por brechas na aglomeração. Na música pude ouvir suas palavras: “Tudo bem, Cameron, eu posso esperar.” Também a ouvi dizer que eu tinha um grande coração e, hesitante a princípio, depois sem pensar, juntei-me à multidão e comecei a atravessá-la.

Respirando, parando e me agachando, tornei-me a pessoa mais próxima de Octavia Ash no mundo. Ela tocava sua gaita e eu me ajoelhei à sua frente.

Octavia me viu e percebi o sorriso dominar seus lábios.

Minha pulsação se acelerou.

Senti-a arder na garganta quando enfiei lentamente a mão no bolso, peguei a concha tigrada e a depositei com gentileza na jaqueta em que se espalhava todo o dinheiro.

Ali a coloquei, o sol a atingiu, e, quando eu já ia dando a volta para me afastar, a música parou. No meio, a canção foi interrompida.

O mundo calou-se e me virei de novo, e vi uma garota que se erguia acima de mim, completamente imóvel.

Ela se abaixou, pôs a gaita no meio do dinheiro e apanhou a concha.

Segurou-a.

Levou-a aos lábios.

Beijou-a de leve.

Depois, com a mão direita, puxou-me pela jaqueta e me beijou. Seu hálito me atravessou, e, enquanto a maciez, o calor, a umidade e a abertura de sua boca me tomavam, um som vindo de fora irrompeu em meus ouvidos. Por um momento, perguntei-me o que seria, mas tornei a mergulhar por inteiro em Octavia, enquanto seu espírito se derramava em mim. Estávamos ambos ajoelhados e minhas mãos a seguravam pelos quadris. Seus lábios continuaram a buscar os meus, tocando-me. Conectando-se. Sua mão direita pousou em minha face, segurando-me, mantendo-me por perto.

O som estrondoso continuou à nossa volta, formando muros que faziam deste mundo dentro do resto do mundo. De repente, compreendi o que era. Um som claro, límpido e magnífico.

Era o som de gente aplaudindo.

MÃOS QUE APLAUDEM

— *Qual é a do som de mãos aplaudindo?* — pergunto.

O cachorro continua a andar, mas não me importo. Apenas continuo a falar.

— *Por que ele parece um mar de som, como ondas quebrando em cima da gente? Por que faz a maré virar dentro de nós?*

Agora só penso nisso.

Talvez seja porque é uma das coisas mais nobres que os seres humanos fazem com as mãos.

Digo, os seres humanos cerram as mãos em punhos. Usam-nas para ferir uns aos outros e para roubar coisas.

Quando os humanos batem palmas, é o único momento em que se unem para aplaudir outros seres humanos.

Acho que os aplausos existem para conservar coisas.

— *Eles mantêm unidos os momentos a serem lembrados* — comento, baixinho.

O cão não se impressiona muito, e a escuridão desce.

Calo a boca e continuo a andar.

— Foi a melhor coisa que já me deram — disse ela, levantando a concha e olhando para mim pelo furo. Tornou a me beijar na boca, de leve, e uma vez no pescoço. Cochichou no meu ouvido: — Obrigada, Cameron.

Eu adorava seus lábios, principalmente quando o sol os atingia e ela sorria para mim. Eu nunca a vira sorrir daquele jeito quando estava com o Rube, e torci para ser um sorriso que ela nunca tivesse dado a nenhum outro ser vivo. Não pude evitar.

As pessoas tinham ido embora e recolhemos o dinheiro da jaqueta de Octavia. Era pouco mais de cinquenta e seis dólares. No bolso esquerdo da minha jaqueta eu ainda levava todas as minhas palavras, inclusive as que acabara de escrever quando ela havia começado a tocar. Meus dedos as seguravam com firmeza, protegendo-as.

— Vamos — disse Octavia, e começamos a andar pela beira-mar em direção à ponte.

Sombras de nuvens espreitavam sobre a água, como buracos que o sol tivesse esquecido. A garota a meu lado continuava a olhar para a concha, e meu coração parecia escalar as costelas a cada batida. Mesmo quando diminuí o ritmo, continuou a pulsar com certa força. Gostei disso.

Embaixo da ponte, sentamos encostados na parede, Octavia com as pernas estendidas, eu com os joelhos dobrados, chegando à garganta. Olhei-a e notei o jeito como a luz tocava sua pele e bagunçava o cabelo caído no rosto. Era da cor do mel. Octavia tinha olhos verde-mar, como água salgada em dias nublados, pele bronzeada e um sorriso de dentes retos, que se acavalavam um pouco do lado direito quando ela abria mais a boca. Tinha o pescoço liso e alguns machucados nas canelas. Belos joelhos e quadris. Gosto dos quadris das garotas, mas gostava especialmente dos da Octavia. Eu...

Lá estava ele de novo.

Entre nós.

O silêncio.

Havia apenas o som da água atirando-se nas paredes do porto, até que, finalmente, olhei para Octavia e disse em voz baixa:

— Eu só queria...

Pausa.

Uma longa pausa.

Ela queria falar, senti. Notei isso na súplica de seus olhos e no ligeiro movimento de seus lábios. Estava doida para dizer uma coisa, mas se conteve. Terminei a frase:

— Eu só queria dizer... — Pigarreci, mas a voz continuou rachada. — Obrigada.

— Por quê?

— Por... — hesitei. — Por me querer.

Ela se virou e me olhou nos olhos por um brevíssimo segundo. Seus dedos tocaram meu pulso e desceram para se entrelaçar nos meus. Então ela disse, em um tom muito resolutivo:

— Eu o queria ainda mais se você me revelasse quem é.

As palavras me abriram por inteiro.

Eu poderia ter fingido não entender do que Octavia estava falando, mas sabia que a espera havia acabado. Ela esperaria, eu sabia disso. Mas ninguém pode esperar para sempre.

Por isso, indaguei:

— O que você quer saber?

Ela sorriu por um instante e disse, calmamente:

— Gosto do seu cabelo, Cameron. Gosto de como ele fica espetado, por mais que você tente abaixá-lo. É a única coisa que você não consegue esconder. — Fez uma pausa para engolir. — Mas o restante está escondido. Escondido atrás do seu andar calculado, da gola amarrutada da sua jaqueta e do seu sorriso nervoso, sem jeito. Nossa, eu adoro esse sorriso, sabia?

Olhei-a de relance.

— Sabia disso? — perguntou de novo, quase em tom de acusação.

— Não.

— Bem, é verdade, mas...

— O quê?

— Você não percebe? — Ela apertou minha mão. — Eu quero mais do que isso. — Um sorriso decidido lutou para tomar seus olhos. — Só quero conhecer você, Cameron.

Notei de novo o som da água.

Subindo.

Esmurrando a parede, antes de mergulhar de volta.

Por fim, assenti.

— Tudo bem — respondi.

Foi um sussurro. Quase meia voz.

— O único problema — disse ela, depois de algum tempo — é que você tem que me contar. Tem que falar.

Examinei meu rosto em busca do que eu estava prestes a dizer ou a fazer.

Eu o fiz.

Levantei-me e andei até a água.

Dei meia-volta.

A ponte se agigantava acima de mim e eu comecei a falar, agachando-me a menos de dez metros de distância e olhando dentro dela.

As palavras fluíram da minha boca.

— Meu nome é Cameron. Eu sempre disse que queria me afogar dentro de uma garota, dentro da alma dela, porém nunca cheguei nem perto... mal cheguei sequer a tocar em uma garota. Não tenho amigos. Vivo à sombra dos meus dois irmãos: um pela concentração obstinada no sucesso, o outro pelo brilho, sorriso bruto e pela capacidade de fazer as pessoas gostarem dele. Espero que a minha irmã não venha a ser apenas mais um naco de carne, desses que um sujeito qualquer pega, para o qual o cara joga alguns

dólares e diz: “Compre um batom, mas não vá esquecer a cerveja.” Trabalho com meu pai nos fins de semana e fico com as mãos sujas e cheias de bolhas. Já aluguei filmes com cenas de sexo e me masturbei pensando em garotas da escola, modelos, uma ou duas professoras, garotas de comerciais, garotas de calendários, garotas de programas de televisão, garotas vestindo uniforme ou terninho, sentadas no metrô, lendo livros grossos, com o pescoço carregado de perfume e a maquiagem perfeita. Ando muito pela cidade e, quando o faço, é como se ela fosse a alma do lar. Adoro meu irmão Rube, mas odeio o que ele faz com as garotas, especialmente quando são garotas de verdade como você, que deviam saber que não é bom sair com ele, para começo de conversa. Idolatro a Sra. Wolfe, porque ela nos mantém unidos e trabalha pra cacete. Trabalha mais do que deveria ter que trabalhar e, um dia, quero fazer alguma coisa genial por ela, como colocá-la na primeira classe de um avião para ir aonde quiser...

Lembrei-me de respirar, mas esqueci o que ia dizer em seguida.

Parei de falar e me levantei, porque as pernas estavam ficando doloridas naquela posição.

Caminhei devagar em direção a Octavia Ash, cujas canelas machucadas agora eram envolvidas pelos braços cruzados.

— Eu...

Parei de novo e me agachei diante dela. Senti o sangue se acumular de novo em minhas pernas.

— O quê? — perguntou ela. — O que é?

Por alguns segundos, perguntei-me se devia ou não fazê-lo, mas, antes que me permitisse parar, enfiei a mão no bolso dos meus jeans surrados, tirei montes de papel amassado e estendi a ela, como se lhe oferecesse minha alma. No papel estavam as palavras.

— Isto é meu — disse, pondo-as em sua mão estendida. — São palavras minhas. Abra e leia. Elas lhe dirão quem eu sou.

Octavia fez o que eu tinha pedido, abrindo o pedacinho de escrito que tinha sido o primeiro. Só que tudo o que ela leu foi o começo. Em seguida, devolveu-me o papel e pediu:

— Quer ler para mim, Cameron?

Meus pensamentos se ajoelharam.

A letra vagou por entre nós, sentei-me ao lado de Octavia de novo e comeci a ler as palavras que tinha escrito no Capítulo Um desta história:

— *Nada vem fácil para um ser humano como eu. Isto não é uma queixa. É só uma verdade...*

Li a página com vagar e franqueza, exatamente como a sentia, como se ela vazasse de mim.

Li a última parte só um pouquinho mais alto:

— *Sei que encontrei meu ceme em uma ruela batida por sombras, em um beco em algum ponto deste lugar. No fundo, alguma coisa espera. Dois olhos brilham. Engulo em seco. Meu coração me bate. E então continuo andando, para descobrir o que é... Passo. Batida do coração. Passo...*

Quando terminei, um silêncio final apossou-se de nós, e o som do papel voltando a ser dobrado pareceu algo se quebrando. Ou talvez tenha sido o som da lágrima que atravessou o rosto da Octavia.

Ela esperou um pouco antes de perguntar, em tom meigo:

— Você nunca tocou em uma garota?

— Não.

— Não antes de mim?

— Não.

— Quer me fazer um favor?

Assenti, olhando-a.

— Pode segurar minha mão?

Sentindo cada parte dela, segurei a mão da Octavia, que chegou mais perto e descansou a cabeça em meu ombro. Pôs uma perna sobre a minha e enganchou o pé sob meu tornozelo, ligando-nos.

— Nunca pensei que fosse mostrar minhas palavras a ninguém — comentei em voz baixa.

— São lindas — sussurrou ela em meu ouvido.

— Elas fazem com que eu me sinta bem...

Pouco depois, Octavia ficou de frente para mim, cruzou as pernas e me encarou, fazendo-me ler tudo que tinha escrito até então.

Quando terminei, passou minhas mãos pela sua barriga, para que eu segurasse seus quadris. Disse:

— Você pode se afogar dentro de mim quando quiser, Cameron.

Então tornou a pôr os lábios nos meus, e se deixou fluir pelo interior da minha boca. As páginas ainda estavam nas minhas mãos, pressionadas, enquanto eu segurava seu corpo pelos quadris, e pude senti-la em cima de mim, consumindo-me.

A PONTE

— Não vou atravessar aquilo — digo ao cachorro.

Ele me olha como quem dissesse: Ah, se não vai.

— Olhe só como é fraca! — protesto, mas o cão simplesmente não está interessado.

Sobe na ponte e começa a atravessá-la. Com muito cuidado, piso nela também...

É de madeira.

Tem rachaduras, e minhas mãos ardem com a força que uso para segurar as cordas.

Olho para baixo.

Para aquilo que parece um abismo.

Aos poucos, porém, vou fazendo a travessia, às vezes engatinhando para conseguir.

É como as palavras faladas, a ponte. Eu a quero, mas tenho medo dela. Deus do céu, quero desesperadamente chegar ao outro lado — assim como quero as palavras. Quero que minhas palavras construam pontes tão fortes que seja possível caminhar sobre elas. Quero que elas se elevem acima do mundo, para que eu possa me erguer e andar até o outro lado.

Às vezes a gente tem que se agachar para construir uma ponte.

Já é um começo, acho.

Quando cheguei em casa naquela noite de domingo, Rube e eu cumprimos nossa tarefa habitual de levar o Miffy para passear. O bicho estava ainda pior que de praxe. A tosse soava mais grave, como se viesse direto dos pulmões.

Ao voltarmos, perguntei ao Keith se iria levá-lo ao veterinário.

— Acho que não são bolas de pelo — observei.

A resposta de Keith foi bem curta e simples:

— É, acho que é melhor. Ele está com uma cara horrorosa.

— Pior.

— É, ele já ficou assim antes — explicou, mais por esperança que por qualquer outra coisa. — Nunca foi nada muito grave.

— Bem, nos avise sobre o que acontecer, está bem?

— Tá. Tchau, parceiro.

Pensei no cachorro por um instante. Miffy: Acho que, por mais que Rube e eu reclamássemos dele, sabíamos que sentiríamos certa saudade se alguma coisa lhe acontecesse. É engraçado como há coisas neste mundo que só nos enchem o saco, mas de que a gente sabe que vai sentir falta quando se forem. Miffy, o superlulu-da-pomerânia, era uma dessas coisas.

Mais tarde, sentado na sala de estar com o Rube, perdi muitas oportunidades de contar sobre a Octavia e mim.

Agona, dizia a mim mesmo. *Agona!*

Mas nenhuma palavra saía, e apenas ficamos por lá.

Na noite seguinte, fui fazer uma visita ao Steve. Fazia algum tempo que eu não o via e, de certo modo, estava com saudade. É difícil explicar exatamente por quê, mas eu tinha passado a gostar muito da companhia do Steve, apesar de sempre falarmos muito pouco. É claro que conversávamos mais do que antes, mas ainda não era grande coisa.

Quando cheguei, apenas a Sal estava em casa.

— Mas ele deve chegar a qualquer momento — disse ela, não parecendo muito entusiasmada. — Quer alguma coisa para comer? Ou para beber?

— Não, estou bem assim.

Ela não me fez sentir-me muito bem-vindo naquela noite, como se simplesmente não estivesse disposta a me tolerar dessa vez. Sua expressão parecia atirar palavras em mim. Palavras do tipo:

Perdedor.

Sacanhinha de merda.

Tenho certeza de que, em algum momento, tempos atrás, antes de Steve e eu nos entendermos melhor, ele deve ter falado com a Sal sobre a dupla de panacas imprestáveis que eram seus irmãos. Sempre havia menosprezado o Rube e a mim, quando morávamos juntos. A gente fazia muitas coisas idiotas, admito: roubar placas de trânsito, entrar em brigas, apostar em corridas de cachorros... Não era muito a praia do Steve.

Quando chegou, uns dez minutos depois, ele sorriu de verdade e disse:

— Ei, faz tempo que não vejo você!

Por um momento, retribuí o sorriso e achei que ele estava falando comigo, e então percebi que era à Sal que se referia. Ela andara trabalhando muito fora do estado nos últimos tempos. Steve se aproximou e lhe deu um beijo. Depois, notou o irmão sentado no sofá.

— Oi, Cam.

— Oi, Steve.

Percebi que eles queriam ficar sozinhos, por isso esperei alguns segundos e me levantei. A luz da cozinha se derramava sobre eles quando parei na penumbra da sala de estar.

— Ei, eu volto outra hora — falei, superdepressa.

Tratei de me levantar rápido e me mandar de lá. Sal estava me lançando o maior olhar de *cái fora* que eu já tinha visto.

— Não.

Eu praticamente havia cruzado a porta quando a palavra me acertou nas costas como um chute. Dei meia-volta e o Steve estava parado atrás de mim. Tinha o rosto sério ao dizer:

— Você não tem que ir, Cam.

Tudo o que fiz foi olhar para meu irmão e dizer “Não se preocupe”, depois virei-me e saí sem me preocupar com o assunto. Eu tinha outros lugares para ir agora, de qualquer jeito.

Ainda era bem cedo, por isso decidi correr até a estação e pegar o metrô para Hurstville. Na janela do trem, vi meu reflexo — o cabelo estava crescendo de novo e se eriçando, rebelde e despenteado. Era preto. Preto feito piche na janela e, pela primeira vez, meio que gostei dele. Balançando com o trem, olhei para dentro de mim.

A rua de Octavia estava envolta em trevas. As luzes das casas pareciam lanternas. Se eu fechasse bem os olhos e então os abrisse de novo, era como se as casas tropeçassem no escuro, tentando encontrar o caminho. Fiquei esperando que sumissem a qualquer momento. Vez por outra, sombras humanas as cruzavam enquanto eu esperava em frente ao portão.

Por algum tempo, imaginei-me indo até a porta da entrada e batendo, mas me lembrava muito bem das palavras do Rube. Ele nunca estivera lá dentro. Nunca chegara sequer a ver a porta da frente de perto. A última coisa que eu queria era passar dos limites. Continuava doido para que ela sáísse; quanto a isso não tenha dúvida. Mas sabia que, se tivesse que ir embora sem nem mesmo ter um vislumbre dela, eu iria. Se fizera isso por uma garota que não estava nem aí para mim, poderia fazê-lo por Octavia.

Naquele segundo roubado, pensei na garota de Glebe. Ela entrou na minha mente como um ladrão e tornou a sumir sem levar nada. Foi como se a humilhação do passado tivesse sido instantaneamente retirada das minhas costas e largada no chão. Pensei por um instante em como pudera ficar diante da casa dela tantas vezes. Cheguei até a rir. De

mim. Ela já se apagara por completo, minutos depois, quando Octavia afastou a cortina da cozinha e saiu ao meu encontro.

A primeira coisa que notei, antes que qualquer palavra atingisse o ar, foi a concha. Estava amarrada em um cordão, pendurada no pescoço dela.

— Ficou bonita — comentei, apontando a concha com a cabeça e estendendo o braço direito para segurá-la.

— Ficou mesmo — concordou Octavia.

Fomos ao mesmo parque da primeira noite, mas, dessa vez, não sentamos no banco lascado. Dessa vez, andamos pela grama orvalhada e acabamos parando junto a uma árvore antiga.

— Tome — disse eu, e entreguei a Octavia as palavras que tinha escrito na noite anterior, na cama. — Para você.

Ela leu as palavras, beijou o papel e passou um bom tempo abraçada a mim. Durante aquele tempo, surgiram inúmeras perguntas que tive vontade de fazer. Eu queria saber que histórias havia na casa dela, o que ela fizera com o Rube, por que ele nunca havia entrado, e se ela, como eu, tinha irmãos e irmãs. Mas não perguntei nada. Havia uma parede claramente erguida ali e, mesmo sabendo que teria que enfrentá-la um dia, não me atrevi a fazê-lo tão cedo.

Eu lhe disse que adorava o som uivante da sua gaita. Esse pareceu ser o limite da minha coragem naquela noite, e até essas palavras faladas tiveram que lutar para sair da minha boca. Tudo bem que as palavras construam pontes, mas, às vezes, acho que a questão é saber quando falar. Saber qual é a hora certa.

Ao voltarmos para o portão, eu lhe disse uma coisa quase por engano. Minha voz simplesmente pareceu falar sozinha.

— Talvez você possa me dizer mais coisas a seu respeito em breve.

Não houve hesitação na minha voz. Nenhum sentimento de dúvida.

Ela olhou para sua casa, para a luz opaca que se espalhava pela janela.

— Está bem. — Seu rosto era bondoso. Franco. — Acho que não posso fazer tudo do meu jeito, não é? — perguntou. — Ninguém pode afogar-se em uma pessoa se ela não deixar. — Tinha razão. — Vejo você no domingo?

— É claro.

Beijeí sua mão logo depois e fui embora.

Em casa, ao voltar, levei um susto ao encontrar Steve na nossa varanda, esperando por mim.

— Eu estava pensando em quanto tempo teria que ficar sentado aqui — disparou quando apareci. — Estou aqui há uma hora.

Cheguei mais perto.

— E você veio por quê?

— Vamos — retrucou ele, levantando-se. — Vamos voltar lá para casa.

— Só vou entrar e...

— Já falei com eles.

O carro do Steve estava estacionado mais adiante na rua, e pouquíssimas palavras foram trocadas entre nós depois de entrarmos. Liguei o rádio, mas não me lembro da música.

— E aí, que história é esta? — perguntei.

Olhei para ele, mas Steve tinha os olhos fixos na rua. Passei algum tempo sem saber se ele havia sequer escutado minha pergunta. Seus olhos me examinaram por um ou dois segundos, mas ele não disse nada. Ainda estava esperando. Ao saltarmos, falou para mim:

— Quero que você conheça uma pessoa. — Bateu a porta do carro. — Ou melhor, na verdade, quero que ela conheça você.

Subimos a escada e entramos no apartamento. Não havia ninguém.

— Ela ainda está no banho — comentou meu irmão.

Fez café e pôs uma xícara diante de mim. O líquido ainda girava, levando consigo meu reflexo. Puxando-me para baixo.

Por um instante, achei que estávamos em vias de cumprir nossa rotina habitual de perguntas e respostas sobre todos em casa, mas percebi que ele decidiu não segui-la. Já passara antes lá em casa e tinha descoberto como eles estavam por si. Não era típico do Steve fabricar conversas.

Fazia algum tempo que eu não o via jogar, por isso perguntei como ia o futebol. Ele estava no meio da resposta quando Sal saiu do banheiro, ainda enxugando o cabelo.

— Oi — disse ela para mim.

Assenti e abri um meio sorriso.

Foi então que Steve se levantou e olhou para mim, depois para ela. Naquele exato momento eu soube que, em alguma ocasião, como eu havia suspeitado, ele lhe falara do Rube e de mim. Eu havia imaginado a cena em um banco do parque em Hurstville, por alguma razão, e pudera ouvir a voz marcante e serena do Steve praticamente renegando os irmãos. Ele estava reescrevendo a história, ou, pelo menos, tentando corrigi-la.

— Levante-se — disse ele, e obedeci. — Sal — A moça me olhou. Olhei para ela enquanto Steve continuava. — Este é o meu irmão Cameron.

Trocamos um aperto de mão.

Minha mão áspera de garoto.

Sua mão macia e limpa, que cheirava a sabonete perfumado. Sabonete que imaginei ter sido obtido em quartos de hotel que eu nunca visitaria.

Sal me reconheceu com o olhar e passei a ser Cameron, e não apenas o irmão perdedor do Steve.

No trajeto de volta para casa, algum tempo depois, Steve e eu conversamos um pouco, mas apenas sobre trivialidades. No meio da conversa, eu o interrompi. E disse, com palavras cortantes como facas:

— Quando você falou com a Sal pela primeira vez sobre mim e Rube, você lhe disse que éramos dois perdedores. Disse que tinha vergonha de nós, não foi?

Minha voz ainda estava calma, nem um pouco acusadora, embora eu estivesse

fazendo um esforço danado.

— Não — negou ele, quando o carro parou em frente à nossa casa.

— Não?

Percebi a vergonha em seus olhos e, pela primeira vez na vida, vi que era vergonha que ele sentia de si mesmo.

— Não — repetiu Steve, e naquele momento me olhou com algo semelhante a raiva, quase como se não conseguisse engolir aquilo. — Não de você e do Rube — explicou, e seu rosto pareceu magoado. — Apenas de você.

Caramba.

Caramba, pensei, e fiquei boquiaberto. Foi como se Steve houvesse enfiado a mão dentro de mim e arrancado minha pulsação. Meu coração estava em suas mãos e o olhava fixamente, como se também pudesse vê-lo.

Batendo.

Jogando-se no chão e levantando de novo.

Não teci comentários sobre a verdade que Steve acabara de contar.

Apenas tirei o cinto de segurança, peguei meu coração e desci do carro o mais depressa que pude.

Steve me seguiu, mas era tarde demais. Ouvi os passos atrás de mim quando entrei na varanda. As palavras caíram entre seus pés.

— Cam! — chamou ele. — Cameron! — Eu estava quase do lado de dentro quando ouvi sua voz gritar: — Desculpe. Eu estava... — Elevou ainda mais a voz. — Cam, eu estava errado!

Cruzei a porta e a fechei, depois me virei e olhei para fora.

A figura de Steve caía como uma sombra na janela da frente. Estava calada e imóvel, pregada na luz.

— Eu estava errado.

Ele repetiu, embora com a voz mais fraca dessa vez.

Passou-se um trêmulo minuto.

Cedi.

Andando devagar até a porta de entrada, abri-a e vi meu irmão do outro lado da porta de tela.

Esperei, depois disse:

— Não se preocupe com isso. Não tem importância.

Eu ainda estava magoado, mas, como falei, não tinha importância. Eu já havia sido magoado antes e seria magoado outras vezes. Steve devia desejar nunca ter tentado me fazer o favor de mostrar à Sal que eu não era o perdedor que ela supunha. Tudo que conseguira fazer fora provar que não apenas houvera uma época em que ele achava que eu era uma causa perdida, como também que eu era *o único*.

Logo depois, porém, senti a facada.

Um sentimento me atravessou e me libertou. Todos os meus pensamentos se desprenderam da corrente, até surgir uma frase solitária que não quis me largar.

As palavras e Octavia.

Foi essa a frase.

Ela se agitou dentro de mim.

Salvou-me, e, quase em um sussurro, eu disse ao Steve:

— Não se preocupe, meu irmão. Não preciso que você diga à Sal que não sou um fracasso. — Ainda estávamos separados pela porta de tela. — Também não preciso que você diga isso *a mim*. Eu sei o que sou. Sei o que vejo. Talvez, um dia, eu lhe fale um pouco mais de mim, mas, por enquanto, acho que teremos que esperar para ver o que acontece. Não estou nem perto do que serei, e... — Senti uma coisa em mim. Uma coisa que sempre havia sentido. Fiz uma pausa e captei o olhar de Steve. Saltei para dentro dele através da porta e o prendi. — Você já ouviu um cachorro chorar, Steve? Sabe como é, uivar tão alto que quase chega a ser insuportável? — Ele fez que sim. — Acho que uivam assim porque estão com tanta fome que chega a doer, e é isso que sinto em mim, todos os dias da minha vida. Tenho uma fome enorme de ser alguma coisa, de ser *alguém*. Está me ouvindo? — Ele estava. — Não vou me rebaixar nunca. Não diante de você. Nem de ninguém. — Encerrei o assunto. — Eu tenho fome, Steve.

Às vezes acho que essas foram as melhores palavras que eu já disse.

“Eu tenho fome.”

E, depois disso, fechei a porta.

Não a bati.

Não se atira em um cachorro que já está morto.

QUANDO OS CÃES CHORAM

Agora estamos na parte mais afastada da cidade e, quando o cão para e vira para mim, seus olhos estão mais famintos que nunca.

Fome de orgulho.

Fome de sustentar seu desejo.

Isso me afeta, faz meu coração mergulhar mais fundo em mim, bater mais forte, mais orgulhoso, maior.

Ele escolheu aquele momento para me mostrar o que sou.

O vento recomeça a soprar e uma tempestade se agita no céu.

O relâmpago estala e o trovão estrondeia acima de nós.

E o cachorro começa.

Procura em seu âmago e os pelos se eriçam, alçando-se ferozmente para o céu. Do fundo do coração, do espírito, de tudo que há nele de instinto, começa a uivar.

Uiva mais alto que o trovão uivante.

Uiva mais alto que o uivar do raio, mais longe que os uivos do vento.

Com a cabeça clamando ao céu infinito, ele uiva sua fome e eu a sinto enfurecer-se dentro de mim.

É a minha fome.

O meu orgulho.

E sorrio.

Sorrio e posso senti-la em meus olhos, porque a fome é poderosa.

O telefone tocou. Era noite de quarta-feira. Pouco depois das sete.

— Alô?

— Ruben Wolfe?

— Não, é o Cameron.

— Seguinte — prosseguiu a voz, com um toque de amável malícia. — Você pode chamar o Ruben para mim?

— Sim. Quem quer falar?

— Ninguém.

— Ninguém?

— Escute, parceiro. Só ponha o seu irmão no telefone, senão vamos cobrir você de porrada também.

Levei um susto. Afastei o fone, tornei a colocá-lo no ouvido.

— Vou chamá-lo. Espere um minuto.

Rube estava no nosso quarto com Julia, a Vadia. Bati à porta e entrei, dizendo:

— Rube, tem alguém no telefone.

— Quem é?

— Não quis dizer.

— Vá perguntar.

— Eu tenho cara de secretário? Levante daí e vá atender o telefone.

Ele me olhou de um jeito estranho, levantou-se e saiu, deixando-me sozinho no quarto com Julia, a Vadia.

Julia, a Vadia: — Oi, Cam.

Eu: — Oi, Julia.

Julia, a Vadia, sorrindo e chegando mais perto: — O Rube me contou que você não é muito meu fã.

Eu, afastando-me aos poucos: — Bem, acho que ele pode contar o que quiser.

Julia, a Vadia, percebendo meu completo desinteresse: — É verdade?

Eu: — Bem, para ser sincero, não sei. Na verdade, o que o Rube faz não é da minha conta... O que sei é que quem está naquela ligação quer acabar com ele, e tenho a impressão de que é por sua causa.

Julia, a Vadia, rindo: — O Rube já é grandinho. Sabe cuidar de si.

Eu: — É verdade, mas ele também é meu irmão, e de jeito nenhum eu o deixaria sangrar sozinho.

Julia, a Vadia: — Quanta nobreza a sua.

Rube voltou, dizendo:

— Não sei do que você está falando, Cam. Não tinha ninguém no telefone.

— Estou lhe dizendo — retruquei, já saindo. — Um cara ligou, Rube, e ele parecia querer matar você. Portanto, da próxima vez que o telefone tocar, levante e vá atender.

O telefone realmente tocou de novo e, dessa vez, Rube saiu correndo do quarto e

atendeu. Desligaram na cara dele de novo. Na terceira vez, meu irmão vociferou ao telefone:

— Que tal começar a falar? Se você está procurando o Ruben Wolfe, sou eu mesmo. Então pode falar!

Não houve resposta do outro lado, e o telefone não voltou a tocar nessa noite, mas, depois que a Julia saiu, percebi que Rube ficou meio pensativo. Estava tão preocupado quanto Ruben Wolfe chega a ficar, porque agora ele sabia sem sombra de dúvida, como eu, que alguma coisa iria acontecer. No nosso quarto, ele olhou para mim. No olhar que trocamos, disse-me que uma briga se aproximava.

Sentou-se em sua cama.

— Acho que aquele mau pressentimento que você teve estava certo — começou. — Sobre a Julia.

Assustar-se não era do feitio do Rube, pois nós dois sabíamos que ele era capaz de cuidar de si. Era uma das pessoas mais queridas, porém também mais temidas, do nosso bairro. O único problema, agora, era que não havia nada certo. Era um pressentimento, só isso, e eu percebi que o Rube também o tinha. Dava para sentir o cheiro.

— Se acontecer alguma coisa — falei —, pode contar comigo, viu?

Rube assentiu.

— Obrigado, mano.

Sorriu.

O telefone também tocou na noite seguinte, e na outra.

Na terceira ligação da noite de sexta-feira, Rube pegou o telefone e berrou:

— O que é?!

Em seguida, calou-se.

— É. — Pausa. — Sim, me desculpe por isso. — Deu uma olhada para mim e deu de ombros. — Vou chamá-lo. — Afastou o fone e cobriu o bocal: — É para você.

Estendeu-me o fone, pensativo. No que estaria pensando?

— Alô.

— Sou eu — disse ela. Sua voz me alcançou pelo telefone e me agarrou. — Você vai trabalhar amanhã?

— Até umas quatro e meia.

Ela pensou por um momento.

— Talvez possamos fazer algo quando você voltar. Vou levá-lo a um lugar — disse, com palavras suaves, mas intensas. — Vou lhe contar umas coisas.

A voz era excitação. A voz era arrepio.

Sorri. Não pude evitar.

— Com certeza.

— Está bem, passo por aí logo depois das quatro e meia.

— Ótimo; a gente se vê.

— Tenho que desligar. — Ela quase me interrompeu e não se despediu. — Estou vigiando o relógio. — E desligou.

Quando coloquei o fone no gancho, Rube me perguntou o que eu sabia que perguntaria:

— Quem era? — Mordeu uma maçã. — A voz me pareceu conhecida.

Aproximei-me, sentei à mesa da cozinha e engoli em seco. Concentrei-me em respirar. Tinha chegado a hora. A hora era aquela e eu tinha que falar.

— Você se lembra da Octavia? — perguntei.

Nada.

A torneira pingou.

O pingo explodiu na pia.

Rube estava no meio de outra dentada quando se deu conta do que eu estava dizendo.

Sua cabeça inclinou-se. Ele engoliu o pedaço de maçã e fez as contas, enquanto eu pensava: *Ab, não, que diabo vai acontecer aqui?*

Aconteceu uma coisa.

Aconteceu quando Rube foi fechar melhor a torneira, virou-se de novo para mim e disse:

— Bem, Cam.

Ele riu.

Seria uma risada boa ou má? Risada boa ou risada má? Risada boa ou risada má? Não consegui decidir. Aguardei.

— O que é? — perguntei. Já não aguentava mais. — Fale.

Nervoso, comeci a contar o que havia acontecido. Falei de estar em frente àquela casa em Glêbe. De Octavia ter aparecido. Do trem e de ter ido até lá, e da concha e...

— Está tudo *bem* — disse ele, com uma expressão quase de orgulho. — ... Aquela Octavia... — E abanou a cabeça. — Ela é uma ótima garota, sabe? Meio maluquinha, é claro, mas é gente boa. Você a merece, Cam, mais do que eu. — Esperou que eu o olhasse. O que demorou um pouco. — Tudo bem?

Balancei a cabeça devagar, concordando.

— Tudo bem.

— Ótimo.

— Você não está com raiva?

— Ora, por que diabos eu ficaria com raiva? Uma garota daquelas precisa ser bem tratada, e você pode fazer isso. Eu, não. — Em seguida, ele descarregou uma verdade muito mais dura do que o Steve jamais poderia sonhar. Só que o Rube o fez consigo mesmo. — Já eu — disse com seus botões — tratei aquela garota feito lixo, e agora ela está com você. Você provavelmente vai tratá-la como uma deusa. Não vai, Cam?

Sorri, mas sem mostrar os dentes.

Ele repetiu a pergunta:

— Não vai, Cam?

Porque ambos sabíamos a resposta.

Dessa vez, não consegui esconder. Rube e eu rimos e ficamos mais um pouco juntos na cozinha.

— Por que vocês estão tão contentes? — perguntou Sarah, ao entrar. — Isto aqui está parecendo o fim da porcaria de um episódio de Scooby-Doo...

Rube bateu palmas.

— Espere até ouvir isto — quase gritou. — Você se lembra da Octavia?

— É claro.

— Bem, pois eu vou lhe contar. Você vai tornar a vê-la mais um pouco, porque...

— Eu sabia! — interrompeu-o Sarah. Apontou para mim. — Eu sabia muito bem que havia uma garota, seu safado, e *voce* não quis me contar nada!

Eu nunca tinha visto a Sarah sorrir daquele jeito.

— Esperem! — exclamou ela, e, talvez uns trinta segundos depois, voltou com sua câmara polaroide e tirou uma foto do Rube e de mim, os dois encostados na pia, conversando e rindo.

Juntamo-nos em volta da foto para ver a imagem se formar, e logo pude discernir um esboço do contorno do cabelo do Rube e do sorriso na minha boca. A maçã ainda se equilibrava na mão dele e estávamos ali de pé, encostados, rindo, os dois de jeans velhos, o Rube com uma camisa xadrez flanelada, usada no trabalho, eu com minha velha jaqueta impermeável. Rube olhava para mim, dizendo alguma coisa, e meu rosto estava marcado pelo riso.

Sarah puxou a foto para mais perto.

— Adorei essa foto — disse, sem pensar. — Tem cara de irmãos.

De como os irmãos devem ser, pensei, e ficamos mais um tempo contemplando-a, enquanto a torneira continuava a pingar, as gotas explodindo mais baixinho na pia.

Mais tarde, fui ao quarto da Sarah dar outra espiada na foto.

— Octavia, hein? — disse ela. Não pude ver seu rosto, mas senti a empolgação na voz. — Ela é linda, Cameron. — Sua voz soou muito baixinha, naquele momento. Tão baixa que mal pude ouvi-la. — Ela é linda.

“Como você?”, tive vontade de dizer, mas não consegui. Já fazia algum tempo para a Sarah. Algumas experiências ruins com homens tinham feito com que minha irmã ficasse sozinha por algum tempo, mas, quando a olhei, ela não estava infeliz. Apenas repetiu o que tinha dito no corredor naquela noite, que agora parecia ter sido anos antes.

— Parabéns, Cam. Parabéns.

O trabalho, no dia seguinte, foi de uma lentidão angustiante, enquanto eu esperava. Era como se as horas estivessem engatinhando, sendo arrastadas para adiante a contragosto.

Ao chegarmos em casa, estava mais perto das cinco horas que das quatro e meia, e Octavia já me esperava na cozinha. Ela e Rube se falaram e não houve animosidade. Nem constrangimento.

Quanto a mim, fiquei ali parado, deslumbrado.

Octavia estava sem maquiagem e sem nada no cabelo, e vestia roupas normais. Nada de top justo. Nada de jeans apertados. Nada de joias, exceto a concha, pendurada no pescoço.

Mas estava adorável.

Era tão...

Puxa, não consigo explicar direito. Até hoje, não consigo.

— Bem? — Ela entrou em meus pensamentos, com sua voz baixa e seus olhos humanos. — Não vai me dar um beijo, Cameron?

Levei um susto.

Com a beleza.

Com as palavras.

Vá até lá, eu disse a mim mesmo, e pouco depois segurei a mão dela na minha e a beijei, depois beijei seu pulso e seus lábios.

— Ele encontrou você — disse a Sra. Wolfe para Octavia. — Que bom!

Minha mãe entrou e olhou para mim, e me lembrei do que ela me dissera naquele mesmo cômodo, algum tempo antes, no início do inverno. Ela me falara sobre um irmão que um dia subiria na vida e que não devia se envergonhar. Talvez ela também estivesse se lembrando disso.

— É melhor você se apressar, Cam — falou para mim. — Acho que a Octavia já esperou bastante.

Fui tomar um banho, me vesti, e Octavia e eu saímos logo depois. Não houve recomendações para eu voltar em certo horário ou não chegar muito tarde. Nada disso. Para começar, minha família estava acostumada comigo perambulando pelas ruas, e segundo, se eu ficasse na rua até tarde demais, isso seria dito na próxima vez que eu saísse. Na minha família, cada um tinha uma chance por conta própria, e o tempo que ela duraria dependia de seu comportamento. Sarah já havia passado dessa idade fazia anos, e o Rube também estava chegando lá. Eu, por outro lado, ainda tinha que tomar cuidado, e ia me certificar disso.

— Vamos andando? — perguntou Octavia, e segurei a porta aberta. Saímos.

Tínhamos percorrido um bom pedaço da rua quando me dei conta de que não fazia a mínima ideia de para onde estávamos indo. Perguntei.

Octavia apenas continuou concentrada no lugar aonde íamos.

— Você vai ver. Não é nenhum lugar especial — disse ela.

Souo satisfeita, como se nada além de nós parecesse importar. Não naquela noite, pelo menos. Sua mão encontrou a minha e a segurou. Não houve palavras, mas não fazia mal. O sinal abriu para nós em uma das ruas e atravessamos. Tomei cuidado para não tropeçar na sarjeta.

— Por aqui — indicou ela, mais adiante, fugindo das aglomerações maiores e nos levando para um pequeno cinema em uma rua estreita e abarrotada. — Você se incomoda se entrarmos aqui? — perguntou. — Sou meio chegada a filmes antigos, e esse cinema passa algum todo sábado.

— Parece legal — retruquei.

Quer dizer, sejamos sinceros: a garota podia ter me convidado para ir ao inferno, e eu iria. De jeito nenhum eu ia discutir, por isso entramos.

Entramos e o filme foi bom.

Era *Tomo Indomável*, e o sujeito do cinema parecia conhecer Octavia e nos deixou entrar, mesmo dizendo que não devia. Às vezes eu pensava em outros filmes que tinha visto no cinema, onde o pessoal da nossa idade ia para namorar e comer pipoca e parecer bonito e tirar retratos três por quatro em uma daquelas cabines de fotografia nos supermercados.

Uma coisa era certa.

Nós não éramos assim.

Não éramos porque, a certa altura, Octavia se inclinou para perto de mim e achei que ia me beijar. Não beijou.

Dormiu.

Olhei-a e afaguei seu cabelo, e ela dormiu enquanto De Niro estapeava as pessoas e ia ficando cada vez mais gordo, mais feio e mais perverso. Era um filme em preto e branco, e eu sentia uma garota respirando no meu pescoço, sentia seu seio tocando de leve no meu peito.

Eu estava feliz.

Quando os créditos subiram na tela, afaguei o rosto dela com as costas dos dedos. Gentilmente, sussurrei:

— Octavia. — E de novo: — Octavia.

Ela acordou, assustada, com medo do escuro, e então se deu conta.

— Graças a Deus — murmurou. — Cameron. É você. — Os créditos ainda estavam rolando quando ela se mexeu de leve e disse, baixinho: — Você pode me dar um beijo, Cameron?

Abraçando-a, inclinei-me para baixo.

Lembro-me de uma coisa daquele momento, e é uma das melhores lembranças que tenho.

Foi no instante exato em que cheguei mais perto e ela me puxou para si, e nossos dentes se tocaram no escuro. Sua boca me absorveu e, de algum modo, nossos dentes colidiram, e aquele som ecoou através de mim. Gostei daquilo. Da verdade acidental daquilo.

Com as luzes começando a se acender progressivamente, Octavia disse em voz baixa:

— Sabe de uma coisa, Cameron? Você é a primeira pessoa que eu realmente quis que me beijasse. É a primeira pessoa a quem pedi isso.

Foi uma surpresa.

— Você nunca pediu ao Rube?

— Ele não precisava que eu pedisse.

— Imagino. Eu já devia saber — concluí.

Quando o Rube queria alguma coisa, não havia espera. Comigo, era espera demais.

— A questão — Octavia virou delicadamente minha cabeça para ela — é que eu gosto de ter que pedir. Isso torna você diferente de qualquer pessoa que eu já tenha conhecido.

— Tornou a me beijar. Suave. Lenta. — É o tipo de pessoa com quem eu quero estar.

Na rua, ela resolveu que era melhor ir para casa, e por isso voltamos a pé para a Estação Central e esperamos o metrô. Havia o costumeiro grupo disperso de frequentadores de festas, lunáticos, filantes de cigarros e bebuns, cujas ideias e conversas tropeçavam pela plataforma suja. Octavia me falou de sua gaita e de como, provavelmente, o instrumento era a única coisa que ela já tinha amado ou na qual confiaria. Quando o trem chegou, nós dois ficamos olhando para ele. Vimos as portas se abrirem, sentamos na estação e observamos o trem partir. Isso aconteceu outras três vezes.

— Nem acredito que peguei no sono — disse ela.

Estava abanando a cabeça quando o vento do quarto trem entrou com força na plataforma. Empurrou os detritos para a frente e lançou ondas de friagem no ar.

Mais uma vez, quando o trem parou e as portas se abriram, Octavia não se mexeu. Fiquei feliz. Ela me fez contar o que tinha acontecido no fim do filme e, nos olhos com que falei, pude ver como era grande o cansaço. Vi alguma coisa oculta, ou enterrada, mas continuei sem perguntar. Lembrei-me de ela ter dito ao telefone que me contaria coisas, e calculei que a gaita havia sido o princípio disso. Octavia me contou que começara a tocar aos oito anos e que, aos quatorze, já se considerava boa o bastante para tocar por dinheiro. Perguntei onde ela tocava e, quase com vergonha, ela listou uns trinta lugares pela cidade. Contou sobre as músicas. Sobre a primeira, sobre a última. A melhor, a pior. Eu a vi feliz quando ela estava com o Rube. Vira-a feliz e contente comigo. Mas nunca a tinha visto assim. Era orgulho e, de certo modo, foi algo com que pude me identificar, talvez por causa do começo das minhas palavras.

Havia também as esquisitices.

Seu antigo vício em salgadinhos sabor cheddar.

Seu ódio intenso por Céline Dion.

Seu amor por gaitas, violinos desafinados e água do mar.

Sua cantora favorita:

— Lisa Germano, de longe, por anos-luz, pelo vento que sopra por esses túneis.

Filme favorito:

— Um negócio francês. Não lembro o nome, mas era bom pra cacete.

Música favorita:

— “Small Heads”, da Lisa Germano. (Quem diabos é ela, afinal?)

Peça de vestuário favorita:

— Fácil. A concha.

Invenção humana favorita:

— Pontes. Para mim, é um mistério como eles conseguem fincar os pilares embaixo d'água.

Pior momento da sua vida:

— Sem comentários.

Melhor momento:

— Quase um empate. Pode ter sido quando pedi ao Cameron Wolfe para ficar em

frente à minha casa, ou quando me ajoelhei com ele no cais, livrando-me de toda a insegurança e pondo minha boca na dele.

Bebida favorita:

— Nenhuma.

Som favorito:

— Dentes se chocando em um cinema vazio.

(Fiquei contente por ela também ter notado isso.)

Maior decepção:

— Em breve eu lhe conto.

Quando o trem seguinte chegou, Octavia disse:

— Esse eu tenho que pegar. — Na porta, ela se inclinou, tocando minha manga por um último instante, e começou a dizer alguma coisa, mas as portas se fecharam. — Estal — gritou pela janela. — Esta é a minha maior decepção.

Era a minha também, apesar de ela ter me dito, antes de entrarmos no cinema, que no dia seguinte estaria no mesmo lugar da semana anterior, tocando sua gaita e ganhando dinheiro...

Quando o trem partiu, esperei um pouco, depois subi a escada rolante, segui pela rua Elizabeth e fui para casa.

Não houve perguntas quando cheguei, mas todos pareceram presumir que as coisas haviam corrido bem. Eram os sorrisos escapando do meu rosto. Escapando o tempo todo.

Mais uma vez, não consegui dormir.

A noite foi Octavia.

Em alguns momentos, também surgiram na minha cabeça ideias sobre o Steve e sobre o resto da família Wolfe. Mas principalmente sobre o Steve. Eu não estava com raiva dele pelo que havia acontecido durante a semana, e queria vê-lo no dia seguinte, antes de ir para o porto.

De manhã, comi e fui até lá. Não tive que tocar a campainha, porque ele e Sal estavam na sacada. Steve não me mandou subir. Em vez disso, desapareceu e desceu ao meu encontro. Foi simbólico, acho. Ele estava vindo a mim.

Abriu a boca para falar, mas passei na sua frente.

— Onde você joga hoje?

Steve levantou os olhos para a sacada, mas não respondeu à minha pergunta.

— Obrigado.

Foi um *Obrigado por não me odiar*.

Ele me ofereceu o café da manhã, mas não aceitei. Antes de ir embora, saí de baixo das varandas e gritei para a Sal:

— Até logo! Pode ser que eu venha amanhã ou na terça — sugeri ao Steve. — Talvez possamos ir ao estádio.

— Está bem — retrucou ele, e seguimos nossos caminhos separados.

Quando eu já estava longe, ouvi a voz dele me chamar pela última vez.

— Ei, Cam! Cam!

Ele veio na minha direção e parou a uns dez metros. Distância na qual eu conseguia ouvi-lo.

— Eu não esperava que você aparecesse por aqui, pelo menos não tão cedo — falou ele.

— Bem — abri o zíper da jaqueta —, você deu uma surra em quatro caras, um a um. Acho que perdooi meu irmão por ter me chamado de causa perdida. Na verdade, não faz tanta diferença assim, faz?

— Eu odiaria você para sempre.

Apenas balancei a cabeça.

— Não tem importância, Steve. A gente se vê logo.

No cais, dessa vez, desci do trem do metrô sem nervosismo. Todos os meus pensamentos se inclinaram para a imagem e o som de Octavia, e, da plataforma, olhei lá para longe e vi as pessoas que a cercavam, observando, escutando, absorvendo a música que fluía dela.

Andei depressa quando a vi, mas, ao chegar perto, não me aproximei da aglomeração que se formara ao seu redor, ou, pelo menos, não fui direto até lá. Segui mais para o lado e apenas me senti, ouvindo. A voz uivante de sua gaita me alcançou.

— Foi fraco — disse ela, depois de terminar e me encontrar. Ela se agachara e me abraçava por trás. — Só quarenta e oito e sessenta — explicou. As palavras roçaram meu ouvido. — Mesmo assim, não foi tão mau. Venha, Cam, vamos embora.

Toméi a direção de quem estivesse voltando para a ponte, mas ela não me seguiu. Não naquele dia.

— Está a fim de ficar alto? — perguntou.

— Alto? — perguntei.

— É.

Octavia deu um sorriso perigoso, zombeteiro, e só comecei a entender o porquê ao voltarmos para o centro da cidade, para a torre. Lá dentro, fui pagar, mas ela não deixou.

— A ideia foi minha — explicou, empurrando meu dinheiro de volta para o bolso. — Eu trouxe você aqui. E vou levá-lo lá em cima... Além disso, você pagou o cinema ontem.

Entramos no elevador e subimos direto até o topo, com uns sujeitos com ar de jogadores profissionais de golfe americanos e uma família em um passeio dominical. Uma das crianças ficou pisando no meu pé.

“Merdingha”, tive vontade de dizer. Se estivesse com o Rube, provavelmente diria, mas, com a Octavia, apenas olhei para ela e deixei o xingamento implícito. Ela assentiu, como se dissesse: “Exatamente.”

Uma vez lá em cima, circulamos por todo o andar e não pude deixar de procurar minha casa, imaginando o que estaria acontecendo por lá e torcendo, até mesmo rezando, para estar tudo bem. Isso foi crescendo até incluir todo mundo lá embaixo, até onde a

vista alcançava, e, como sempre faço quando rezo para um Deus sobre quem não entendo nada, fiquei parado ali, batendo de leve no peito, sem sequer pensar.

Mas especialmente esta garota, rezei. Que ela fique bem, Deus. Está bem? Está bem, Deus?

Foi então que Octavia notou meu punho batendo de leve no peito. Não houve resposta de Deus. Houve uma pergunta da garota.

— O que você está fazendo? — indagou ela. Senti a curiosidade de seus olhos no meu rosto. — Cameron?

Continuei concentrado na cidade esparramada a nossos pés.

— Só meio que rezando, sabe?

— Pelo quê?

— Por você. — Parei, continuei, quase ri. — E faz quase sete anos que não entro em uma igreja...

Passamos mais de uma hora lá em cima, e Octavia me contou mais algumas coisas a seu respeito.

Pouquíssimos amigos.

Tempo passado em trens.

Falou-me da vez em que sua gaita foi roubada na escola, e ela a encontrou dentro do vaso.

Só estava me dizendo quem era e, suponho, por que ia a um lugar como aquele.

— Venho muito aqui — disse-me. — Eu gosto. Gosto da altura. — Chegou até a subir no degrau acarpetado da janela e lá ficou, inclinando-se para a frente na vidraça. — Não vai subir?

Serei franco: eu tentei, porém, por mais que quisesse me inclinar para a frente naquela vidraça, não consegui. Fiquei achando que ia atravessar o vidro.

E por isso me sentei.

Só por alguns segundos.

Depois, Octavia desceu do degrau e viu que eu não me sentia muito bem.

— Eu queria subir — declarei.

— Tudo bem, Cam.

O problema é que eu sabia que havia uma coisa que eu tinha que perguntar, e perguntei. Até prometi a mim mesmo que seria a última vez que iria fazer uma pergunta desse tipo, apesar de não ter certeza de que manteria a promessa.

— Octavia — comecei. Continuava a ouvi-la dizer que vivia indo àquela torre. Era o que ainda ouvia quando proferi as palavras: — Você também trouxe o Rube aqui?

Lentamente, ela confirmou com a cabeça.

— Mas ele se debruçou na vidraça — respondi à minha pergunta seguinte. — Não foi?

Ela tornou a assentir.

— Foi.

Não sei por quê, mas pareceu importante. *Enu* importante. Eu me senti um fiasco, porque meu irmão mais velho havia se inclinado na vidraça, e eu não conseguira. Aquilo

me deu a sensação de ser um caso perdido, por alguma razão. Como se eu não fosse nem metade do sujeito que ele era.

Tudo porque ele se inclinara na vidraça, e eu não.

Tudo porque ele tivera coragem, e eu não.

Tudo porque...

— Isso não significa nada. — Octavia derrubou meus pensamentos. — Não para mim. — Pensou por um instante, depois me encarou. — Ele se inclinou na janela, mas nunca me fez sentir como você me faz. Antes de você, eu tinha a sensação de só estar viva de verdade quando tocava minha gaita. Mas agora é como... — Ela se esforçou para não explicar, e sim para realmente dizer. — Quando estou com você, é como se eu estivesse fora de mim. — Então veio o golpe final. — Não quero o Rube. Não quero mais ninguém. — Seus olhos me devoraram de mansinho. — Quero você.

Olhei.

Para baixo.

Para meus sapatos, depois de novo para cima, para Octavia Ash.

Ia dizer “obrigado”, mas ela me impediu, apertando minha boca com os dedos.

— Lembre-se sempre disso — completou. — Está bem?

Fiz que sim.

— Diga.

— Está bem — disse eu, e suas mãos frescas aflagaram meu pescoço, meus ombros, meu rosto.

CACOS DE VIDRO

Chegamos a uma tela de vidro, bem alto na escuridão.

Ao nos aproximarmos dela, sei o que tenho que fazer. O cachorro dá um passo para trás e, devagar, sinistramente, eu me inclino para a frente na vidruca. Trêmulo.

Por algum tempo, apenas olho para baixo, vendo pela primeira vez uma névoa aveludada lá embaixo. Ela cintila e se ondula, e fica mais luminosa a cada momento.

Por algum tempo, o vidro é forte, mas o inevitável não tarda a acontecer.

Ele ruacha.

Desfaz-se em pedaços e se abre ao cair.

O impulso me empurra, e sou pucado para o chão, a uma velocidade que ultrapassa minha imaginação.

Vejo a vastidão do mundo.

Quanto mais caio, mais rápido ele gira, e à minha volta vejo tudo e todos que conheço. Lá estão Rube e Steve, Sal, Sarah, papai e a Sra. Wolfe, e Julia, a Vadia, com aquele ar sedutor. Até o barbeiro está lá, cortando cabelos que chovem ao meu redor.

Só penso em uma coisa.

Onde está a Octavia?

Ao chegar mais perto do chão, noto que é na água que estou caindo. É um mar verde e liso, até que...

Sou empurrado pela superfície e desço mais. Sou cercado.

Estou me afogando, penso. Estou me afogando.

Mas também estou sorrindo.

— Será que você vai apagar essa luz alguma hora? — perguntou Rube quando eu ainda estava na metade do texto.

Passava pouco das onze e meia da noite de domingo.

— Já, já — respondi.

— Depressa.

Assim que terminei e me deitei, o resto da tarde ficou vagando por meus pensamentos. Como era comum acontecer quando eu estava na cama, vi minha vida pintada no teto.

Depois que descemos da torre, Octavia voltou lá para casa. Jogamos baralho com a Sarah, e até papai e a Sra. Wolfe se sentaram conosco para uma partida. Papai ganhou, é claro, mas, no final das contas, foi uma tarde legal. Vi de novo a carta com o cereal grudado. Era a rainha de espadas.

Quando Octavia já ia saindo, a Sra. Wolfe a convidou para ficar.

— Para jantar — disse.

Mas Octavia não aceitou. Talvez por ter ouvido falar da comida da Sra. Wolfe, mas acho que foi mais porque tinha que ir para casa.

— Mesmo assim, obrigada — disse, e fomos para a estação.

O que eu não sabia era que, enquanto saíamos pela porta da frente, a Sarah tinha tirado outra foto nossa com a polaroide, através da porta de tela. Mais cedo, tirara algumas enquanto jogávamos cartas. Nenhuma posada. Sarah foi batendo as fotos do jeito que estávamos e deu uma para a Octavia levar para casa. Nada de muito especial. Estávamos só segurando as cartas, mas nossos joelhos se tocavam e, olhando bem, via-se que Octavia estava prestes a dizer alguma coisa. Pessoalmente, não saí muito bem, porque estava com os olhos meio fechados, e meu cabelo parecia elétrico. Mas a Octavia gostou da foto, e a Sarah a fez levá-la.

Na volta da estação, dei um passeio com o Miffy e, quando cheguei em casa, encontrei a outra foto no meu travesseiro — a que Sarah havia tirado quando íamos saindo. E aquela estava boa. Estava ótima.

Pela porta de tela ligeiramente rasgada, era possível ver Octavia e a mim, por trás. Nossas mãos se tocavam enquanto caminhávamos em direção ao portão capenga e à rua. A luz vazava entre nós, menos no ponto em que nossas mãos se encontravam, e, quando achei a foto no quarto, fui direto falar com a Sarah.

— Obrigado — agradecei, e não estava com a foto nem a mencionei. Ela sabia.

Guardei-a na gaveta, no mesmo lugar em que tinha decidido pôr meus escritos, e antes de dormir, beijei toda a imagem dela, até ver a marca de meus lábios na foto.

Na cama, percebi que Octavia me dissera muitas coisas naquele fim de semana, mas as principais que vinham me intrigando continuavam a ser um mistério.

A casa.

A família.

Ela não as mencionou nem uma vez.

Eu não fazia ideia se Octavia tinha irmãos ou irmãs, mas, afinal, poucos meses antes, quando ela estava com o Rube, eu sempre havia suposto que não tivesse. Isso nunca tinha sido mencionado nem conversado. Agora havia a gaita, a altura da torre e uma porção de outras coisas, mas eu continuava sem ter nenhuma ideia da origem dela.

Por um momento, tive vontade de acordar o Rube e lhe fazer umas perguntas, mas, como ele já havia reclamado da luz, achei que não ficaria satisfeito se eu começasse a puxar conversa. E, além disso, eu não havia esquecido que o Rube vinha enfrentando alguns problemas pessoais. Pensei em qual seria o resultado de todos aqueles telefonemas. Só sabia que alguma coisa violenta estava prestes a acontecer e, provavelmente pela primeira vez no que dizia respeito ao Rube, eu não tinha certeza de qual seria o desfecho. No passado, eu sempre soubera que meu irmão estaria de pé no final. Dessa vez, não me sentia tão seguro. Só me restava esperar para ver.

Por fim, o cansaço me venceu e eu caí em um sono pesado.

No dia seguinte, o telefone tocou muito, como fizera a semana toda. Na quinta-feira, o Rube já pegava o fone e o batia de volta no mesmo instante.

Fomos à casa do Steve uma noite, mas na verdade não aconteceu grande coisa. Só uns chutes a gol, café preto e uma conversa que girou em torno do futebol americano e da família, com uma piada aqui e ali.

No caminho de volta, Rube parou, e nós meio que sentamos juntos no meio-fio. A impressão era que fazia algum tempo que não conversávamos, e esperci que ele falasse.

Passados uns cinco minutos, ele disse:

— Seja quem for esse cara, ele está mesmo a fim de acabar comigo.

— Você perguntou à fulana sobre ele?

— Julia?

— É.

— Ela diz que o sujeito não é dos mais brilhantes, que tem tempo demais de sobra e um montão de amigos.

— Amigos?

— Amigos — confirmou Rube. — Pensei em ir atrás dele, mas não vou sair procurando problemas. Se fizer isso, vou ficar ainda pior.

— Mas, se você o achar antes que ele o encontre, pode apanhá-lo de surpresa. Pode acabar com essa história antes mesmo que ela comece.

— Não.

Pensei no assunto.

— Tudo bem, mas lembre-se disto, Rube: se a coisa ficar feia, fale comigo. Sei que não sou você, mas, mesmo assim, vai ser mais difícil contra nós dois.

A mão de Rube pousou no meu ombro. Foi só, e voltamos para casa.

Na sexta-feira, Octavia chegou logo depois do almoço e, da varanda, vimos o Rube vindo pela rua com um saco de boxe.

— Um treinozinho extra — disse meu irmão com um sorriso, quando o ajudamos a

entrar com o saco e descer com ele para o porão.

Rube o pendurou nos caibros e, durante quase uma hora, nós o ouvimos socá-lo. De certo modo, eu só podia lamentar por quem quisesse enfrentar meu irmão. Mesmo que houvesse mais de um, pelo menos alguns iriam sair machucados, porque Rube tinha velocidade e força, e nenhuma hesitação.

Quando o telefone tocou, atendi e pedi ao cara do outro lado para esperar.

— Meu irmão quer falar com você — informei. — Quer dizer, isso está ficando ridículo. Você liga três vezes por dia. Não fala nada. Estou começando a achar que, na verdade, você está *é gostando* do meu irmão, e não que quer matá-lo, senão, você dava logo uma surra nele e acabava com isso. Então espere aí. Só um minuto.

Desci ao porão.

— O que é?

Rube não suava muito, mas, depois de uma boa hora esmurrando o saco de pancada, estava encharcado.

— É ele — disse eu.

Rube subiu os degraus frios de cimento e praticamente destruiu o telefone ao pegá-lo.

— Escute aqui — rosou. — Vou esperar você amanhã, perto do pátio velho da ferrovia, às oito da noite. Sabe onde fica? ... É, esse mesmo. Se quiser, pode ir lá e me enfrentar. Caso contrário, pare de ligar para mim: você é um pé no saco. — Houve um silêncio mais longo. Rube estava ouvindo. — Ótimo — assentiu. — Só você e eu, sozinhos. — Escutou de novo. — Está bem, podemos levar outras pessoas, mas, na hora agá, somos só você e eu. Nada de ajuda nem de truques, e aí acabou-se. Até logo.

Bateu com o telefone e percebi que, em pensamento, ele já estava brigando.

— Então está marcado? — perguntei.

— Parece que sim — disse ele, e foi fechar o porão. — Graças a Deus.

Então o telefone tocou. De novo.

— Não se preocupe — continuou Rube, de passagem. — Eu atendo.

Pegou o fone e percebi de imediato que era o cara outra vez. Rube não ficou satisfeito.

— O que é agora? — berrou as palavras ao telefone. — Você não pode?! — Foi ficando mais irritado a cada segundo. — Escute aqui, cara, *é você* que quer *me* matar, então resolva logo quando quer fazer isso. — Pensou um pouco. — Que tal durante a semana? Não? Bem, que tal no próximo sábado? Dá para você checar a agenda para ter certeza de que não tem mais nada marcado? — Esperou. — Agora tem certeza? Absoluta? Não vai ligar daqui a uns minutinhos para remarcar? Não? Então, o próximo sábado à noite parece um bom momento para me matar? Ótimo. Mesmo lugar, mesmo horário. No *próximo* sábado. Legal.

Desligou de novo, batendo o fone com força. Abanou a cabeça, mas riu:

— Esse cara é um circo completo.

Começou a comer um pão e a se apromptar para sair com a Julia — a causa daquilo

tudo. Fiz um esforço definitivo para antipatizar com a garota e pôr a culpa de tudo aquilo nela, mas, na verdade, eu sabia. Não era ela. Era meu irmão, Rube. A culpa era dele; finalmente havia tropeçado na garota errada e, pela primeira vez, talvez tivesse que pagar. É claro, eu também disse a mim mesmo que havia me enganado no passado, porque muitas vezes o Rube escapara de situações perigosas simplesmente por ser Ruben Wolfe, e Ruben Wolfe era capaz de lidar com qualquer coisa.

Com os punhos.

Com seu charme rebelde.

Do jeito que desse.

Mas, dessa vez, eu não tinha certeza. Era diferente. Achei que descobriríamos o resultado dali a uma semana...

Octavia e eu ficamos em casa naquela noite, no meu quarto e do Rube, e ela tocou sua gaita, e ouvimos música. Em alguns momentos, ela acompanhava a música com a gaita, mas, na maior parte do tempo, conversamos. Houve histórias de dias que ela passara tocando por dinheiro, e de tipos que havia conhecido no porto e em outros lugares da cidade. Falei da escola e de como eu ficava sentado em um muro lá, sentindo as histórias e as palavras passarem por mim, e às vezes umas pessoas iam conversar comigo. Amigos antigos e conhecidos.

Contei que ninguém além dela sabia das palavras.

Foi uma sensação boa.

Íntima.

Octavia estava de jeans, mas tirou os sapatos e as meias, e eu me lembro de ter olhado para seus pés descalços, ela sentada de pernas cruzadas na minha cama. Lembro-me de ter olhado para seus dedos e tornozelos. Eu gostava dos seus tornozelos e é claro que, quando levantei a cabeça, gostei da expressão no rosto dela ao falar e escutar e pensar. Ela riu de coisas. Dos picolés de cerveja, e de histórias que contei sobre mim e Rube e sobre as idas às pistas só para olhar, rindo e apostando de vez em quando, só de farra.

Conversar foi bom.

Parece uma coisa óbvia para se dizer, mas me ajudou a conhecê-la, por seu *jeito* de falar as coisas e pelos momentos em que ela ficava pensando, e depois me explicava o que era. Acho que, quando alguém lhe conta uma coisa que costuma guardar, você se sente privilegiado, não por saber algo que ninguém mais sabe, mas por se sentir escolhido. Dá a impressão de que aquela pessoa quer que a vida dela se entrelace com a sua. Acho que foi a melhor sensação.

Cheguei perto, muito perto de lhe perguntar sobre sua família, mas não consegui. De algum modo, intuí que esse era um assunto que ela é que teria que começar.

Octavia voltou na tarde seguinte e, já que papai, Rube e eu não tínhamos almoçado peixe com fritas, eu estava meio que no clima para comer esse tipo de coisa. Fomos a uma loja ali perto e voltamos com uma porção enorme. A Sra. Wolfe ficou grata por não ter que requestrar as sobras, e todos comemos na cozinha, direto do embrulho.

Nós não somos endinheirados, na minha família.

Não somos uma porção de coisas.

Mas notei que, quando estávamos todos comendo o peixe com fritas, e o Rube me xingou por eu ter deixado cair um pedaço de peixe, e o papai deu-lhe um tapa na testa por causa disso, a Octavia ficou observando com um brilhinho no olhar.

Gostava da nossa casa, deu para perceber.

Ela gosta de conversar com a Sarah e com minha mãe, e agora, até com meu pai, que lhe explicou em detalhes as complexidades da instalação, conserto e reforma de um sistema sanitário. Havia uma rudeza naquilo tudo, mas era real. Tudo, desde os pedaços de peixe que caíam até os xingamentos coletivos e o sal grudado no canto da boca das pessoas.

A certa altura, quando Sarah nos falava de uma garota com quem trabalhava, que tinha o mau hálito mais horrível do mundo, Octavia olhou para mim. E sorriu.

As coisas eram corretas naquele lugar.

Não perfeitas.

Corretas.

Lembrei-me disso no dia seguinte, no lugar de costume no cais, enquanto Octavia tocava e eu estava sentado de lado, meio longe, escutando e escrevendo umas coisas.

Quando ela acabou, fui até lá e a ajudei a recolher o dinheiro. Ela levantou a cabeça, fechando um olho por causa do sol, e disse:

— Levei você a lugares, Cam. Lugares a que eu queria ir. — Pôs o dinheiro em uma bolsinha de pano. — Por que não me leva a um lugar aonde *voce* queira ir?

O problema era que, na verdade, eu nunca ia a lugar nenhum.

Não conscientemente, pelo menos.

Tudo que fazia era circular pelas ruas desta cidade. Apenas andar, olhando as pessoas, as construções, e absorvendo os aromas e os sons do lugar.

A alma da cidade, pensei, mas o que disse foi:

— Eu não vou muito a lugar nenhum.

Ela me lançou um olhar tipo *Não me venha com essa*, e eu percebi que era inútil tentar escapar com esse tipo de comentário. Octavia já me conhecia bem demais. Só me restou dizer:

— Bom, em geral eu só ando por aí. Não é nada de especial. Eu só...

— Parece bom. — Ela já estava de pé, à minha espera. Uma presença suave. Calma.

— Mostre todos os lugares a que você vai.

E, perambulando devagar, saímos.

Pegamos o metrô até a Estação Central e caminhamos pelas ruas do centro da cidade. Mostrei-lhe a barbearia e falei do velho barbeiro que morava lá, e da história dele e de sua mulher.

Octavia lembrou-se da pequena página que eu tinha escrito sobre minhas esperanças para minha sepultura e perguntou:

— Aquilo veio daqui?

Fiz que sim.

Em seguida, veio o ponto de ônibus em que aquele casal tinha me tratado mal e que depois eu não tivera dinheiro suficiente para pegar o ônibus. Octavia riu disso tudo. Disse que era exatamente o tipo de coisa que ela só podia imaginar acontecendo comigo.

— Eu sei.

Até eu ri nessa hora.

Continuamos andando e, sem reconhecer o lugar, logo chegamos a Glebe, aproximando-nos da casa em frente àquela em que eu costumava ficar, esperando aquela garota.

Foi bom estar lá com Octavia. Como se fosse a coisa certa a fazer. Tive então que pensar na coisa certa a dizer.

— Eu vinha aqui — comecei — pelo menos três ou quatro vezes por semana. — Parei. As palavras dentro de mim se animaram, pois compreendi que, agora, toda vez que pensava naquele lugar, já não tinha a ver com a agonia que sentia. Tinha a ver com Octavia. — Mas, sabe? — prossegui. — Hoje em dia, quando penso neste lugar, acho que, toda vez que eu vinha aqui, não tinha realmente a ver com esperar por aquela outra garota. Era só... — Eu queria falar da maneira certa. — Acho que era por você que eu estava esperando. — Sacudi a cabeça e olhei para o chão, depois voltei a levantar os olhos. — Acho que aquela foi a melhor noite da minha vida, sabe?

Octavia deixou seus olhos nadarem para dentro de mim.

— É, eu sei — respondeu, e apenas passamos um tempo ali, relembando aquela noite, e, pessoalmente, pensei em como tudo o que eu desejava era uma visão daquela garota, a Stephanie. Apenas a ideia dela. Não ela de verdade. O melhor disso tudo era que Octavia era real.

Na volta, passamos pela estação a caminho de casa, conversando sobre o metrô daquela noite, e logo passamos por outros lugares com histórias sepultadas neles. Conteí à Octavia o que significava cada lugar. Era bom pensar nos lugares como histórias que queriam dizer alguma coisa.

Mostrei a ela um beco no qual um dia eu tinha visto o Rube dar uma surra em um cara, só porque o sujeito tinha o hábito de empurrar as pessoas que sabia que eram mais fracas. Até encontrar o Rube, é claro. O cara não contava que o Rube o encarasse sem nem pestanejar. Meu irmão o largou lá, dizendo: “Bem, tá satisfeito agora? Devia estar.”

Percorremos ruas por onde Rube e eu tínhamos passeado com o Miffy, com o capuz escondendo o rosto. Havia pontos de ônibus em que as pessoas haviam pulado das portas abertas enquanto eu passava. Lembrei-me de uma noite em que a Sarah fora uma dessas pessoas, e eu havia sentido o cheiro de álcool nela, mas não tinha dito nada. Agora já não era comum ela fazer isso.

Quando já íamos chegando em casa, perguntei se Octavia estava cansada, mas ela ficou contente em continuar andando.

Percorremos uma distância um pouco maior até a casa do Steve, e conteí à Octavia sobre mim e meu irmão. Falei das coisas que ele me dissera e de como, no fim, eu tinha realmente ficado feliz por ele me dizer a verdade. Cheguei até a contar que o amava.

Talvez fosse só porque é isso que irmãos fazem, ainda que nunca o digam e raramente o demonstrem. Ou talvez fosse mais do que isso. Eu gostava da força dele e do nosso entendimento mudo. Falei com Octavia sobre a noite no campo. Ela me pediu que a levasse até lá.

Fomos.

Já eram quase cinco horas e o lugar estava deserto. Fomos até as traves do gol e eu lhe mostrei de onde tinha dado todos aqueles chutes, e contei como o Steve havia reagido quando finalmente acertei.

Sáimos de lá pouco depois e enfim chegamos à minha rua.

Em casa, sentamos na varanda da frente e falei de algumas outras coisas. Contei a Octavia sobre uma tarde do verão passado em que eu estava sentado ali, e a Sra. Wolfe chegou do trabalho um pouco mais cedo que o comum. Estava com uma expressão vazia e passou direto por mim. Na cozinha, simplesmente sentou-se em uma cadeira, murmurando palavras quase mudas, que repetia sem parar. Acabou levantando os olhos e disse:

— Sabe aquela casa em que eu faço faxina, em Bondi? A daquele cara riquíssimo, o Sr. Callahan?

— É claro — respondi.

— Bem, pois eu entrei lá hoje e... — As mãos dela tremiam na mesa e a voz estava completamente entrecortada por tremores. — Entrei no quarto e vi os pés dele...

O homem se matara com um tiro, e minha mãe o encontrou no meio de uma poça de sangue no tapete. Contei a Octavia que ela passou muito tempo tremendo na cozinha, tentando não chorar.

Algumas noites depois, a Sra. Wolfe entrou no nosso quarto, tarde. Passava da meia-noite e, quando Rube e eu acordamos, com a luz tremida do corredor, nossa mãe disse uma coisa:

— Tratem de levar a vida mais digna que puderem. Sei que vocês vão cometer erros, mas, às vezes, é para isso acontecer mesmo, está bem?

E foi só.

Ela não esperou que respondêssemos nem que concordássemos. Só queria que ouvissemos o que tinha a dizer.

A porta voltou a se fechar e a luz do corredor desapareceu.

— Que diabo foi isso? — perguntou Rube, do outro lado do quarto.

Mas ele sabia, assim como eu. Meu irmão Rube pode ser uma porção de coisas, mas não é burro. Entende tudo muito bem, o que pode torná-lo ainda mais frustrante.

Octavia e eu passamos um tempo sentados na varanda, antes de irmos à casa ao lado buscar o Miffy. Em vez de levá-lo para passear, só zanzamos um pouco pelo quintal e cedemos ao feroz desejo dele de ganhar cosquinhas na barriga. Ele pareceu animado naquela noite, embora ainda não fosse o cãozinho que um dia tinha sido. Talvez só estivesse envelhecendo. O Keith vinha lhe dando uns comprimidos receitados pelo veterinário, mas sei lá. A centelha do Miffy estava ainda um pouco mais apagada que de

hábito.

Escurecia quando o devolvemos ao vizinho, e Octavia tinha que ir embora.

No caminho para a estação, havíamos percorrido metade da rua quando parei e olhei para a varanda, lá atrás.

— O que foi? — indagou Octavia.

— Há uma coisa que não mencionei — respondi. E soltei o verbo. — Eu me lembro de quando fiquei sentado lá na varanda, vendo você se afastar naquela noite, na última vez que estava com o Rube... A luz do céu a salpicou, e achei que você devia estar sentindo o que eu sempre sentia lá em Glebe.

— Acho que sim — disse ela, com ar satisfeito. — Mas as coisas agora são diferentes.

— São — concordei, e recomeçamos a andar.

Mesmo mais tarde, naquela noite, quando lhe telefonei, Octavia me disse de novo quanto as coisas haviam mudado. Liguei para ela da nossa velha cozinha e, quando ela atendeu, quase não houve palavras. Octavia só disse:

— Espere aí, Cam. Espere.

Ouvi-a depositar o fone e se afastar.

— Alô? — falei.

Nada.

— Alô?

Então, o som chegou ao meu ouvido.

Do outro lado da linha, Octavia estava andando pela sala e, quando a música começou, apertei mais o fone no ouvido.

A gaita uivou como sempre. Moveu-se por uma melodia que eu não ouvira antes, e foi uma das coisas mais lindas que já tinha escutado na vida. Veio cantando pela linha telefônica e imaginei Octavia tocando no escuro. A música subia e descia, levando-me com ela, e os sentimentos me abriram...

Algum dia você já teve vontade de cair de joelhos na cozinha?

Pois foi assim que me senti, ao ouvir a música daquela garota.

SE SUA ALMA
VAZASSE

Ruas escuras.

O cão está sempre esperando para me levar outra vez para as ruas escuras.

Adiante, vemos uma garota andando pela rua.

Corro, passando à frente do cachorro pela primeira vez.

Ela dobra uma esquina, mas, quando a sigo, sumiu.

O cão chega e ficamos parados junto a um muro.

“Amo aquela garota”, tenho vontade de dizer, mas não digo. Sei que o cachorro está aqui para me guiar e mais nada.

Ficamos parados ali, e sei que sei muito pouco.

Não sei aonde vão dar essas ruas, nem por quê.

Não sei se consigo resistir à luta desta noite.

Só há uma coisa que eu sei.

É sobre a garota, e é isto:

Se um dia sua alma vazar, quero que caia em mim.

Ouvi o barulho de novo, lá no porão. Os punhos do Rube esmurravam o saco de boxe. Ele estava ansioso pela luta.

Era noite de terça-feira e desci para observá-lo por algum tempo. Ele não me notou até terminar. Martelava o saco de pancada com as mãos nuas e tinha a respiração quente feito vapor a sair da boca. Ao vê-lo de jeans e camiseta regata, compreendi por que as garotas gostavam tanto dele. Era atlético, com todos os músculos bem-definidos. Não era grandão nem abrutalhado. Na medida certa. O cabelo castanho-claro caía no rosto e os olhos não tinham propriamente uma cor. Eram olhos de brasas partidas.

Ele apoiava as mãos nos joelhos quando reparou que eu o observava. A respiração estava arfante.

— Tá bonito — comentei, descendo os degraus frios de cimento.

— Obrigado.

Ele se levantou e notou umas gotas de sangue em seus dedos. Ele não se importava, porque, para Rube, isso significava apenas que suas mãos estavam preparadas para a luta. Acostumadas com a dor e a nudez. Mãos nuas batendo em um rosto nu.

— Quer dar uns murros? — ofereceu, mas declinei. — Por que não? Você pode brigar bem, quando chegar a sua vez.

— Não, eu estou bem assim.

Eu já ia saindo quando Rube chamou:

— Ei, Cam. — Ele levantou a cabeça para olhar para mim, do porão. — Acho que estou meio que acabando com aquela tal de Julia, sabe?

Fiquei surpreso.

— É mesmo? Por quê?

— Olhe só para mim! — Estendeu as mãos, com as palmas viradas para cima. — Tem um cara por aí querendo acabar comigo por causa dela. — Olhou para si mesmo, para o peito, a barriga, os pés. Vi que percebia a ironia da situação. Assim mesmo, declarou: — Ela não vale o trabalho que dá.

Meus pés me levaram de volta ao porão. Precisava perguntar uma coisa.

— Quer dizer que você já tem mais alguém na fila?

— Não.

Rube balançou a cabeça e voltou os olhos para a parede.

— Acho que talvez tenha aprendido minha lição desta vez.

Então subimos juntos para o térreo.

— Você ainda vai comigo no sábado à noite? — perguntou ele, algumas horas depois. — Para a briga?

Estávamos no nosso quarto, a luz já apagada.

A escuridão do cômodo me envolvia quando respondi:

— É claro.

— Obrigado. — Rube soou incisivo. Pronto. — Não confio nesse cara.

— Você pediu para mais alguém aparecer? — perguntei. — Para o caso de esse outro cara resolver usar ajuda?

— Não. — Eu só conseguia ver o rosto dele vagamente, no escuro. Lascas de luz da janela batiam em seu rosto. — Nunca confiei em outras pessoas e não vou começar agora. — Soergueu o corpo, apoiado em um cotovelo. — Com você é diferente. Você é meu irmão.

Era o que bastava. Ele poderia ter continuado a falar, dito alguma coisa do tipo “E é isso que os irmãos fazem”, ou “Eu faria o mesmo, se fosse com você”, mas não havia necessidade. A conversa estava encerrada. Agora tudo o que restava era a escuridão.

Acho que irmão é irmão.

Só isso.

Na tarde de quinta-feira, fui até a casa da Octavia e esperei do lado de fora. Em geral, era assim que funcionava. Nós nos encontrávamos nos fins de semana e talvez uma ou duas vezes durante a semana. Era raro telefonarmos. Para ser sincero, eu não gostava de conversar por telefone. Ele me deixava nervoso, constrangido. Eu não sabia qual era a razão da Octavia. Talvez ela não gostasse da ideia de que passar horas intermináveis falando ao telefone era uma coisa que as garotas da sua idade costumavam fazer. Octavia não era uma garota como as outras.

Ela saiu uns quinze minutos depois.

Como sempre, fomos ao parque e nos sentamos encostados na árvore. Octavia estava esperando. Por mim.

Suas pernas estavam estendidas e eu me levantei, depois me ajoelhei, pondo um joelho de cada lado do seu corpo. Beijei a pele de sua bochecha. Beijei sua boca e na lateral do pescoço, mordiscando de leve.

Ela murmurou “não pare” e inclinou a cabeça, para expor o pescoço inteiro, e beijei os dois lados e afastei a gola da sua camisa social, para pôr a boca nas pontes que levavam aos ombros. Passei as mãos por seu cabelo.

— O que você quer que eu faça? — perguntei, mas, a princípio, ela só me puxou mais para perto.

— Só não pare — respondeu. — E me beije de novo.

O calor de seu hálito me inundou. Absorvi-a. Ela me possuía.

Senti minha pele rasgar-se, à medida que tudo foi ficando mais intenso e a boca de Octavia continuou a respirar pela minha. Era bruta e quente e gritava na minha boca. Sempre me dominando. Sempre querendo mais.

Querendo mais.

Essa foi a melhor parte, acho. Ela não me empurrou nem se afastou, como eu esperava. O que mais me estarrecia era seu jeito de sempre querer mais de mim. Quando sua boca se apossou do meu pescoço, meu corpo todo estremeceu com a sensação. A mão dela ficou por baixo da minha camisa. Seus dedos se espalharam por minhas costelas e acabaram na barriga, afagando, enquanto seus lábios me beijavam no pescoço e no rosto.

No fim, ela beijou meus lábios de leve, deixando-os afundarem devagar nos seus.

Apoiou a cabeça no meu ombro, e vi que estava à vontade. Foi gostoso poder fazê-la se sentir assim.

Fez-se silêncio por um tempo e eu ouvi trens entrando e saindo da estação. Entravam coxeando. Recomeçavam a andar.

Conversamos sobre o confronto do Rube, cada vez mais próximo.

— Você vai com ele, não é? — perguntou Octavia.

Ainda descansava a cabeça no meu ombro. Em certos momentos, seu nariz encostava na linha do meu queixo e eu voltava a me arrepisar.

— Tenho que ir — admiti. — Ele é meu irmão.

Octavia apenas ficou ali, e as nuvens correram pelo céu. Não adiantava tentar me dissuadir. Ela sabia e por isso nem tentou. Apenas disse:

— Só não vá se machucar, por favor. — Senti seus olhos subirem para meu rosto. — Está bem?

Fiz que sim.

— Prometo.

Ela sorriu, senti, e tornou a beijar meu pescoço, de leve.

Voltamos depois de um bom tempo e, quando a deixei no portão, ela não me deixou ir embora.

— Ei, Cam — disse. Tinha chegado a hora. Ela hesitou. — Você acha que gostaria de entrar, uma hora dessas?

— Ali? — perguntei, olhando para a casa.

— É...

Lembrei-me das palavras de Rube sobre nunca haver chegado nem perto de entrar, e me perguntei por que isso importava tanto, e por que era tão importante para mim. Quer dizer, era só uma casa, pelo amor de Deus.

Era mais que isso, porém. Octavia me disse por quê.

— Antes de você, Cam, e antes do Rube, houve um cara que me machucou lá dentro. Meio que me bateu quando eu não... Você sabe... — As mãos dela apertaram o portão. — E eu jurei à minha mãe que nunca mais levaria para casa ninguém que eu não amasse com todos os pedacinhos do meu ser. — Ela sorriu, mas também estava sentindo dor. — Então, em breve, tudo bem?

— Tudo bem — respondi, abraçando-a no portão.

Quase disse quanto lamentava pelo que havia acontecido, e que eu nunca seria capaz de magoá-la daquele jeito. Mas, de algum modo, eu sabia. Era o bastante. Ela e eu e o portão.

Naquela noite, o Rube treinou no porão de novo e, dessa vez, aceitei seu convite para socar o saco de boxe.

Em parte, foi por causa da alegria que eu sentia pela Octavia, em parte, por raiva pelo que havia acontecido com ela, e em parte, pelo nervosismo por sábado à noite.

O dia seguinte passou voando.

Trabalhar com o papai no sábado foi um gigantesco intervalo de espera, embora o Rube estivesse perfeitamente calmo.

Nós nos aprontamos no quarto, lá pelas sete e meia. Vesti o jeans mais velho que tinha, minha camisa xadrez de flanela e a jaqueta impermeável. Dispensei os tênis e resolvi usar botas. Era um par que eu havia herdado do Rube e, quando me senti encostado na parede, apertando bem os cadarços, olhei para cima e vi meu irmão olhando fixamente para o espelho. Dizia a si mesmo o que fazer. Examinando-se de cima a baixo.

Fiquei de pé.

— Pronto?

Ele não falou nada.

Só se virou, pegou sua jaqueta e assentiu. Fazia meses que o Rube não parecia tão sério.

Sáímos de casa e, como Rube já tinha anunciado que íamos à casa de um amigo, não houve problemas. O portão da frente abriu e fechou depressa, e saímos pela rua pisando duro. Rube estava a mil, com a cara amarrada. O ar frio da noite parecia sair da sua frente, assim como as pessoas que vinham andando na direção oposta.

Faltavam uns cinco minutos para as oito quando chegamos lá, e aí só nos restava esperar. O lugar estava cheio de vagões velhos e estropiados, espalhados no escuro. As janelas tinham sido quebradas e havia palavras roubadas escritas nas paredes feito cicatrizes.

Havia uma cerca alta de arame farpado separando o pátio da rua, e ficamos encostados nela, esperando.

Passaram pensamentos.

Passaram minutos.

Um as figuras começaram a rondar no início de uma ruela, parecendo vir na nossa direção.

— São eles? — perguntei.

O rosto de Rube endureceu ainda mais.

— Vamos esperar que sim.

As sombras chegaram mais perto e a adrenalina disparou, derrubando-me. Estava na hora.

O TÚNEL

Chegamos a um túnel e entramos. Ele desce fundo, até o âmago de tudo que somos. O chão é manchado de humanidade e, ao caminharmos, começo a ver o final.

Parece haver um buraco ao longe, e sei que é lá que vamos atravessar para o outro lado.

Sinto meus punhos se cerrarem.

Minha respiração salta da boca na cara da escuridão que nos cerca.

Estou me aprontando, até solto um murro de leve no ar.

Aproximamo-nos do outro lado e, no espaço logo adiante da boca do túnel, vejo uma sombra encostada em uma cerca de arame trançado. Seus dedos agarram-se à trama com força.

Avance, digo a mim mesmo, e, depois de encontrar os olhos faiscantes do cão, é o que faço.

Saio do túnel e vejo os braços da cidade escancarados de fora a fora, enquanto a sombra permanece imóvel.

O ar da noite me esbofeteia.

Tem cheiro de irmãos.

As sombras transformaram-se em seres humanos e havia três deles caminhando na nossa direção. Estavam de jaquetas e caras fechadas.

— Qual de vocês é o Rube? — perguntou o do meio, o maior.

Tinha a voz límpida e violenta e cuspiu na direção dos nossos pés, quase sorrindo ao ver a cusparada não nos atingir por um triz. Rube deu um passo à frente.

— Sou eu.

— Dizem que você é bom de briga, mas não está me parecendo essa maravilha toda.

— Bem, é uma questão de opinião, não é? — retrucou Rube, em tom amável. — E depois, ainda não fizemos nada. Você pode decidir quando a gente tiver terminado.

— Tudo bem.

O sujeito começou a dizer mais alguma coisa, só que era tarde demais.

Rube o segurou pelo pescoço e o jogou na cerca de arame, em seguida o acertou com uma saraivada de socos que cortou o sujeito na mesma hora. Ele tentou se esquivar das mãos do meu irmão, mas Rube era rápido demais e sempre acertava o alvo. O sangue espirrou no chão e os dois caras que tinham ido para dar apoio moral começaram a ficar nervosos. Até Rube notou e, entre um murro e outro, encarou-os calmamente e disse:

— Nem pensem nisso.

Foi aí que errou o primeiro soco, e o outro cara conseguiu se esquivar, agarrando-se à cerca para se levantar.

Rube poderia ter ido atrás dele, mas preferiu parar a alguns passos de distância e fazer algumas perguntas. Eu o vi agir assim uma centena de vezes. Para ele, estava dando ao adversário uma chance de fugir, antes que a coisa ficasse violenta demais. Uns aproveitavam. Outros não.

— E qual é o seu nome, afinal? — perguntou.

— Jarrod.

A resposta escorreu da boca do sujeito junto com o sangue.

— Bem, Jarrod, você não está me parecendo nada bem. Já apanhou o bastante?

Infelizmente para Jarrod, a resposta era não, e, quando ele se levantou e partiu para cima do Rube, foi quase assustador ver a velocidade com que meu irmão acertou-lhe as costelas e socou a cara do sujeito mais uma vez. O som do Jarrod batendo na cerca lembrava um chocalho, enquanto os trens quebrados pareciam olhar desamparados do outro lado.

Paft. Pausa. Paft.

O sangue continuava a pingar lentamente no chão, só que dessa vez Jarrod foi caindo junto. Tinha sangue no cabelo, nas mãos e na roupa. A certa altura, achei que ia se afogar nele.

O único problema da história foi este:

Não era real.

Não era real porque Rube e eu ficamos esperando no antigo pátio da ferrovia e o cara

não apareceu. As sombras que vimos no beco viraram para outra ruela, deixando-nos sozinhos no fim da rua.

— Ele está atrasado.

Foram as primeiras palavras do Rube, minutos depois das oito. Às oito e meia, ele estava irritado, e às quinze para as nove, prestes a enfiar o punho na cerca.

Foi então que vi a luta imaginária. Foi uma cena bem típica do Rube. Admito que era incomum ele entrar na briga tão cedo. Na maioria das ocasiões, o outro sujeito tentava surpreendê-lo, mas o Rube sempre era rápido demais. Por isso, dessa vez, para variar, eu o imaginei sendo a pessoa que tomava a iniciativa. Se um dia isso acontecesse, a luta acabaria antes mesmo de começar. Rube era ótimo em brigas, por muitas razões. Não hesitava, não tinha medo de se machucar, adorava vencer e tinha um *timing* fantástico. Mesmo quando não batia com força, doía, porque ele escolhia o momento perfeito e acertava exatamente onde pretendia.

— Vai ver que ele se enganou com a hora — sugeri, mas Rube me lançou um olhar de *Você tá me gozando, não é?*

Esperamos, mesmo sabendo que era inútil. O sujeito não ia aparecer. Rube sabia. Eu sabia. Pessoalmente, fiquei aborrecido, porque podia ter saído com a Octavia. Em vez disso, estava parado em uma rua desgraçada de fria, à espera de alguém que não apareceria.

Mesmo assim, não fiquei zangado com o Rube.

Ele começou a espreitar pela cerca, repetindo uma palavra.

— Babaca.

Repetiu-a um sem-número de vezes e, às nove horas, virou-se e agarrou a cerca pelo arame trançado. Esperei que ficasse ainda mais irritado, porém, para minha surpresa, ele relaxou. Só olhou fixamente por um último momento, e depois tomamos o rumo de casa.

A última coisa que ele fez foi dar um soco de leve na cerca. Ainda assim, ela chacoalhou.

— O que você vai fazer agora? — perguntei, quando já estávamos quase chegando em casa.

— Sobre o cara que quer me matar, ou sobre hoje?

— As duas coisas.

— Bem, quanto ao cara, vou esquecê-lo, só isso. Quanto a esta noite, acho que posso dar uns socos no saco de boxe no porão. Vou descer com o rádio, ligar a música no volume mais alto e socar até não me aguentar mais em pé.

E foi exatamente o que fez, exceto pela parte de não se aguentar em pé. O que aconteceu foi que liguei para a Octavia e disse que não tinha acontecido nada, depois fui para o porão com o Rube. Quando a Sarah desceu também, tirou uma boa foto do Rube esmurrando o saco de areia. O rosto dele na foto só poderia ser descrito como intenso, e dava para ver como o saco se encolhia sob a força das mãos dele.

— Nada má — decidiu, quando lhe mostramos a foto.

Mas não pediu para ficar com ela, por isso Sarah a levou para seu quarto, antes de voltar com o baralho. Depois disso, passamos muito tempo no porão, jogando cartas, com o rádio berrando à nossa volta.

Horas depois, Sarah foi a primeira a ir para o quarto se deitar, deixando a mim e Rube no porão sozinhos.

Na saída, ele deu um último soco no saco de boxe, desligou o rádio e o levou de volta para nosso quarto.

Dormi bem, para variar, e passei o domingo com Octavia no cais.

Era assim na maioria dos domingos. Eu fazia os deveres da escola pela manhã e pegava o metrô para o cais. Quando tinha tempo, ia a pé. Octavia ainda ia lá em casa nas tardes de sábado e, durante a semana, aparecia principalmente às quartas-feiras. Às vezes, antes de ela ir embora, a gente dava um passeio com o Miffy. Em muitas dessas quartas-feiras, era eu que segurava a guia, com Octavia sorrindo a meu lado e o Rube se certificando de que nenhum conhecido nos visse. Como sempre, o Miffy puxava a guia, ora tossindo, ora lambendo o focinho, e às vezes latindo, quando o Rube estava a fim de agitá-lo.

Vez por outra, eu ia ao bairro da Octavia e assistíamos a um filme por lá. Não fiz mais nenhuma pergunta sobre o interior da casa. Às vezes, até esquecia. Só me sentia grato por estar com a Octavia e por ela estar legal.

Havia momentos em que ficávamos juntos e eu não conseguia deixar de sorrir.

— O quê? O que foi? — perguntava ela.

— Sei lá.

Era a única resposta que eu podia dar. Não havia nenhuma razão específica. Eu olhava para ela e ouvia. Era o bastante.

Todo domingo ela tocava no cais e, quase todos os sábados, era de lá que vinha, à tarde. Eu ouvia as moedas tilintando no bolso da sua jaqueta.

Passou-se um mês e, em uma noite de sábado qualquer, levei a Octavia para conhecer o Steve. Meu irmão gostou dela e tocou uns discos antigos que a deixaram bem impressionada.

— Tem umas coisas boas aqui — disse ela.

— Eu sei.

Na volta para casa, naquela noite, Octavia disse:

— Ele também ama você, sabia?

Tentei dar de ombros.

— Não, Cam. — Ela me fez parar na calçada. — Ele ama, sim.

Foi então que percebi que, com ela, não havia verdades que eu pudesse esconder.

— Ele parece triste pelas coisas que lhe disse — prosseguiu Octavia, enquanto íamos andando.

— Mas contente porque as disse.

Ela concordou.

Era uma noite fria de terça-feira, no começo de agosto, quando Rube finalmente

recebeu outro telefonema. Só que dessa vez era a Julia. Ela contou que tinha reatado com o tal cara de antes — o Telefonador, como meu irmão e eu passamos a chamá-lo.

— Ele ainda está atrás de você — avisou Julia.

— É mesmo? — Rube estava de saco cheio. — Que diabo eu fiz desta vez? — Escutou. — Bem, diga a ele para dar uma passada aqui um dia desses que a gente resolve esse assunto no quintal.

Julia desligou.

— A Vadia já era mesmo? — perguntei.

— A Vadia já era — confirmou Rube.

Parecia estar tudo encerrado e, como me dissera, Rube ainda não tinha outra garota à vista. Ele continuava a trabalhar com afinco e a esmurrar o saco de boxe no porão. Ainda recebia ligações telefônicas, mas nem de longe com a mesma frequência. Às vezes ele xingava os amigos sem querer, achando que era o Telefonador de novo.

— Ah, Jeff. — Ria. — Desculpe, parceiro, achei que fosse outra pessoa.

Foi até o cais com Octavia e comigo algumas vezes, mas sempre acabava nos deixando a sós e seguindo seu rumo. Não estava infeliz nem solitário. Isso não era do feito do Rube. Sempre acontecia alguma coisa quando ele estava por perto. Se não acontecia, ele corria atrás.

— Não me leve a mal, Octavia — disse Rube, em uma noite de domingo —, mas estou tirando férias de mulheres.

Estávamos na varanda, depois de passear com o Miffy.

— Até a próxima — retrucou Octavia.

— É claro.

Ele nos deu o sorriso que era sua marca registrada e entrou.

No metrô, naquela noite, tudo pareceu estar nos conformes. Octavia e eu esperamos o trem, e foi como se o mundo em que eu vivia tivesse enfim encontrado a direção certa.

Dias depois, aconteceu a tragédia que bateu à nossa porta.

TUDO CERTO

Pela primeira vez, uma multidão me confronta nesta jornada urbana pelas noites, ruas e trevas. Há uma enxurrada de gente vindo na minha direção, e todos, percebo, são desprovidos de rosto. Um vazão lhes tolda os olhos e eles não têm a menor expressão.

Tínhamos entrado em uma rua e lá estavam eles, fluindo em direção a nós.

O cão vai abrindo caminho em zigue-zague e eu o sigo, escolhendo meus espaços na onda humana.

Vez por outra, vejo um rosto que conservou sua forma.

Em dado momento, vejo Sarah tentando encontrar seu caminho, e em outro, quando tropeço, alguém me ajuda a me levantar, e é o rosto de meu pai que vem a meu encontro quando ergo a cabeça.

Sigo em frente. Não tenho escolha.

A questão é que não me incomoda.

Quero que o mundo apinhado gire do seu jeito — que me faça encontrar meu próprio caminho, ainda que às vezes isso seja uma luta.

À medida que vou avançando, sinto a tudocertice me passar.

O engraçado é que tudocertice não é uma palavra de verdade. Não está nem no dicionário.

Mas está dentro de mim.

Caía uma chuva torrencial, martelando as ruas e os telhados da cidade em uma tarde escura de terça-feira. Havia alguém esmurrando nossa porta da frente.

— Espere aí! — gritei.

Eu estava comendo torradas na sala. Abri a porta e lá estava um homenzinho meio calvo, de joelhos, completamente encharcado.

— Keith? — perguntei.

Ele me olhou. Deixei cair a torrada. A essa altura, Rube já estava atrás de mim.

— O que aconteceu? — perguntou.

O rosto de Keith estava coberto de tristeza. Filetes de chuva escorriam pelas suas faces enquanto ele se levantava devagar. Fixou os olhos na janela da nossa cozinha e disse, com um soluço entrecortando a voz:

— O Miffy. — Quase se desfez em pedaços de novo. — Ele está morto. No quintal.

Rube e eu nos entrecolhamos.

Saímos correndo pelos fundos e começamos a escalar a cerca de qualquer jeito, enquanto a porta batia às nossas costas. No meio do caminho, eu vi. Havia uma bolota de lanugem empapada e imóvel caída na grama.

Não, pensei, ao aterrissar do outro lado. A incredulidade impediu meus passos, deixando meu corpo pesado e meu coração disparado.

Rube também alcançou o chão. Seus pés bateram na grama encharcada e, onde terminavam minhas pegadas, as dele começaram.

Ajoelhei-me sob a chuva torrencial.

O cachorro estava morto.

Toquei-o.

O cachorro estava morto.

Virei-me para Rube, que se ajoelhara a meu lado.

O cachorro estava morto.

Passamos um tempo sentados ali, em completo silêncio, enquanto a chuva caía feito agulhas em nossos corpos ensopados. A pelagem castanha e fofa do Miffy, o lulu-da-pomerânia que era um pé no saco, estava amassada e úmida por causa da chuva, mas continuava macia. Rube e eu o afagamos. Brotaram até umas lágrimas perdidas dos meus olhos quando me lembrei de todas as vezes que o leváramos para passear à noite, com fumaça a sair dos nossos pulmões e com riso na voz. Ouvi a gente reclamando dele, fazendo troça, mas, no fundo, a gente se importava com ele. *Até o amava*, pensei.

O rosto do Rube estava arrasado.

— Coitado do merdinha — disse ele, com dificuldade para falar.

Eu queria dizer alguma coisa, mas fiquei completamente mudo. Sempre soubera que esse dia ia chegar, mas não havia imaginado que seria assim. Não sob aquela chuva torrencial. Não um amontoado patético de pelo congelado. Não com uma depressão do tamanho do que senti naquele exato momento.

Rube o pegou e o carregou para o abrigo da varanda, na parte de trás da casa de Keith.

O cachorro estava morto.

Mesmo depois que a chuva parou, a dor dentro de mim não cedeu. Continuamos a fazer carinho nele. O Rube chegou até a lhe pedir desculpas, provavelmente por todos os xingamentos que proferia quase sempre que o via.

Keith chegou um pouco depois, mas principalmente o Rube e eu é que ficamos ali. Durante cerca de uma hora, permanecemos sentados ao lado dele.

— Ele está ficando duro — assinalei, a certa altura.

— Eu sei — replicou Rube.

Eu estaria mentindo se não dissesse que um risinho de mofa cruzou nossos rostos. Foi a situação, acho. Estávamos com frio, encharcados e famintos e, de certo modo, essa foi a derradeira vingança do Miffy contra nós — a culpa.

Lá estávamos, quase congelados no quintal do vizinho, fazendo carinho em um cachorro que ficava mais duro a cada minuto, tudo porque o havíamos insultado várias e várias vezes e, depois, tivéramos a audácia de amá-lo.

— Bem, esqueça — acabou dizendo Rube. Fez um último carinho no Miffy e falou a verdade, com a voz trêmula. — Miffy, você sem dúvida nenhuma foi um indivíduo ridículo. Eu odiei você, amei você e usei um capuz na cabeça para ninguém me ver com você. Foi um prazer. — Fez um último carinho na cabeça do cachorro. — Agora, estou saindo — esclareceu. — Não estou disposto a pegar uma pneumonia só porque você teve a coragem de morrer embaixo do varal, no meio do que era praticamente um furacão. Por isso, adeus, e vamos torcer para que o próximo cachorro que o Keith e a esposa resolverem adotar seja mesmo um *cachorro*, e não um furão, um rato ou um roedor disfarçado. Adeus.

Saiu andando pelo quintal escuro, mas, quando subiu na cerca, virou-se e lançou um último olhar para o Miffy. Um último adeus. E então se foi.

Demorei mais um pouco por ali e, quando a mulher do Keith chegou do trabalho, ficou muito aflita com o que eu estava começando a chamar de “O Incidente Miffy”.

— Vamos mandar cremá-lo. Temos que cremar esse cachorro — repetia sem parar. Ao que parece, o Miffy tinha sido presente da mãe dela, já falecida, uma mulher que insistia em que todos os cadáveres, inclusive o dela própria, tinham que ser cremados. — Temos que mandar cremar esse cachorro — prosseguiu, mas raras vezes chegou sequer a olhar para ele. Estranhamente, tive a sensação de que o Rube e eu éramos as pessoas que mais gostavam daquele cachorro; um cachorro cujas cinzas, era bem provável, acabariam em cima do televisor ou do vídeo, ou no armário de bebidas, para que ficassem em segurança.

Pouco depois, eu disse meu último adeus, passando a mão no corpo rígido e no pelo sedoso, ainda meio chocado com aquilo tudo.

Fui para casa e dei a notícia da cremação. Nem é preciso dizer que todos ficaram admirados, especialmente Rube. Ou talvez “admirado” não seja bem a palavra certa para

designar a reação do meu irmão. “Estarrecido” seria mais próximo.

— Vão cremá-lo?!? — gritou. Não conseguia acreditar. — Você viu aquele cachorro?!? Viu como estava encharcado?! Vão ter que secá-lo primeiro, senão ele não vai nem mesmo queimar! A chama mal vai pegar! Vão ter que usar o secador de cabelo!

Não pude deixar de rir.

Acho que foi por causa do secador.

Fiquei imaginando Keith parado junto do pobre cachorrinho, com o secador ligado em alta velocidade, e a mulher chamando da porta dos fundos:

— Ele já secou, meu bem? Já podemos jogá-lo no fogo?

— Não, ainda não, querida! Vou precisar de mais uns dez minutos, acho. Não consigo secar a droga da cauda!

O Miffy tinha uma das caudas mais felpudas da história do mundo. Pode acreditar.

Mais tarde, na sala, Rube continuou a falar do assunto. Àquela altura, já conseguia rir, e discutimos quando seria o funeral. Obviamente, se ia haver uma cremação, tinha que haver um funeral.

Descobrimos no dia seguinte que haveria uma pequena cerimônia no sábado à tarde, às quatro horas. O cachorro seria cremado na sexta-feira.

Naturalmente, como encarregados de levar o Miffy para passear, fomos convidados para o funeral na casa vizinha. Mas não foi só isso. Keith também resolveu que queria espalhar as cinzas do Miffy no quintal que tinha sido seu domínio. Perguntou se gostaríamos de ser as pessoas a espalhá-las.

— Sabem como é, eram vocês que passavam mais tempo com ele.

— É mesmo? — indaguei.

— Bem, para ser sincero — Keith remexeu-se um pouco —, minha mulher não gostou muito da ideia, mas eu insisti. Eu disse: *Não, aqueles garotos merecem, e está resolvido, Norma*. — Ele riu e completou: — Minha mulher se referiu a vocês como os dois merdinhas da casa ao lado.

Vaca velha, pensei.

— Vaca velha — disse Rube, mas, por sorte, o Keith não ouviu.

Devo admitir que a noite de quarta-feira ficou meio vazia sem o Miffy. Octavia também não apareceu, de modo que fiquei no quarto que dividia com Rube, lendo um livro. Podia ter assistido à televisão, suponho, mas estava de saco cheio dela. Ler era mais difícil, porque a pessoa tinha que se concentrar de verdade, em vez de só ficar sentada. O livro que eu estava lendo era genial, sobre um sujeito que pulava de um navio que ia naufragar em uma tempestade e depois descobria que ele não havia afundado. Ficou tão envergonhado que passou o resto da vida meio que fugindo desse incidente e meio que buscando o perigo, para enfrentá-lo e se testar, e para enfim provar que não era covarde. Tive um mau pressentimento de que aquilo acabaria em tragédia, e pensei que viver com vergonha e culpa devia ser a pior coisa do mundo.

Decidi que não deixaria isso acontecer comigo. Eu me via como um perdedor e um fracassado, às vezes, mas tudo começou a acabar naquele inverno. Naquele ano eu iria

me levantar, e não estava dizendo isso só da boca para fora, na tentativa de me convencer.

Dessa vez, acreditei.

Foi o que disse à Octavia na tarde de sábado, e ela me abraçou e me beijou.

— Eu também — retrucou.

Papai, Rube e eu terminamos o trabalho às duas, para podermos chegar em casa a tempo do grande funeral, e, às quatro horas, Rube, Sarah, Octavia e eu fomos até os vizinhos. Todos pulamos a cerca.

Keith trouxe o Miffy em uma caixa de madeira, e o sol brilhava, a brisa ondulava e a mulher do Keith olhava com desdém para o Rube e para mim.

Vaca velha, pensei, e sim, você adivinhou, o Rube efetivamente falou, em um cochicho que só ele e eu pudemos ouvir. Isso nos fez rir, e eu quase falei “Ora, Rube, vamos deixar nossas diferenças de lado, pelo bem do Miffy”, mas pensei melhor. Achei que a mulher não veria com bons olhos nenhum comentário que nós fizéssemos, àquela altura.

Keith segurou a caixa.

Fez um discurso inútil sobre como o Miffy era maravilhoso. E fiel. E lindo.

— E patético — voltou a cochichar o Rube.

Tive de morder a bochecha por dentro, para não rir. Na verdade, um risinho chegou a escapar, e a mulher do Keith não ficou muito impressionada.

Rube idiota, pensei.

Mas a questão é que era apropriado que fosse assim. Não fazia sentido ficarmos parados ali, falando de quanto gostávamos do cachorro e tudo o mais. Isso só faria mostrar que *não* o amávamos. Nós havíamos expressado amor por aquele cachorro:

1. Depreciando-o.
2. Provocando-o de propósito.
3. Destratando-o verbalmente.
4. Discutindo se devíamos ou não jogá-lo por cima da cerca.
5. Dando-lhe uma carne que ele quase não era capaz de mastigar direito.
6. Implicando com ele, para fazê-lo latir.
7. Fingindo que não o conhecíamos em público.
8. Fazendo piadas no funeral dele.
9. Comparando-o a um rato, um furão ou qualquer outra criatura parecida com um roedor.
10. Sabendo, sem demonstrar, que nos importávamos com ele.

O problema do funeral foi que o Keith não parava de falar, e a mulher dele continuava insistindo em tentar chorar. No fim, quando estavam todos quase desmaiando de tédio e quase esperando que alguém cantasse um hino, o Keith fez uma pergunta vital. Em retrospectiva, tenho certeza de que desejou para cacete nunca tê-la feito.

Ele disse:

— Mais alguém tem alguma coisa a dizer?

Silêncio.

Silêncio absoluto.

E aí, Rube.

Keith estava prestes a me entregar a caixa de madeira com os restos mortais do Miffy quando Rube disse:

— Na verdade, sim. Eu tenho uma coisa a dizer.

Não, Rube, pensei, desesperado. Por favor. Não faça isso.

Mas ele fez.

Enquanto o Keith me entregava a caixa, o Rube fez seu pronunciamento. Em voz alta e clara.

— Miffy, sempre nos lembraremos de você. — Ergueu bem alto a cabeça. Orgulhoso. — Você foi, sem dúvida alguma, o animal mais ridículo da face da Terra. Mas nós o amávamos.

Olhou para mim e sorriu.

Mas não por muito tempo.

Decididamente, não por muito tempo, porque, antes mesmo que tivéssemos a chance de pensar, a mulher do Keith explodiu. Disparou na nossa direção. Caiu em cima de mim em um segundo, e começou a lutar comigo pela porcaria da caixa!

— Dá isso aqui, seu merdinha — sibilou.

— O que foi que *eu fiz*? — retruquei, desesperado, e em um instante criou-se uma guerra, e eu e Miffy estávamos no centro.

As mãos do Rube também já estavam na caixa e, comigo e o Miffy no meio, ele e a Norma começaram a se estapear. Sarah, que já estava apaixonada pela tal câmara instantânea, tirou umas fotos geniais da briga dos dois.

— Seu merdinha — cuspiu Norma, porém Rube não desistiu.

Não havia jeito. Os dois continuaram a brigar.

No fim, foi o Keith quem acabou com a briga.

Entrou no meio e gritou:

— Norma! Norma! Pare de ser idiota!

Ela soltou a caixa, e o Rube também. No momento, a única pessoa segurando a caixa era eu, e não pude deixar de rir daquela situação ridícula. Para ser franco, acho que a Norma continuava irritada com um incidente que ainda não mencionei. Era uma coisa que havia acontecido dois anos antes. Era o incidente que fez com que a gente saísse para passear com o Miffy para começo de conversa, ocorrido em um dia em que o Rube, eu e uns outros caras estivéramos jogando futebol no quintal. O velho Miffy tinha ficado todo agitado por causa da barulheira e da bola que batia constantemente na cerca. Latiu, latiu, latiu, até sofrer um infarto leve e, para compensar, a Sra. Wolfe nos obrigara a pagar o veterinário e a caminhar com ele pelo menos duas vezes por semana.

Esse tinha sido o começo da história do Miffy conosco. O *verdadeiro* começo; e, apesar

de reclamarmos e falarmos mal dele, realmente aprendemos a amá-lo.

Mas, na cena do funeral no quintal, a Norma não quis saber de nada disso. Continuou fumegando de raiva. Só se acalmou uns minutos depois, quando já estávamos prontos para esvaziar as cinzas do Miffy na brisa e no quintal.

— Certo, Cameron — disse Keith, meneando a cabeça. — Está na hora.

Ele me fez subir em uma cadeira velha de jardim e eu abri a caixa.

— Adeus, Miffy — disse o vizinho, e emborquei a caixa, esperando que o Miffy se derramasse.

O único problema foi que isso não aconteceu. Ele estava grudado lá dentro.

— Mas, que diabo! — exclamou Rube. — É bem coisa do Miffy ficar todo grudento!

Eu queria olhar para ele e concordar, mas pensei melhor, por causa da mulher do Keith e tudo o mais. A única coisa que pude fazer foi sacudir a caixa, mas, mesmo assim, as cinzas não saíram.

— Ponha o dedo aí dentro e remexa um pouquinho — sugeri Octavia.

Norma só olhou para ela.

— Você não vai vir com gracinhas agora também, vai, garota?

— De jeito nenhum — respondeu Octavia, em tom sincero.

Boa ideia. Ninguém ia querer perturbar a senhora àquela altura do campeonato. Ela parecia prestes a esganar alguém.

Desvirei a caixa e me encolhi, antes de revolver as cinzas com a mão.

A tentativa seguinte de esvaziá-la foi bem-sucedida. O Miffy foi libertado. Enquanto Sarah batia a foto, o vento colheu as cinzas e as espalhou pelo quintal do Keith e do outro vizinho.

— Ah, não — disse ele, coçando a cabeça. — Eu sabia que devia ter dito ao pessoal aí do lado para tirar a roupa da corda...

Os vizinhos usariam o Miffy na roupa por pelo menos uns dois dias.

A PAUSA DA MORTE

Faço uma pausa momentânea e pensamentos de morte me atropelam. O cão me permite esse descanso, por respeito.

A multidão acalmou-se, e eu penso na morte, no céu e no inferno.

Ou, para ser sincero, penso no inferno.

Não há nada pior do que pensar que é exatamente para lá que você vai quando a eternidade chegar.

É para lá que costumo pensar que eu vou.

Às vezes me consolo com o fato de que é provável que a maioria das pessoas que conheço também vá para o inferno. Até digo a mim mesmo que, se a minha família toda vai para o inferno, prefiro ir junto a entrar no céu. Digo, eu me sentiria meio culpado. Lá estariam eles, ardendo por toda a eternidade, enquanto eu como pêssogos e, muito provavelmente, faço festinha em deploráveis lulus-da-pomerânia como o Miffy, no céu.

Sei lá.

Não sei.

Mesmo.

Basicamente, só espero levar uma vida decente. Espero que isso baste.

Depois de uma longa pausa, recomeço a caminhar.

Para dentro da noite.

Agora, a pergunta é: que diabo aconteceu depois? Sempre que penso em todo o desastre que foi a morte do Miffy, a história se turva na minha cabeça.

Na terça-feira, fui à casa do Steve e ele me disse que haveria um jogo importante naquele domingo. Recomeçaram os telefonemas para o Rube, e agora, ao fundo, também era possível ouvir Julia, a Vadia.

Sarah comprou um álbum para colocar suas fotos e, quando as espalhou no chão para arrumá-las na noite de quinta-feira, fui até lá e me senti para vê-las junto com ela. Havia uma porção de fotos que eu ainda não tinha visto.

Papai saindo do seu furgão depois do trabalho.

A Sra. Wolfe dormindo no sofá, uma noite.

Uma pessoa anônima batalhando para andar por nossa rua, no dia daquela chuvurada toda.

E havia, é claro, Octavia e eu, o Rube esmurando o saco de boxe no porão, e a sequência de quando Miffy morreu. Depois vinham várias fotos de sobras de comida sendo requentadas na cozinha, uma das fotografias de todos nós em épocas diferentes penduradas na parede da sala, e havia até uma foto do Steve na rua, com sua bolsa do futebol americano, prestes a sair para um jogo.

Notei que a única coisa que faltava era a própria Sarah. Por isso, peguei a câmera de mansinho, ajustei e foco e bati uma foto da minha irmã dispondo todas as fotografias para o álbum. Cortei um pouco o ombro esquerdo dela, mas o principal era que se podia ver a paz no seu rosto e suas mãos tocando as fotos. Ela parecia viva.

Sarah examinou a Polaroid e deu sua aprovação:

— Nada mau.

No sábado seguinte, Octavia me levou à casa dela. O papai tinha tirado o dia de folga, e por isso eu estava livre.

Estava no meio da tarde quando descemos sua rua e cruzamos o portão. Fiquei pensando em por que meu coração estava acelerado quando ela abriu a porta e chamou:

— Mamãe? Você está aí?

Uma senhora veio de um cômodo nos fundos. Octavia me dissera que já não tinha pai. Ele fora embora com outra pessoa, fazia anos.

A senhora olhou para mim e sorriu. Tinha a mesma boca da Octavia e os mesmos olhos verde-mar. Só mais velhos.

— É um prazer conhecê-lo, Cameron — disse ela.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Ash.

Ela foi muito amável comigo. Ofereceu-me café e conversou. Fez perguntas. Sobre mim. Sobre os outros Wolfe. Em algum lugar, no meio disso tudo, percebi que ela estava pensando, *Ah, então é você o tal*. Eu era aquele que Octavia sabia que amava. Nunca uma sensação melhor viveu dentro de mim.

Um pouco depois, voltamos ao antigo cinema e assistimos a um filme chamado

Agonia e êxtase. Foi, sem sombra de dúvida, o melhor filme que eu já tinha visto na vida. Era sobre Michelangelo pintando o teto da Capela Sistina, e como tinha que ficar perfeito, e como ele quase se destruiu no processo de pintá-lo. Pensei em quanto sofrimento ele havia enfrentado, pura e simplesmente porque *precisava* fazer aquilo. Fiquei sentado ali, assombrado. Isso nunca tinha me acontecido por causa de um filme.

Até quando os créditos passaram correndo pela tela, minha mão apertou a de Octavia e ficamos sentados, completamente imóveis.

Mas foi só depois que a verdadeira importância daquele dia chegou.

Octavia e eu estávamos na varanda, pouco antes de irmos para a estação, ainda falando sobre o filme. A cidade estava envolta em nuvens e os matizes pálidos da chuva formavam cobertores luzidios em volta dos postes de iluminação.

Fazia quase meia hora que estávamos conversando quando ela perguntou:

— Existe alguma coisa que você já tenha desejado fazer com perfeição?

Concentrei-me na chuva, que começava a cair mais forte, e soube o que eu ia dizer. Aquilo se estendeu por dentro de mim e eu o disse em voz baixa.

— Uma coisa em que eu gostaria de ser perfeito? — Mas, naquele momento, não pude deixar de desviar os olhos. — Amar você — completei. As palavras me subiram à boca. — Eu gostaria de amar você de forma perfeita.

Então esperei pela reação.

Ela veio.

— Cam? — chamou Octavia. — Cameron?

Fez-me olhar para ela e vi o sentimento que crescia em seu peito. Levei sua mão à minha boca e a beijei.

— É verdade — insisti, mesmo sabendo que ela acreditava. Aquilo estava dentro de mim e ao meu redor. — O único problema — continuei — é que sou apenas humano. Vou só fazer o melhor possível, está bem?

Octavia assentiu e, apesar de sabermos que ela precisava ir embora, ficamos um bom tempo na varanda, usando a chuva como desculpa. A concha ainda pendia do pescoço dela, mas agora não parecia tão óbvia quanto no começo. Agora parecia que sempre estivera ali.

Na tarde de domingo, chegamos do cais e todos já tinham saído para o jogo do Steve. Calculei que poderíamos dar um pulo lá mais tarde.

Era só Octavia e eu.

Esperamos.

Conversamos.

Esperamos mais um pouco e, antes do que eu havia pensado, ela me pegou pela mão e fomos para o meu quarto e do Rube. Fechamos a porta. Fechamos as cortinas.

Lá dentro, eu me senti na cama e Octavia se abaixou e tirou os sapatos. Não houve palavras quando se levantou e se aproximou de mim.

Olhando para mim, desabotoou a blusa. Suas mãos foram para as costas e ela abriu o suíã. A peça caiu no chão e, a seguir, ouvi o botão do jeans se abrindo. Em seguida, o

zíper. Ela deu um passo para trás, abaixou o jeans e tirou os pés, o esquerdo primeiro, ligeiro desequilíbrio, depois o direito. A calça ficou no chão e só me restou apreciar Octavia em todo o seu encanto.

Ela ajoelhou sobre mim, tirou minha jaqueta e desabotoou minha camisa de flanela.

Suas mãos acariciaram a nudez da minha barriga e subiram por meus braços, e ela tirou minha camiseta. Deixou as unhas deslizarem pela pele do meu pescoço e, bem devagar, elas foram descendo por meu peito, minhas costelas, e voltando para minha barriga.

— Está tudo certo, Cam — sussurrou ela.

Enquanto os arrepios se estendiam pela minha pele, abriu delicadamente minhas calças e as tirou. Os sapatos foram junto, depois as meias. Ficou tudo em uma pilha amontoada perto de nós quando Octavia me fez deitar no chão.

— Está tudo bem — voltou a murmurar.

— Como você pode...

— Shhh...

A voz dela me acalmava, mas eu tinha que terminar a pergunta que ia fazer.

— Como você pode fazer isso comigo, quando outro sujeito bateu em você e a machucou? Como pode suportar ficar nua e me deixar tocá-la?

Octavia parou.

E disse:

— Você é você.

Beijou-me e me tocou e me abraçou. Cobriu-me e deslizou os lábios por meu corpo todo, e nunca senti um quarto girar e se enrolar e se quebrar em ondas como aquele quarto naquele dia.

PERFEIÇÃO

Sáimos para um campo aberto onde o céu se torna o teto da Capela Sistina.

Paramos embaixo dele.

Perfeição.

E eu me pergunto qual seria a sensação de tocá-lo.

Como seria tocar uma coisa feita com toda a perfeição que um ser humano pode esperar alcançar? Para onde se iria depois disso? O que restaria para ver?

Você ficaria inspirado?

Ou se deprimiria, sabendo que nunca teria a esperança de completar algo que se aproximasse daquilo?

Ficamos ali, e a escuridão retorna.

E então, por um momento, o céu é feito de Octavia Ash e eu.

Por um segundo humano.

Então desaparece.

Isso me faz pensar que eu gostaria de amá-la com perfeição.

Dar tudo de mim.

Ou, pelo menos, dar o melhor que um humano como eu possa dar.

De certo modo, às vezes eu gostaria que estas páginas não fossem além das últimas palavras do último capítulo, mas o inverno ainda não havia acabado de verdade.

Foi na noite da terça-feira seguinte que Rube e eu fomos à casa do Steve e, depois, ao campo. Todos demos chutes a gol e, apesar de eu ter errado a maioria, não teve muita importância. O Steve foi preciso como sempre e estava ansioso pelas finais.

Antes de irmos lá, o Rube recebeu outro telefonema. Era o primeiro depois de algum tempo, e eu o ouvi falar alto, em um tom veemente:

— É, foi o que você disse da última vez, parceiro. Você não vai aparecer. Está desperdiçando o meu tempo e a conta de telefone da sua mãe, pelo jeito. — Ouviu por um instante. — Bom, então me faça a porcaria da gentileza de aparecer desta vez. Tá legal? Certo. Ótimo.

Entrei na cozinha no instante em que ele batia o telefone.

— De novo? — perguntei.

— É.

Naquela noite, conversamos no quarto, cada um na sua cama. Havia algum tempo que não fazíamos isso, e foi uma sensação boa. Acabamos entrando no assunto de Julia, a Vadia, e do Telefonador.

— Oito da noite, na sexta-feira — foi o que Rube me disse no escuro. — Se ele aparecer.

— Ele vai aparecer.

— Como você sabe?

— Não sei. É que parece que ele vem tentando encher seu saco há muito tempo, só que, mais cedo ou mais tarde, virá atrás de você. Talvez esta sexta seja o dia. — Lembrei-me da garota, Julia. Eu não confiava nela. De jeito nenhum eles deixariam o Rube em paz. Iriam atrás dele, com certeza. — Acho que dessa vez vai acontecer.

— Bem, veremos.

— Você precisa de mim por lá?

— Se você quiser ir.

— Eu quero.

E foi só.

Nós dois socamos o saco de boxe no porão na noite seguinte, e eu me habituei à ideia de que a coisa iria acontecer.

Quando chegou a sexta-feira, os nós dos dedos do Rube pareciam concreto, e os meus também haviam endurecido, de tanto esmurrar o saco de areia. Saímos de casa como na vez anterior, às quinze para as oito.

Chegamos cedo ao velho pátio da ferrovia.

Esperamos.

Meu coração machucou minhas costelas.

E de novo.

Nada aconteceu.

Às oito e quinze, resolvi ir embora.

Na metade da viela, percebi que meus passos estavam sozinhos. Rube iria esperar lá, e achei que não sairia enquanto o sujeito não aparecesse.

— Você não vem? — perguntei, virando-me.

Ele balançou a cabeça.

— Desta vez, não.

Voltei até ele e perguntei:

— Quer que eu espere?

Ele balançou a cabeça de novo e fez sinal para eu ir embora.

— Não se preocupe com isso, Cam. Acho que você já demorou o bastante aqui.

Fiz meia-volta e, admito, não fiquei triste por ir embora. É claro, também senti certa culpa, mas para mim estava encerrado. No início do beco, pouco antes de virar na rua, girei mais uma vez para dar uma olhada no meu irmão. A sombra dele estava encostada na cerca, ainda esperando. Um dos pés estava apoiado no arame, e mal discerni a fumaça do seu hálito quente se formando no último ar noturno do inverno. Por um instante, quase acenei, mas me virtei e continuei a andar.

Quando cheguei em casa, Sarah me perguntou onde estava o Rube. Respondi que ele tinha decidido ficar um pouco na rua. Isso não era incomum, de modo que não se disse mais nada.

Tentei ficar acordado e esperar por ele.

O livro que eu estava lendo era bom, mas mesmo assim adormeci no sofá. Quando todos os outros estavam indo dormir, me acordaram e me disseram para deitar também, mas tentei recomeçar a ler. Só que estava muito cansado, embora decidido a ver o Rube entrar pela porta da frente.

Queria ver o rosto dele.

Sem marcas.

Sem machucados.

Queria ouvir sua voz me dizer para levantar, rindo ao passar por mim.

Mas, naquela noite, meu irmão Rube não voltou para casa.

Passava um pouco da meia-noite quando acordei com um sobressalto silencioso. Abri os olhos e foi como se a luz amarela da sala os cortasse.

Fui atingido duas vezes por uma ideia.

Rube.

Rube.

O nome dele repetiu-se dentro de mim enquanto eu me levantava do sofá e andava devagar até o nosso quarto. Esperava sem esperança encontrá-lo lá dentro, esparramado na cama. A escuridão do corredor me envolveu. As tábuas rangeram, denunciando minha presença. Então, quando a porta se entreabriu, meus olhos entraram no quarto à minha frente. Estava vazio.

Acendi a luz e senti um arrepio. Ela me ofuscou e compreendi. Eu ia sair de novo, na

noite.

Na sala, calcei os sapatos da forma mais silenciosa possível, vesti de novo a jaqueta e segui pela cozinha, em direção à porta de entrada. Um luar pálido dormitava no céu. Saí para o frio inseguro da rua.

Um mau pressentimento se intensificou no meu estômago.

Subiu para minha garganta.

Logo depois, enquanto andava depressa para o velho pátio ferroviário, senti-o ganhando força por dentro de mim. Havia uns bêbados que me fizeram chegar para a beira da calçada. Carros avançaram velozes na minha direção, com o brilho de seus faróis, passaram e desapareceram.

Minhas mãos transpiravam dentro dos bolsos da jaqueta. Meus pés estavam frios na quentura dos sapatos.

— Ei, garoto — chamou-me uma voz engrolada.

Evitei-a. Empurrei o sujeito que havia falado e desatei a correr, até avistar o beco.

Quando cheguei lá, sentia as batidas do coração dilacerando meu peito.

O beco.

Estava deserto.

Deserto e escuro, exceto pelo luar que se alargava e parecia derramar-se em todos os cantos esquecidos da cidade. Farejei alguma coisa. Medo.

Senti seu gosto.

Tinha o gosto de sangue na boca, e senti-o deslizar por mim e me rasgar, e então vi...

Havia uma figura sentada no chão, toda torta, encostada na cerca.

Alguma coisa me disse que o Rube não se sentava assim.

Chamei-o pelo nome, porém mal escutei minha voz. Havia em meus ouvidos um martelar gigantesco, que bloqueava todo o resto.

Chamei de novo.

— Rube!?

Quanto mais me aproximei, mais tive certeza de que era ele. Meu irmão estava tombado junto à cerca e vi o sangue que lhe inundava a jaqueta, as calças e a frente da velha camiseta de futebol.

Suas mãos agarravam a cerca.

A expressão de seu rosto era algo que eu nunca tinha visto nele.

Eu soube o que era porque também estava sentindo.

Era medo.

Era medo, e Ruben Wolfe nunca sentira medo de nada nem ninguém na vida, até aquele momento. Estava sentado sozinho no centro da cidade, e compreendi que só uma pessoa não poderia ter feito aquilo com ele. Imaginei-os segurando Rube e se alternando. Seu rosto quase achou o caminho de um sorriso ao me ver e, como uma brisa cortando o silêncio, ele me disse, em tom inexpressivo:

— Oi, Cam. Obrigada por ter vindo.

A pulsação em meus ouvidos cedeu e eu me agachei ao lado de meu irmão.

Percebi que ele se arrastara para aquela posição junto à cerca. Havia uma pequena trilha de sangue deixando um borrão cor de ferrugem no cimento. Ele parecia haver se arrastado por dois metros, até não poder mais e não conseguir continuar. Eu nunca tinha visto Ruben Wolfe derrotado.

— Bem — ele estremeceu —, acho que os caras me pegaram de jeito, né?

Eu tinha que levá-lo para casa. Ele tremia incontrolavelmente.

— Você consegue se levantar?

Rube tornou a sorrir.

— É claro.

Ainda estava com o sorriso pousado nos lábios quando se ergueu junto à cerca, trôpego, e desabou. Alcancei-o e o segurei. Ele escorregou por meus braços e caiu de bruços, agarrando a rua.

A cidade estava inchada. O céu continuava entorpecido.

Ruben Wolfe estava de cara no chão, com o irmão postado a seu lado, desamparado e com medo.

— Você tem que me ajudar, Cam — disse ele. — Não consigo me mexer. — Suplicou. — Não consigo me mexer.

Virei-o de barriga para cima e vi o impacto que ele sofrera. Não havia tanto sangue quanto eu tinha suposto, mas o rosto havia sido destruído pelo céu noturno que caiu sobre ele e o tornou real.

Arrastei Rube de volta à cerca, escorei-o e o levantei. Mais uma vez, ele quase caiu e, quando começamos a andar, percebi que ele não conseguiria caminhar.

— Desculpe, Cam — murmurou ele. — Sinto muito.

Ele estava de novo no chão, e só havíamos percorrido uns cinco metros.

Descansei um minuto, com meu irmão ainda deitado de costas...

Enquanto a lua era tragada por uma nuvem, enfiei os braços por baixo das costas e das pernas dele e o levantei. Segurei Rube no colo e o carreguei pelo beco, em direção ao mundo mais largo da rua.

Meus braços doíam e acho que Rube desmaiou, mas eu não podia parar. Não podia deixá-lo cair. Tinha que chegar em casa.

As pessoas olharam para nós.

O cabelo ondulado e cheio do Rube pendia para o chão.

Caiu mais um pouco de sangue na calçada. Pingou do Rube em mim e na calçada.

Era o sangue do Rube.

Era meu sangue.

O sangue dos Wolfe.

Alguna coisa doía bem dentro de mim, mas continuei a andar. Tinha que ir em frente. Sabia que, se parasse de carregá-lo, seria mais difícil prosseguir.

— Ele está bem? — perguntou um cara jovem, de jeito festeiro.

Só consegui dar um aceno afirmativo com a cabeça e seguir andando. Só pararia quando o Rube estivesse na cama e eu estivesse a seu lado, protegendo-o da noite e dos

sonhos que o despertariam nas horas esmagadoras até o amanhecer.

Veio enfim a última esquina antes da nossa rua, e eu o levantei com um último esforço.

Ele gemeu.

— Vamos lá, Rube, a gente vai conseguir — falei para ele.

Quando penso nisso agora, não entendo como consegui chegar tão longe. Ele era meu irmão. É, foi isso. Ele era meu irmão.

No nosso portão, usei um dos pés do Rube para abrir o trinco e subi os degraus da varanda.

— A porta — falei, mais alto do que pretendia, e, depois de colocá-lo no chão da varanda, abri a porta de tela, enfiei a chave e me virei de novo para ele.

Meu irmão. *Meu irmão Rube*, pensei, e meus olhos doeram.

Ao andar novamente na sua direção, meus braços latejavam e a coluna me entortava as costas. Quando tornei a levantá-lo, quase caímos de cara na parede.

No trajeto pela casa, consegui dar com um dos joelhos do Rube em um batente de porta e, quando entrei no quarto, Sarah estava parada lá, com os olhos sonolentos, até que o pavor lhe estrangulou o rosto.

— Que diabo...

— Fique quieta — retruquei. — Só me ajude.

Ela tirou o cobertor da cama do Rube e eu o deitei. Meus braços estavam em chamas quando tirei sua jaqueta e a camiseta, deixando-o de jeans e botas.

Rube tinha uma porção de cortes e hematomas. Algumas costelas pareciam quebradas e um olho estava completamente roxo. Até as juntas de seus dedos sangravam. *Ele acertou uns bons socos*, pensei, mas nada daquilo significava mais coisa alguma.

Ficamos parados ali. Sarah olhou do Rube para mim, reconhecendo o sangue dele nos braços da minha jaqueta. Chorou.

A luz estava apagada, mas a do corredor acendeu-se.

Sentimos mais alguém chegar e eu soube que era a Sra. Wolfe. Sem sequer olhar, pude imaginar a expressão de dor em seu rosto.

— Ele vai ficar bom — consegui dizer, mas ela não foi embora. Veio andando na nossa direção enquanto a voz do Rube lutava para me alcançar.

A mão dele saiu de debaixo do cobertor e segurou a minha.

— Obrigado — disse ele. — Obrigado, irmão.

A luz pálida da janela me atingiu. Meu coração uivou.

ESTÁ NOS OLHOS

Agacho-me, com braços, olhos e pernas exaustos.

Em silêncio, o cão me pede para seguir um pouco mais. A cabeça ainda pende e a respiração é visível no último ar noturno antes do alvorecer. Enquanto andamos pela rua, o cão ganha o tom cinza-pistola da primeira luz.

Alguém espera no fim da rua, e eu sei quem é. Ele usa uma roupa igual à minha e está com as mãos nos bolsos, como eu. Ele aguarda.

Quando o cão se senta, toco nele pela primeira vez — o pelo grosso, cor de ferrugem, ainda atrevidamente espetado em direção ao céu. Amo a força dele em meus dedos. De sentir sua verdade.

E então penso nos olhos.

Olho dentro dele e deixo os olhos acenderem os meus.

Os olhos da fome.

Os olhos do desejo.

Quero ficar, mas não fico, e levanto a mão devagar e me afasto.

Quando viro para trás, falo para os olhos. Meneio a cabeça e digo obrigado, sabendo que farei o resto do percurso sozinho.

O humano me espera no fim da rua, mas, antes de chegar lá, viro-me pela última vez.

Tenho certa expectativa de que o cão vá embora, mas ele não vai. Pagou por esse momento. Levou-me até ali, e agora devo a ele seguir adiante e ir até o fim. Ele merece ser alimentado.

— Foi a fome que me guiou pela noite — murmuro. Minha voz vacila. — Foi a fome. Foi você...

Ele ouviu o que eu disse, e agora se vira para ir embora.

Bruto e cru e real, como o sentimento dentro de mim.

Uma coisa eu tenho que reconhecer.

Na manhã seguinte, o Rube de fato se levantou e foi trabalhar com o papai e comigo. Estava machucado e ainda propenso a sangramentos, mas, mesmo assim, apareceu e trabalhou com todo o empenho que pôde. Acho que não há muitas pessoas capazes de levar uma surra daquelas e levantar no dia seguinte para trabalhar.

O Rube era assim.

Não há mais nada que eu possa dizer para explicar.

Todos acordaram de manhã, com a discussão entre ele e o papai, mas, terminada a briga, a história acabou. A Sra. Wolfe pediu, ou melhor, implorou para que o Rube passasse mais noites em casa, e não houve jeito de ele negar isso. Concordou plenamente, nós entramos no carro e fomos embora.

Era o meio da tarde quando Rube enfim perguntou por alguns dos detalhes mais obscuros da noite anterior.

— E então, até onde foi, Cam?

Suas palavras surgiram e se postaram na minha frente. Queria a verdade.

Parei de trabalhar.

— Até onde foi o quê?

— Você sabe. — Ele viu sua imagem nos meus olhos. — Até onde você me carregou, ontem à noite?

— Um bom pedaço.

— O pedaço todo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Desculpe — começou a dizer, mas nós dois sabíamos que não era necessário.

— Esqueça — retruquei.

O resto da tarde passou bem depressa. Fiquei observando Rube trabalhar de vez em quando, e de algum modo soube que ele ficaria bem. Era seu jeito de ser. Se estivesse vivo, ele ficaria bem.

— Está olhando o quê? — perguntou ele mais tarde, quando me viu a observá-lo, intrigado.

— Nada.

Até nos permitimos uma risada, especialmente eu, porque resolvi que tinha que parar de ser flagrado observando as pessoas. Observar as pessoas não é realmente um mau hábito, na minha opinião. É a parte de ser apanhado que preciso evitar.

Ao chegarmos em casa, Octavia já estava lá. Quando viu Rube, seu rosto ficou parecido com o de Sarah na noite anterior.

— Nem pergunte — disse meu irmão, ao passar por ela.

Quando me viu, ela pareceu aliviada por eu não estar como o Rube. Apenas murmurou as palavras, sem emitir som: *O que aconteceu?*

— Depois eu conto — respondi.

Na escrivadinha do quarto, havia um presente à minha espera. Era uma velha máquina de escrever cinza, com teclas pretas. Parei para contemplá-la, a alguns passos de distância.

— Gostou? — veio uma voz de trás de mim. — Eu a vi em uma loja de artigos usados e tive que comprá-la. — Ela sorriu e tocou no meu braço por trás. — É sua, Cam.

Andei até lá e a toquei. Deslizei os dedos pelas teclas e as senti sob meu toque.

— Obrigado. — Virei para ela. — Obrigado, Octavia. É linda.

— Ótimo.

Sarah passou algum tempo ao telefone, falando com o Steve. A semifinal dele seria no dia seguinte, e Octavia e eu resolvemos ir. O que eu não contava era com o Steve aparecendo lá em casa mais tarde naquela noite.

Octavia e eu estávamos na varanda quando o carro dele parou e o Steve veio na nossa direção. Ficou parado ali.

— Oi, Octavia. Cam.

— Oi, Steve.

Levantei-me e nós nos olhamos. Pensei na última vez que havíamos conversado ali. Mas naquela noite o rosto do Steve estava desolado, como estivera no estádio, lá no começo do inverno.

— Fiquei sabendo o que aconteceu ontem — começou ele. — A Sarah me contou por telefone.

— Você veio falar com o Rube? — perguntei. — Ele foi deitar, mas acho que ainda está acordado.

Fui abrir a porta, mas o Steve não entrou. Ficou parado na minha frente, sem se mexer.

— O quê? — perguntei. — O que é?

A voz dele foi abrupta, mas baixa.

— Não vim falar com o Rube. Vim falar com você.

Octavia se remexeu no banco e continuei concentrado em meu irmão Steve.

— A Sarah me contou que ontem à noite você o carregou do velho pátio ferroviário até em casa... — falou ele.

— Não foi nada...

— Não. Não minta, Cam. Foi *alguma coisa*. — Ele se erguia acima de mim, mas agora era só uma coisa física. Uma questão de altura. — Foi alguma coisa, está bem?

Concordei com ele.

— Está bem.

Sorrimos um para o outro.

Steve ficou parado.

Eu fiquei parado.

O silêncio juntou-se a nossos pés, e sorrimos um para o outro.

Ele entrou um pouco depois, mas não demorou muito. Octavia também foi embora,

e eu entrei para usar a máquina de escrever. Na verdade, ela me assustou, porque eu queria escrever nela com perfeição. Pouco depois das dez horas, ainda a observava.

Logo, pensei comigo mesmo. As palavras virão logo...

Octavia e eu fomos mais cedo ao cais, no dia seguinte, para termos certeza de que não perderíamos o jogo do Steve.

Eu estava perto da água, escutando a música da Octavia a distância, quando o Rube parou a meu lado. Fiquei surpreso ao vê-lo, mas notei que seu rosto já tinha melhorado um pouco.

— Oi, Cam — disse ele.

— Oi, Rube.

Estava nervoso, deu para perceber.

— O que você veio fazer aqui? — indagui.

Suas mãos brincavam com os bolsos quando ele se agachou. Nós dois contemplamos a água, e percebi que Rube estava desmoronando, só um pouquinho. Ele olhou para a frente e disse:

— Eu tinha que vir lhe dizer uma coisa...

Olhou para mim então. Estávamos nos olhos um do outro.

— Rube? — chamei.

A água do cais subia e mergulhava.

— Olhe — disse ele —, passei a vida inteira meio que esperando que você me admirasse, sabe?

A expressão de seu rosto me buscou. Assenti.

— Mas agora eu sei — prosseguiu. — Agora eu sei.

Esperei, mas não veio nada. Então perguntei:

— Sabe o quê?

Rube me encarou e sua voz estremeceu ao dizer:

— Que sou eu que admiro você...

Suas palavras giraram ao meu redor e entraram em mim. Penetraram sob a minha pele, e eu soube que não havia como tornarem a sair. Ficariam ali para sempre, assim como o momento entre mim e Ruben Wolfe.

Ficamos ali, agachados.

Pensando em coisas verdadeiras.

E, quando enfim nos levantamos e viramos para enfrentar o mundo, senti uma coisa me escalando por dentro. Senti-a nas mãos e nos joelhos, por dentro, subindo, subindo... e sorri.

Sorri e pensei: *A fome*. Porque eu a conhecia muito bem.

A fome.

O desejo.

E então, lentamente, enquanto caminhávamos, senti a beleza e o sabor daquilo, como palavras na minha boca.

AS BORDAS DAS PALAVRAS

Estou em casa.

Sento-me aqui, na escada dos fundos da minha mente, enquanto a cidade se levanta em direção ao horizonte, como sempre.

Nasce a luz do dia, o inverno vai morrendo, e a fome cresce dentro de mim.

A máquina de escrever aguarda...

Penso agora nas bordas das palavras, na lealdade do sangue, na música das meninas, nas mãos dos irmãos e em cães famintos que uivam pela noite.

Há inúmeros momentos a serem lembrados, e às vezes acbo que não somos pessoas, na verdade. Talvez sejamos momentos.

Momentos de fraqueza, de força.

Momentos de salvação, de tudo.

Vaguei pela vida real e me escrevi pela escuridão das ruas dentro de mim. Vejo pessoas andando pela cidade e me pergunto onde estiveram, e o que os momentos de suas vidas fizeram com elas. Se são parecidas comigo, seus momentos as sustentaram e as dembararam.

Às vezes, apenas sobrevivo.

Mas, às vezes, ergo-me no telhado da minha existência, de braços abertos, pedindo mais.

É então que as histórias aparecem em mim.

Elas sempre me encontram.

São feitas de perdedores e lutadores. São feitas de fome e desejo e de tentativas de levar uma vida digna. O único problema é que não sei qual dessas histórias vem primeiro.

Talvez todas se fundam em uma só.

Veremos, acbo.

Eu aviso quando decidir.

SOBRE O AUTOR

© Bronwyn Rennex



MARKUS ZUSAK nasceu em Sydney, em 1975, filho de pai austríaco e mãe alemã. Vive até hoje na cidade, com a mulher e a filha. Publicou seu primeiro romance em 1999, e também é autor de *O mensageiro* e *A menina que roubava livros*, best-seller internacional que figurou por mais de um ano nas listas de mais vendidos do Brasil.

CONHEÇA OUTROS
LIVROS DO AUTOR



A menina que
roubava livros



Eu sou
o mensageiro